

# REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES

Monteiro Lobato

Brenno Ferraz

N. 73

JANEIRO

1922

EDITORES

Monteiro Lobato

& Comp. - São Paulo

## SUMMARIO

|  |                               |    |
|--|-------------------------------|----|
| O MOMENTO . . . . .  | Redacção . . . . .            | 3  |
| S. PAULO NOS TEMPOS COLO-<br>NIAES . . . . .                             | Saint-Hilaire . . . . .       | 5  |
| UMA ESTAÇÃO DE AMOR . . .  | Horacio Quiroga . . . . .     | 17 |
| A VICTORIA DA MULHER NA<br>POESIA . . . . .                              | Benjamin Lima . . . . .       | 30 |
| EM TORNO DA GEOGRAPHIA DA<br>ALIMENTAÇÃO . . . . .                       | Bernardino José de Souza .    | 36 |
| NO TREM DE FERRO (versos) .  | Paulo Setubal . . . . .       | 40 |
| VARIANTE CARIOWA DE UM<br>SUB-DIALECTO BRASILEIRO .                      | Antenor Nascentes . . . . .   | 44 |
| O CURANDEIRO . . . . .   | Luiz Gonzaga Fleury . . . . . | 50 |
| IMPORTANCIA DA RIQUEZA MI-<br>NERAL NO PROGRESSO DAS<br>NAÇÕES . . . . . | Miguel Arrojado Lisboa .      | 56 |
| BIBLIOGRAPHIA . . . . .  |                               | 66 |
| RESENHA DO MEZ . . . . .   |                               | 70 |
| DEBATES E PESQUIZAS . . . . .  |                               | 82 |
| NOTAS DO EXTERIOR . . . . .  |                               | 90 |
| CARICATURAS DO MEZ . . . . .   |                               | 93 |

REVISTA DO BRASIL - RUA S. EPHIGENIA, 3-A — CAIXA, 2-B — S. PAULO  
ASSIGNATURAS: ANNO — 20\$000 EXTRANGEIRO — 25\$000; — NUMERO AVULSO — 1\$800.

# PRESENTES PARA FIM DE ANNO

NADA DE MELHOR QUE OS ULTIMOS  
LIVROS DE POESIAS EDITADOS POR  
**Monteiro Lobato & Cia.**

Primorosos na factura e excel-  
lentes como arte

RITO PAGÃO — *Rosalina Coelho Lisboa* —

primeiro premio da Academia de Le-  
tras — Brochado . . . . . 4\$000

— Encadernado em camurça . . . . . 12\$000

IPÊS — *Ricardo Gonçalves* — Brochado . . . . . 4\$000

ARTE DE AMAR — *Julio Cesar da Silva*, br. . . . . 4\$000

— Encadernado . . . . . 5\$000

JARDIM DAS CONFIDENCIAS — *Ribeiro Cou-  
to*, br. . . . . 3\$000

## PARA CREANÇAS:

O SACY, e FABULAS DE NARIZINHO, por *Monteiro Lobato e Voltolino* — Preço 2\$500 e 3\$000

# BYINGTON & CIA.

## Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcçao de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

## BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4

# LOTERIA DE S. PAULO

Em 27 de Janeiro

**20:000\$000**

Por, 1\$800

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM

TODA A PARTE

## MARIA E AS MULHERES BIBLICAS

Um dos mais bellos trabalhos literarios de Claudio de Souza, o mais fecundo e popular dos nossos escriptores theatraes. "Maria e as mulheres biblicas" — é uma reconstituição historica de alguns typos femininos tornados immortaes pelas suas grandes virtudes heroicas. Claudio de Souza, com o prestigio da sua arte, deu a essas mulheres uma vida estranha e miraculosa. Livro de grande moral e de empolgante suggestão. E' um livro que todas as senhoras de bom gosto devem lêr. A edição, feita pela "Revista Feminina", é um primor de arte typographica e illustrada com encantadoras gravuras.

Vende-se na redacção da "Revista Feminina", avenida S. João, 87. Preço, 4\$000. Pelo correio, registado 4\$500.

# A' GRAPHICA PAULISTANA

**S. MANTOVANI & COMP.**

## SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

## SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

**BENTO LOEB**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -  
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en  
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

# REVISTA DOS TRIBUNAIS

PUBLICAÇÃO OFICIAL DOS TRABALHOS  
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,  
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

**Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca**

10 annos de publicidade!

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| Anno . . . . .          | 40\$000 |
| Semestre . . . . .      | 20\$000 |
| Numero avulso . . . . . | 3\$000  |

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO

**PORCELLANAS**

---

**CRISTAES**

---

**ARTIGOS DE CHRISTOFLE**

---

**OBJECTOS DE ARTE**

---

**PERFUMARIAS**

---

**O melhor sortimento**

---

**Casa franceza de**

**L. GRUMBACH & CIA.**

---

**Rua de São Bento N.º 89 e 91**

**SÃO PAULO**

# REVISTA DO BRASIL

---

VOLUME XIX

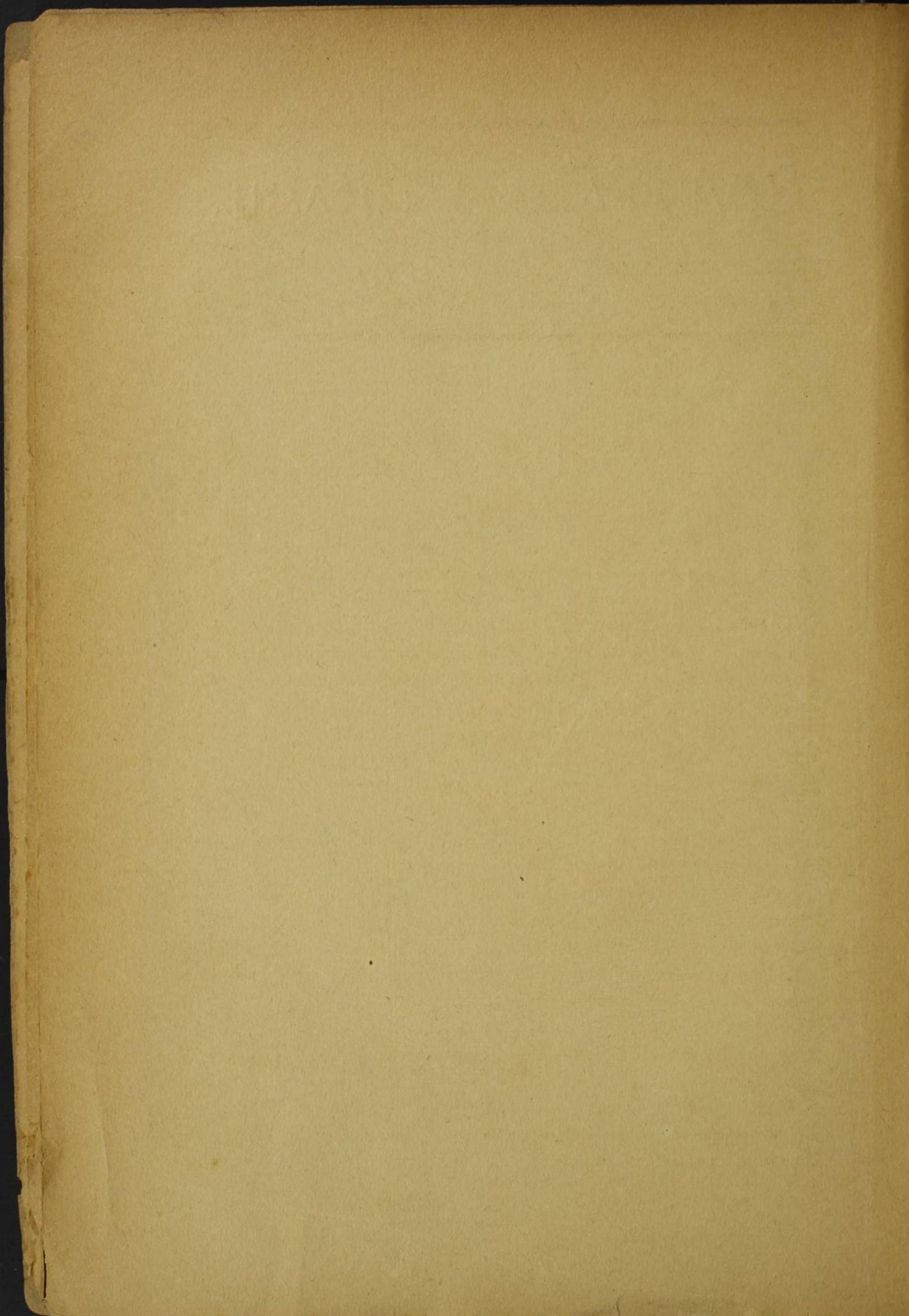
JANEIRO – ABRIL DE 1922

ANNO VII

---

S. PAULO - RIO

BRASIL



---

# REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

MONTEIRO LOBATO  
BRENNO FERRAZ

N. 73  
JANEIRO  
1922

EDITORES:

MONTEIRO LOBATO  
& COMP. — SÃO PAULO

---

## O MOMENTO

**N**ÃO ha em São Paulo tão real progresso como o das letras. Terra da riqueza em bruto, de formação typicamente americana, com a sua super-população extrangeira de variegados matizes raciaes em concorrença ao nacional, pauta o seu theor de vida pelo da caça ao milhão, tão rude e barbara como a caça ao ouro, de historica memoria nestas mesmas plagas. Milhão caçado, progresso realizado em todos os seus aspectos materiaes. Mas o deus-milhão, que faz tudo, não faz literatura, não a lê nem compra. Ella é o pária e párias suppõe: nasce do povo e suppõe esse povo que a lê e julga, que a sustenta, elle e só elle. O milhão, pae do progresso, pode ser extrangeiro. O povo que lê, esse — estejamos certos — é nacional desde que lê.

São Paulo não lia. Prosperava, progredia, truculentamente e só espantava pela truculencia dos progressos...

Ora, hoje, São Paulo lê. Tem uma literatura, com os seus autores e os seus editores, com o seu publico. E tudo isso se fez num abrir e fechar de olhos, na mais pujante expansão de um súbito e inesperado progresso. Em nenhuma das manifestações da nossa vida foi tão rapido esse progresso.

Neste pedaço do Brasil, mais que em qualquer parte, affirmando-se, pois, a nacionalidade, pelo livro e pelas letras, pelas affirmações mais cabaes.

Mas — dirão — o movimento literario em São Paulo se reduz a movimento livreiro, simplesmente. Caso apenas industrial, fructo do milhão paulista, portanto...

Com tudo, a "Revista do Brasil" e a sua casa editora se desenvolveram normal e gradualmente, de acordo com as circunstâncias da sua vida, sem nenhum artifício. Nasceram de um livro — "Urupês" e de nossos livros têm vivido. Não procuraram consagrações: consagraram elas próprias. A série das suas edições corresponde à galeria dos novos.

Convenhamos que não é essa a melhor maneira, nem a mais natural, de se fazer industria e commercio "livreiros", puramente...

Qual é, entretanto, a literatura paulista, quais os seus caracteres, as suas idéas, o seu programma?

Programma, idéas, caracteres estão nas suas obras, cujas edições foram consultas ao público e são hoje outros tantos triumphos. O nacionalismo entra nelas o bastante para tornal-as brasileiras, sem que degenerem em preconceito.

\* \* \*

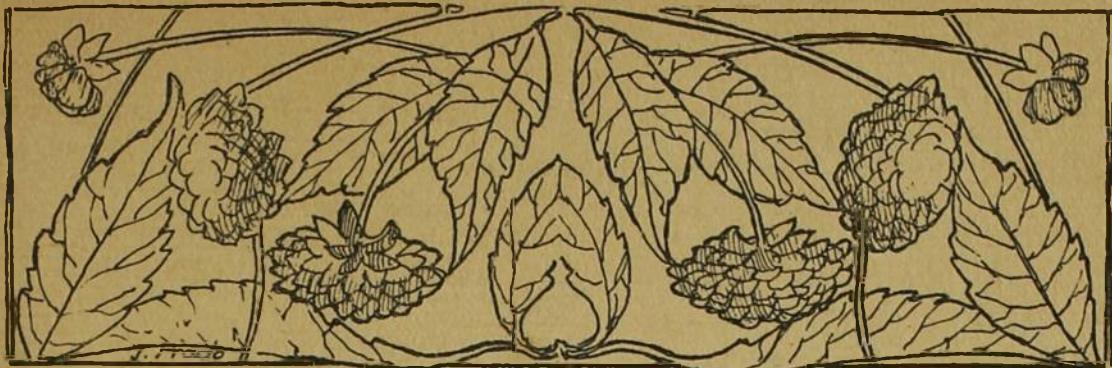
A casa editora da "Revista do Brasil" representa o progresso do livro paulista, com os seus 150.000 exemplares editados em 1921, sobre 50.000 no anno anterior.

Discrimina-se nos seguintes algarismos o movimento editorial desta casa, no correr do anno findo:

|  | Exemplares |  | Exemplares |
|--|------------|--|------------|
| <i>Narizinho arrebitado</i> . . . . .        | 50.000     | <i>Casa de Maribondo</i> . . . . .       | 3.000      |
| <i>Urupês</i> (7.ª edição) . . . . .         | 5.000      | <i>Esphinges</i> . . . . .               | 2.000      |
| <i>Fabulas</i> . . . . .                     | 5.200      | <i>Figurões vistos por dentro</i> . . .  | 2.000      |
| <i>O Sacy</i> . . . . .                      | 5.300      | <i>Vultos e Livros</i> . . . . .         | 2.000      |
| <i>Cidades Mortas</i> (3.ª edição) . . .     | 5.000      | <i>Mme. Pommery</i> (2.ª edição) . . .   | 2.000      |
| <i>A Allemanha saqueada</i> (2.ª edição) .   | 5.000      | <i>Lei do sello</i> . . . . .            | 2.000      |
| <i>A Renegada</i> (2.ª edição) . . . . .     | 5.000      | <i>Tradições e reminiscências</i> . . .  | 2.000      |
| <i>Senhora de engenho</i> (3.ª edição) . . . | 5.000      | <i>Ipês</i> . . . . .                    | 2.000      |
| <i>Scenas e paizagens</i> . . . . .          | 5.000      | <i>Arte de Amar</i> . . . . .            | 2.200      |
| <i>O Professor Jeremias</i> (4.ª edição) . . | 4.000      | <i>Rito pagão</i> . . . . .              | 2.000      |
| <i>Onda verde</i> . . . . .                  | 4.000      | <i>Jardim das confidências</i> . . . . . | 2.000      |
| <i>Os caboclos</i> . . . . .                 | 4.000      | <i>Fim</i> . . . . .                     | 2.000      |
| <i>Sapezaes e tigueras</i> . . . . .         | 3.300      | <i>Na Comtilândia</i> . . . . .          | 2.000      |
| <i>Lingua Nacional</i> . . . . .             | 3.000      | <i>O nome Brasil</i> . . . . .           | 2.000      |
| <i>Paiz de ouro e esmeralda</i> . . . . .    | 3.000      | <i>Código Commercial</i> . . . . .       | 4.000      |
| <i>Contribuindo</i> . . . . .                | 3.000      | <i>Elogio do Amigo</i> . . . . .         | 1.000      |

Além desses livros editados a casa adquiriu as seguintes edições de livros:

3.ª edição, *Vida Roceira*; 3.ª edição, *Lais*; 5.ª edição, *Sciencia do Lar Moderno*.



# S. PAULO NOS TEMPOS COLONIAES

POR AUGUSTO SAINT-HILAIRE

Membro da Academia das Sciencias do Instituto de França.

*O sr. Leopoldo Pereira, de Bello Horizonte, emprehendeu a traducçao da famosa "Voyage dans les provinces de Saint Paul et Sainte Catherine", de Saint-Hilaire. Tão citada quanto pouco conhecida, a obra do sabio frances é uma preciosidade, que passamos a vulgarisar, certos de que os leitores a acolherão com jubilo.*

## PROLOGO

PENSANDO que seria hoje agradavel a todos os brasileiros e particularmente aos paulistas conhecer por um testemunho imparcial e veridico o que era, ha um seculo de distancia, o actualmente grande e prospero Estado de S. Paulo, emprehendi traduzir da obra de Augusto de Saint-Hilaire *Voyage dans les provinces de Saint Paul et Sainte Catherine* a parte historica e descriptiva e fazer este livro, que especialmente dedico aos habitantes do vizinho Estado.

O auctor, notavel naturalista, que viveu seis annos entre nós e mais que nenhum outro estrangeiro nos soube conhecer, percorreu aquella região em 1819, escreveu a relação de sua viagem em 1849 e publicou-a em 1851. Muitos exemplares d'essa obra vieram para o Brasil; mas é facto que hoje raramente pode ella ser encontrada nas bibliotecas, tendo de todo desaparecido das livrarias. Seria de interesse traduzir a obra toda, mas por diversos motivos limitei-me a colher o que me pareceu mais atraente e instructivo, dando-lhe o titulo que leva.

Pela narrativa e pelo grande numero de notas que marginam as paginas, bem se vê quão estudiosa e miudamente procurou o auctor se informar, em nossas e alheias fontes, dos factos que relata, e quanto amava esta terra, para assim interessar-se pelas nossas cousas, tantos annos depois d'essa memoravel viagem, quando o Brasil ainda inculto e semibarbaro pudera ser para elle apenas uma reminiscencia de sua mocidade, consagrada a estudos scientificos. Devo tambem declarar que nem todas as notas traduzi.

Deixei tambem de lado a parte referente á então comarca de Curitiba, hoje Estado do Paraná, para que constasse este livro sómente do que interessa a S. Paulo. Verão por elle os paulistas, comparando com o estado actual de sua civilisação o de um seculo atras, quanto andaram nesse periodo de sua historia e com quanta razão podem orgulhar-se de seus esforços.

LEOPOLDO PEREIRA.

Bello Horizonte, 1921.

---

## CAPITULO I

### SYNOPSE HISTORICA

#### I

O portuguez Pedro Alvares Cabral havia partido de Lisbôa para as Indias Orientaes no anno de 1500; ventos contrarios o impelliram para oeste, e o Brasil foi descoberto.

Por esse tempo o rei de Portugal estava muito ocupado com as conquistas que seus generaes tinham feito nas Indias e que seus successores deviam pouco depois perder; desprezou o Brasil, que, no correr de dois seculos, forneceu a seu paiz immensas riquezas.

A costa septentrional do Brasil foi, todavia, explorada, e alguns particulares alli se estabeleceram: quanto á que se extende da Bahia de Todos os Santos até o Rio da Prata, apenas era conhecida. O rei D. João III resolreu, enfim, assegurar os direitos que Portugal cria ter sobre essa região, e encarregou Martim Affonso de Souza de tomar posse d'ella. Não podia fazer melhor escolha: era elle, diz um historiador, o mais virtuoso dos cortesãos, o mais discreto dos conselheiros, o mais habil dos generaes.

Martim Affonso sahiu de Lisbôa pelos fins do anno de 1530, e a 30 de Abril de 1531 (1) entrou na bahia do Rio de Janeiro, que os indigenas

---

(1) Tod s os historiadores dizem que Martim Affonso entrou na bahia do Rio de Janeiro em 1 de Janeiro, mas o diario de navegação deste illustre homem (*Diario de navegação, etc.*), que se deve a seu irmão Pedro Lopes de Souza, publicado com eruditas notas por Adolpho de Varnhagen prova claramente ser erronea esta data.

chamavam Ganobará ou Nithoi. Como os Tamoios, indios desconfiados e bellicosos, lhe não permittissem estabelecer-se alli, proseguiu em sua derrota até o rio da Prata; depois, de volta para o norte, entrou, a 20 de Janeiro de 1532, em uma bahia, que, protegida por duas ilhas proximas da terra firme, offerece o melhor ancoradouro de toda aquella costa. Tinha ordem do soberano para fundar uma colonia no sul do Brasil: foi esta a paragem que escolheu, e lançou na ilha de S. Vicente as bases da Capitania de S. Vicente, cuja historia está ligada á de quasi todo o Brasil, e que mais tarde teve o nome de Capitania de S. Paulo.

Erradamente se tem representado como uma vil quadrilha de bandidos os primeiros incolas da nova colonia. Entre os que acompanhavam Martim Affonso havia até fidalgos de Portugal e da ilha da Madeira; mas é natural que todos participassem dos vicios como das brilhantes virtudes da epocha; eram o que foram, pelos meados do XVI seculo os mais portuguezes. A uma fé viva, mas pouco esclarecida, a uma generosidade que orçava pela imprevidencia, alliavam um espirito emprehendededor e aventureiro, grande intrepidez, muito orgulho e audacia, amor da gloria, ambição de riqueza para gastar e brilhar, e principalmente uma rudeza de costumes, contra a qual em vão luctava a ineffavel docura do christianismo. Povo nenhum europeu nesse tempo estava isento dessa rudeza, e se os paulistas a conservaram mais longamente, é porque a entretinham por suas gigantescas incursões nos desertos e pela perseguição que fizeram aos indios durante tantos annos.

Quando Martim Affonso aportou na ilha de S. Vicente, esta parte do Brasil era occupada pelos pacificos indios Guayanazes, que habitavam o planalto situado ao norte da cordilheira maritima, mas em certa epocha do anno desciam ao littoral para colher ostras e outros mariscos.

Na occasião em que entraram os portuguezes na bahia, estavam pescando na costa indigenas habitantes do planalto. Espantados da grandeza das naus européas, puzeram-se em fuga, e foram contar em sua aldêa que acabavam de ver pirogas, que estavam para as suas como as mais altas arvores das florestas estão para as mais humildes hervas dos campos, e que homens de côr branca sahiram dellas e pareciam querer estabelecer-se e fortificar-se na terra.

O chefe desses indios julgou que o procedimento desses homens era um insulto, e a todos os caciques da vizinhança deu aviso do que se passava. Apressou-se em comunicar o facto a Tibiriçá, que governava os habitantes dos campos de Piratininga, ao qual tributava grande respeito toda a nação dos Guayanazes, porque nenhum chefe era, como elle, tão poderoso e tão bom guerreiro.

Não era Martim Affonso o primeiro europeu que havia tocado nessa costa. Entre os Guayanazes vivia desde muito tempo um portuguez escapo de um naufragio, a quem Tibiriçá dera uma filha por esposa. Este homem, chamado João Ramalho, como não houvesse visto abordar essas

paragens homem algum de sua nação, pensou que os de que se falava, alli tivessem sido impellidos por tempestades, quando demandavam as Indias Orientaes. Compadecido da triste sorte, como suppunha, de seus compatriotas, conseguiu interessar tambem por elles seu sogro e persuadil-o de que lhe havia de ser muito vantajoso acolher como amigos os portuguezes. Acompanhado do genro, Tibiriçá se poz a caminho para S. Vicente com trezentos homens de arco. Quando João Ramalho avistou os portuguezes, levantou a voz e de longe se fez entendido na lingua materna, certificando a seus compatriotas que os Guayanazes não vinham como inimigos. Os dous povos se approximaram e se alliaram contra as tribus indias que pretendessem perturbar sua tranquillidade, e como signal de regosijo, os europeus misturaram o ruido de sua artilharia aos sons dos instrumentos que acompanhavam as danças dos selvagens. (1)

Não tendo já que temer destes, Martim Affonso occupou-se activamente da construcção da nascente cidade; permitiu aos seus que fizessem plantações na ilha de S. Vicente, nomeou officiaes de justiça, assegurou por sabios regulamentos a tranquillidade dos novos colonos e de suas propriedades. A elle, pois, é que é devido o primeiro estabelecimento regular que os portuguezes fundaram no Novo Mundo.

Não se contentou este homem illustre, como tantos outros capitães portuguezes, com explorar a costa; quiz conhecer tambem o interior das terras. Vencendo mil perigos, subiu a cadêa maritima, chamada pelos indios Paranapiacaba, (2) e do alto dessas elevadas montanhas poude fazer uma idéa exacta da magnifica região de que tomava posse para a monarchia portugueza, e penetrou até á planicie de Piratininga (1532), dominio de seu fiel alliado, o cacique Tibiriçá.

O rei D. João III acabou por convencer-se, enfim, de que o Brasil tinha algum valor; mas, para forrar-se aos cuidados que exigiria a colonisação de região tão vasta, dividiu-a em varias capitaniaes hereditarias, e as concedeu a nobres personagens, que se comprometteriam a defendel-as e colonisal-as. Martim Affonso era um dos que mais mereciam esta recompensa, e D. João III lhe fez doação de 100 leguas de costa, desde o rio Macuhé até a bahia de Paranaguá. Nessa vasta extensão, porém, ficava singularmente encravado um terreno de 10 leguas, desde o rio S. Vicente até o Curuparé, hoje Juquiriqueré, em frente á ilha de S. Sebastião, o qual fazia parte das 50 leguas concedidas a Pero Lopes de Souza, irmão de

(1) O padre Manoel Ayres do Cazal, apoiando-se em uma passagem do historiador hespanhol Herrera, pensa (*Corogr. Bras.* I, 51, 202) que antes da chegada de Martim Affonso a S. Vicente já havia lá uma feitoria, e d'ahi conclue que os indios acostumados a ver navios europeus, não deviam surprehender-se quando os do illustre portuguez se approximaram de sua costa, e assim raciocinando, julga-se auctorizado a rejeitar a narração que acabo de reproduzir. A pouca verosimilhança do facto narrado por Herrera parece-me enfraquecer muito esta argumentação.

(2) Esta palavra se traduz — *lugar d'onde se avista o mar*. Deve derivar de *paraná*, mar, e *cepiava*, ver (*Dicc. port.* 51. 78).

Martim Affonso (1). A doação deste teve o nome de Capitania de São Vicente, e mais tarde a de Pero Lopes de Souza o de Capitania de S. Amaro.

A estada de Martim Affonso no Brasil foi por infelicidade muito breve: elle se julgou obrigado a partir para Lisbôa no correr do anno de 1533. Chegado ás bordas do Tejo e tão longe da America, não se esqueceu, contudo, da capitania de que se tornara proprietario. Por seus cuidados as mulheres de seus companheiros foram ter com elles, e novos colonos aumentaram o numero dos mais antigos. Elle introduziu em S. Vicente diversas especies de nossos animaes domesticos, fez transplantar da ilha da Madeira para lá a canna de assucar, que dalli se propagou para as outras partes do Brasil, ordenou a construcçao do primeiro engenho de assucar que existiu nesse paiz. (2)

Os esforços intelligentes de Martim Affonso fizeram florecer a nova colonia. A agricultura prosperou logo de modo notavel, e um commercio ininterrupto se estabeleceu com Portugal, favorecido pela fundação de uma segunda cidade, a de Santos, cujo porto pode receber as maiores embarcações. E' verdade que o numerario foi a principio muito raro; mas pagavam-se com assucar os artigos que vinham da Europa, tornando-se esta mercadoria a unica moeda corrente.

Apezar dos sensiveis progressos que acabamos de assignalar, não tardou entretanto, a nova colonia a sentir os effeitos da ausencia de seu illustre proprietario. Elle havia comprehendido perfeitamente que, se os portuguezes, cedendo ao desejo de mudar de lugar, deixassem o littoral e se dispersassem pelo interior das terras, não teriam mais a mesma força e não poderiam enviar suas mercadorias para a Europa. Por isso havia defendido aos brancos entrarem na planicie de Piratininga, com excepção apenas de João Ramalho. Mas quando se partiu para a India, cujo governo lhe fôra confiado, sua mulher, D. Anna Pimentel, levantou essa prohibi-

(1) Desde a cidade de S. Sebastião até a ponta de Taipú, perto de S. Vicente, a costa da província de S. Paulo se dirige mais ou menos de oriente a occidente. Das duas ilhas que protegem o porto de Santos, a mais oriental ou, se assim o quizerem, a menos afastada do Rio de Janeiro, tem o nome de S. Amaro, e é separada da terra firme por um canal chamado *Barra da Bertioga*. Entre esta ilha e a mais occidental ou de S. Vicente fica um braço de mar, chamado *Barra Grande*, *Barra Larga*, ou melhor ainda, *Barra de Santos*, por onde entram os navios no porto deste nome. Chama-se, emfim, *Rio de S. Vicente* o canal mais fundo e mais estreito que separa a ultima ilha do continente. Taes são os nomes geralmente usados hoje; mas assim não era no tempo de Martim Affonso (*Corog. braz.* I, 217). Este grande capitão pensava que os tres braços de mar, de que acabo de falar, eram as fozes de um mesmo rio, e dava aos tres o nome *communum* de *Rio de S. Vicente*. A barra de *Bertioga* era, pois, o limite dos dominios dos dous irmãos e não, como se pensou, o actual rio de S. Vicente (Gaspar da Madre de Deus, *Mem. de S. Vicente*, I, II). Sem isto fôra mister admittir que D. João III tivesse tirado a Martim Affonso a porção de territorio que parecia mais naturalmente dever pertencer-lhe, e que este ultimo tivesse construido uma cidade e distribuido terras numa região que lhe não pertencia.

(2) Vasconcellos, *Chronica*, I, 61.

Com o nome de *Affonseae* eu consagrei á memoria de Martim Affonso um bello genero brasileiro da familia das Leguminosas, o qual se distingue pela pluralidade dos ovarios e calices vesiculosos (v. minha *Viagem ao Distrito Diamantino*, I, 388). Seja-me permitido repetir aqui as expressões de que me servi na dedicatoria desse genero: *In honorem, dixi, illustrissimi ducis Martim Affonso de Souza, qui, maximo incolarum beneficio, saccharum officinale in Brasiliam introduxit. Monumentum splendidius grati consacrent Brasilienses.* Até hoje não soube se foram cumpridos meus votos.

ção. Os portuguezes então se misturaram com os indios, e aos vicios de uma civilisação incompleta juntaram os da vida selvagem.

Os prepostos de Martim Affonso não eram assaz fortes nem habeis para manter a ordem, os bons costumes e as regras de uma exacta inteireza entre homens de duas raças differentes, uns inteiramente selvagens, outros semi-civilizados, audazes e ambiciosos.

Dando embora aos indios o tratamento de *compadres*, respeitavel na quella epocha, os brancos fraudavam essa pobre gente com um despudor revoltante, e para impedir que elles conhecessem a verdade, os administradores, cumplices tambem da má fé de seus administrados, prohibiram, sob graves penas, que qualquer christão, em presença de um indigena, dissesse mal de outro christão ou de suas mercadorias. Não era só em suas relações com os indios que os portuguezes violavam as leis da mais vulgar probidade; quando tratavam uns com os outros, com tão pouco escrupulo se haviam e tão longe foi a falta de confiança, que para obrigar á fidelidade os homens livres que se empregavam nos engenhos de assucar, era mister fazel-los jurar perante o senado municipal, que nada roubariam a seus amos. (1)

Mas não era só a falta de um chefe leal e poderoso o que prejudicava moralmente os colonos de S. Vicente; outra causa de corrupção se havia introduzido entre elles desde os primeiros dias do estabelecimento: tinham admittido a escravidão dos indios. Protegendo a liberdade dos indigenas, as leis portuguezas permittiam, entretanto, que em certas circumstancias lhes fosse ella tirada, e os agricultores tinham sempre bôas razões para fazer escravos. Cuidando pouco de instruir-se a si mesmos nos preceitos da religião christã, elles deixavam seus escravos mergulhados em uma lastimosa ignorancia: estes, perdendo seus modos selvagens, não faziam mais que embrutecer-se; os senhores se embruteciam como elles e se tornavam de mais a mais crueis.

Muitos Vicentistas (nome dado a principio aos habitantes de S. Paulo) se casavam com indias, outros tomavam amantes entre elles, ou até mesmo sendo casados, tinham nas aldêas concubinas, que os indios tratavam como legitimas esposas. Dessas diversas uniões nasceram mestiços em grande numero, e foi a esses homens, conhecidos pela barbaria de seus costumes, que se deu o nome odioso de *mamelucos*, tomado á milicia musulmana que dominava no Egypto. (2)

As provincias septentrionaes do Brasil estavam na mesma epocha em situação muito mais lastimavel ainda que a capitania de S. Vicente. Seus donatarios, fracos e isolados, mal podiam se defender dos incessantes ataques dos indigenas, e ao mesmo tempo aproveitavam-se da auctoridade absoluta de que estavam revestidos, para exercer sobre os colonos o mais

(1) Gaspar da Madre de Deus, *Mem. S. Vic.*, 66, 67.

(2) Vejam-se alguns trechos interessantes escriptos pelo padre Anchieta e publicados na preciosa collecção intitulada *Revista trimestral de historia e geographia*, Rio de Janeiro.

intoleravel despotismo. O rei D. João III condoueu-se, enfim, das queixas de seus subditos e mandou para o Brasil um governador geral, Thomé de Souza, homem firme e prudente, que o devia representar em todas as cousas. e confiou-lhe os mais amplos poderes.

## II

Com Thomé de Souza chegaram á Bahia de Todos os Santos, no anno de 1549, cinco religiosos da Companhia de Jesus, á frente dos quaes se achava, como provincial, Manoel da Nobrega, que á nobreza do nascimento alliava as mais elevadas virtudes, prodigiosa actividade e talento no trato dos negocios. Esses homens corajosos dedicaram-se sem reserva á felicidade dos indios; mas, como não podiam bastar para a tarefa difficult que haviam tomado, foram-lhes, quatro annos mais tarde, addidos sete confrades, entre os quaes José de Anchieta, que mereceu ser cognominado o Apostolo do Brasil. "Anchieta foi juntamente poeta, guerreiro, naturalista; para se tornar util, sabia tomar todos os feitios; ensinava a ler aos meninos, commandava as tropas, compunha canticos, tratava dos doentes e não desdenhava o trabalho mais vulgar. Pode ser contado entre os homens mais extraordinarios de seu tempo." (1)

Nobrega, apenas chegado ao Brasil, fundou um collegio em S. Vicente: logo, como acabamos de dizer, foi atraç delle o padre Anchieta, e então nova éra começou para a colonia de Martim Affonso. Os jesuitas faziam todos os esforços para reerguer os colonos portuguezes á dignidade de homens e reconduzil-os a seus deveres de christãos por tanto tempo olvidados; oppunham-se a suas injustiças, luctavam corajosamente em oról da liberdade dos indios e separavam da communhão dos fieis os opressores desses infelizes. Pelo desejo de attrahir os indigenas ao conhecimento da verdade elles haviam deixado suas familias e sua patria; de nada descuravam para cumprir este nobre intento. iam buscar os indios no fundo das florestas, arrostavam sua残酷, attrahiam-nos a si por beneficios, consolavam-nos em suas afflictões, tratavam delles quando doentes e os tornavam christãos. Os meninos, como fascinados por seus canticos, os acompanhavam, apinhavam-se em torno delles, e os padres da Companhia de Jesus ensinavam-lhes os principios da religião, a leitura, a escripta, o calculo, a musica e as artes mais uteis.

Os jesuitas comprehenderam logo que, para se tornarem mais uteis aos indios, não deviam encantoar-se no littoral, habitado só pelos portuguezes e seus escravos; Nobrega resolveu fundar um novo collegio na planicie de Piratininga, e deste trabalho encarregou Anchieta, que então não tinha muito mais de vinte annos.

Em epocha menos remota, os mineiros, attrahidos unicamente pela existencia dos diamantes e do ouro, fixaram-se quasi sempre em regiões montanhosas, no fundo de tristes e estereis valles; os jesuitas, pelo contrario,

(1) *Viagem ao Districto Diamantino, etc.*, II, 4.

se estabeleceram no meio das terras mais ferteis, em eminencias, onde as maravilhas da natureza, desenrolando-se em vasto horizonte aos olhos do espectador fascinado, o convidam a levantar seu pensamento ao Creador. Foi uma situação deste genero a que os discípulos de S. Ignacio escolheram na planicie de Piratininga para alli fundar seu collegio.

No dia 24 de Janeiro de 1554, dia da conversão de S. Paulo, foi celebrada a primeira missa no novo estabelecimento, ao qual se deu o nome de S. Paulo.

No lugar onde devia se erguer a encantadora cidade destinada a representar um papel tão importante na historia do Brasil, não se via a principio senão uma cabana de 14 pés de comprimento e 10 de largura, construída de terra e coberta de capim. "Aqui, escrevia Anchieta, é que temos nossa escola, é aqui nossa enfermaria, nosso dormitorio, nossa cozinha, nosso refeitorio, nossa despensa." Folhas de bananeira serviam de mesa, e uma esteira, de porta.

A nascente colonia não tardou a tomar incremento. Grande numero de indios, de mestiços e de portuguezes vieram agrupar-se em torno della, e o grande chefe dos Guayanazes, Tibiriçá, que no baptismo tinha recebido o nome de seu *compadre* Martim Affonso, transportou para junto do collegio dos jesuitas toda uma aldêa.

Taes progressos, entretanto, fizeram nascer uma perigosa rivalidade. No tempo em que Martim Affonso estava ainda em S. Vicente, João Ramalho tinha fundado, na entrada da planicie, uma aldêa, a que dera o nome de S. André, e que um pouco mais tarde foi elevada á categoria de villa. A elle e a seus numerosos filhos, todos mestiços, se haviam aggregado muitos outros mestiços e até mesmo portuguezes. Esses homens, que se entregavam a toda a sorte de vicios e não cessavam de fazer escravos entre os indios, não podiam ouvir sem colera as pregações dos jesuitas contra essa infame pratica, e com absurdas calumnias excitavam contra elles as tribus indias. Chegaram a atacar S. Paulo, mas os indios convertidos á fé christã repelliram os inimigos, e a victoria aumentou a influencia dos jesuitas.

Estes mostraram logo toda a extensão della em uma occasião importante. Começava-se a saber em França quanto valia o Brasil; os franceses quizeram ter sua parte nessa rica colonia, e dirigidos pelo cavalleiro de Malta Nicolau de Villegaignon, fundaram um estabelecimento na bahia do Rio de Janeiro. (1) Longe de opprimir os indios, Villegaignon os tratou com

---

(1) O veridico e judicioso Lery, que fazia parte dessa expedição, e escreveu as occurrentias della, chama á região aonde ella se fez, *Terra do Brasil*, também chamada *America*; mas douz auctores muito menos recommendaveis ousaram dar-lhe o nome de *França Antarctica*. Narrando esta particularidade, Southey se insurge acremente contra a *arrogancia ordinaria dos Franezes* (Hist., I, 272), esquecido de que, antes de terem-se estabelecido na America Septentrional, os ingleses tinham já consagrado o nome da Virginia (Robertson, *Virginia*, 25), bem ridiculamente allusivo a um predi-cado de que se vangloriava sua rainha. Os crimes e defeitos de que uma nação accusa a outra, ella os poderia quasi sempre achar em seus proprios annaes. Em lugar de se mutuarem reproches, deveriam todas se esforçar por evitar faltas de que são mais ou menos tambem culpadas.

justiça e generosidade; os bellicosos Tamoyos, que occupavam todo o territorio situado entre Rio de Janeiro e S. Vicente, tornaram-se para elle poderosos e uteis aliados. A principio os portuguezes prestaram pouca attenção aos emprehendimentos desses perigosos vizinhos; mas enfim Nobrega lhes abriu os olhos, e a corte de Lisbôa deu ordem ao governador Mem de Sá para expulsar os adventícios. Os colonos portuguezes queriam contemporisar; Nobrega repelliu com energia seus timidos conselhos, e a guerra ficou resolvida. Os jesuitas persuadiram os habitantes de S. Paulo a tomar parte nella, e levaram a Mem de Sá victualhas, pirogas e grande numero de brancos, mamelucos e indios, que estavam acostumados a fazer a guerra aos Tupinambás e aos Tamoyos, amigos dos franceses. Estes foram derrotados, suas fortificações destruidas, e as tropas portuguezas, levando os canhões do inimigo, se retiraram para Santos, onde o infatigável Nobrega tinha preparado recursos para os feridos e viveres para todos.

Mem de Sá havia acompanhado seu exercito a Santos; os jesuitas aproveitaram a presença delle para se desfazerem de uma perigosa vizinhança. Fizeram ver ao governador que a villa de S. André, construida no limite das florestas e das montanhas, estava exposta aos continuos ataques dos selvagens, ao passo que S. Paulo, situada em uma eminencia, em terreno descoberto, pouco tinha que temer de suas hostilidades. Mem de Sá ordenou a destruição de S. André; S. Paulo foi elevada á categoria de villa no anno de 1560, com o nome de S. Paulo da Piratininga, e os padres da Companhia de Jesus transportaram para alli o collegio que tinham fundado no littoral. (1)

### III

Entretanto uma tempestade se formava sobre a capitania de S. Vicente. Os tamoyos haviam sido derrotados juntamente com os franceses, seus aliados, mas não foram destruidos. Exasperados pelas injustiças dos portuguezes e pela caça que faziam de escravos, resolveram vingar-se, e se lançaram contra a colônia de Martim Affonso. Uns, tendo subido as montanhas, espalharam-se na planicie de Piratininga; outros, com auxilio de suas longas pirogas, que podiam conter até 150 guerreiros, faziam in-

(1) Os erros do padre Charlevoix sobre os principios da cidade de S. Paulo (*Hist. Paraguay*, I, 307-9) repetidos por uma multidão de compiladores, foram muito bem refutados por D. Gaspar da M. de Deus (*Mem. S. Vicente*, 119 e seg.) e fôra accusado voltar aqui sobre o assumpto. Creio, porém, dever observar que o ultimo destes escriptores, levado por seu patriotismo, revela-se apaixonado ás vezes em seu modo de ver, como Charlevoix no seu; assim, por exemplo, diz dos paulistas, inexoraveis destruidores dos indios: "Estes zelosos vassallos, longe de se opporem á conversão dos gentios, foram o instrumento escolhido talvez por Deus para fazer entrar para o gremio da Igreja a maior parte desses milhões de almas que nossos paulistas obrigaram a deixar sua barbara terra."

O historiador da viagem do almirante Anson é muito mais inexacto ainda que Charlevoix, quando fala da origem da cidade de S. Paulo, pois assim se exprime: "Conta-se que os paulistas são descendentes dos portuguezes que deixaram o norte do Brasil, quando os hollandezes o ocuparam." (Richard Walter, *Voyage round the world*, 52).

cursões no littoral, talavam as lavouras de seus inimigos, destruiam as casas e levavam os escravos.

Taes successos attrahiram a elles tribus que a principio tinham permanecido neutraes, e um corpo consideravel de aliados veio atacar a villa de S. Paulo. O terror se apoderou logo de todos os habitantes; mas Anchieta, por seus discursos, reergueu-lhes os animos. Transformado por momentos em homem de guerra, elle que fôra sempre homem de paz, (1) tomou sabias medidas para a defesa da villa, poe Tibiriçá á frente dos indios fieis, e os assaltantes foram vigorosamente repellidos.

Mal havia S. Paulo escapado deste perigo, quando perdeu seu mais generoso defensor, Martim Affonso Tibiriçá. Posto que oriundo de uma raça, a que justamente se tem reprochado uma extrema inconstancia, este nobre chefe nunca deixou de ser amigo e protector dos portuguezes e principalmente dos padres da Companhia de Jesus. Depois de ter recomendado a sua mulher e a seus filhos que não se afastassem nunca dos principios da justiça que lhes foram ensinados, morreu nos sentimentos mais christãos e foi amargamente chorado por toda a colonia, (2) que esperava delle ainda novos esforços contra os tamoyos.

Estes ultimos eram muito bellicosos e nutriam contra os portuguezes um odio implacavel, (3) e por isso o revez soffrido deante de S. Paulo os não fez renunciar a seus projectos de vingança; ligaram-se a grande numero de outros indigenas, e teria soado a ultima hora para a colonia de S. Vicente, se não fosse a dedicação heroica de Nobrega e Anchieta.

Estes homens generosos resolveram ir procurar os tamoyos para lhes inspirar sentimentos pacificos, e tendo-se embarcado, approximaram-se da costa occupada pelos selvagens. Logo que estes avistaram o navio inimigo, avançaram em suas pirogas para atacal-o; mas, havendo reconhecido os jesuitas, que consideravam como amigos de Deus e protectores dos indios, abaixaram os arcos. Anchieta lhes dirigiu a palavra em sua lingua, entregou-se a elles com seu nobre companheiro, e persuadiu-lhes que enviasssem doze moços como refens á colonia de S. Vicente.

De todo sós entre os tamoyos, os dous religiosos se apressaram em construir uma capella. Vendo pela primeira vez celebrar os santos mysterios, sentiram os indios uma especie de terror, que nunca haviam experimentado no meio dos combates, e começaram a considerar seus hospedes como seres sobrenaturaes. A santidade desses padres infundia-lhes respeito e admiração, e ao mesmo tempo as provas de dedicação e benevolencia que delles recebiam, inspiravam-lhes um affecto quasi filial.

Em quanto viviam no meio dos tamoyos os dous jesuitas, submettidos aos caprichos ás vezes crueis desses homens-crianças, expostos a todos os perigos, soffrendo fome e sêde, o governo da colonia negociava para obter a paz. Antes de qualquer resolução, elle mostrou desejo de enten-

(1) Pereira da Silva, *Plutarcho bras.* I, 44.

(2) José de Anchieta, *Litt.* in *Revista trim.* II, 544. — Vasconcellos, *Chron.* II, 260.

(3) Hans Stade, *Hist. Amer.* in Ternaux-Compans, *Voyages, relations.*

der-se com Nobrega e seu companheiro; mas os selvagens não deixaram ir senão o primeiro e detiveram Anchieta. Foi então que este, muito moço ainda, prometeu á Virgem compôr em sua honra um poema, se conservasse sua virtude, exposta a continuos assalto. Não tendo papel nem tinta, escrevia na areia os versos que compunha, aprendia-os de cór, e mais tarde os escreveu, quando, após cinco mezes de negociações, a paz o restituíu á sua cara Piratininga. (1)

## IV

Em quanto isto se passava na capitania de S. Vicente, continuavam os franceses a frequentar a costa do Brasil; traficavam com os tamoyos, de quem souberam fazer-se amados, estimulavam-nos em seu odio contra os colonos portuguezes, e segunda vez fortificaram-se na bahia do Rio de Janeiro. A Côrte de Portugal resolveu enfim desembaraçar-se desses perigosos intrusos e despachou para o Brasil uma armada sob o comando de Estacio de Sá, sobrinho do governador geral. Chegou Estacio á Bahia em 1564, e depois de ter explorado a costa, julgou que não dispunha de força bastante para acommetter o inimigo. Esperando obter reforços em S. Vicente, apressou-se em chegar até alli; mas encontrou nos habitantes pouca disposição para auxiliá-lo. Conhecia a influencia que tinham sobre elles os jesuitas, e recorreu a Nobrega. Este, por eloquentes predicas, reanimou o ardor dos paulistas; Anchieta persuadiu cerca de 800 homens a acompanhá-lo, e com elles embarcou. Poderosamente ajudado por estes e por seu chefe, que era tão intelligente quanto virtuoso, Estacio derrotou em varias refregas os franceses e tamoyos, expulsou-os para sempre da bahia do Rio de Janeiro e fundou, com o nome de S. Sebastião, em 1567, a cidade que é hoje a capital do Imperio do Brasil.

Os paulistas aproveitaram a paz para alargar seu commercio e começaram a traficar com os inglezes; applicaram-se á agricultura, favorecidos pelo clima temperado da terra, que lhes permittia colher ao mesmo tempo os productos coloniaes e os fructos da Europa.

Não devia, porém, infelizmente durar muito essa tranquillidade. Em 1581 foi Portugal annexado á monarchia hespanhola; o Brasil acompanhou os destinos da mãe patria, e tornaram-se tambem seus inimigos os que o eram da Hespanha. Estava então Philippe II em guerra com os inglezes, e os corsarios desta nação puzeram-se a devastar as costas do Brasil.

O famoso Thomaz Cavendish, tambem chamado Cadenish, que numa primeira expedição tinha levado o terror á costa da America Occidental, chegou a 25 de Agosto de 1591 á altura de S. Vicente e destacou dous de seus navios para se apoderarem de Santos. Quando Cok, o vice-almirante inglez, desembarcou na cidade, estavam os habitantes assistindo ao officio divino: foram cercados, opprimidos e condemnados ao pagamento de forte

(1) *Southei, Hist. I, 287-294.*

resgate. A mais comesinha prudência aconselhava aos corsarios que o fizessem pagar incontinente; porém elles não pensaram nisso, entregaram-se á intemperança, e em quanto dormiam, os colonos escaparam para o interior, levando o que de mais precioso possuiam. Oito dias depois o proprio Cavendish entrou em Santos, mas não achou alli nem habitantes nem provisões. Forçado a retirar-se, pôz fogo por vingança á villa de S. Vicente. Tomava elle o rumo do estreito de Magalhães, quando uma tempestade desgarrou seu navio do resto da frota. Achando-se outra vez na vizinhança, e precisando de viveres, desembarcou vinte homens para tomá-los á força. Viram-nos os indios, cahiram sobre elles e mataram todos, com excepção de dous, e entraram na povoação, levando as cabeças dos vencidos. Cavendish, furioso por esse revez, pôz-se a devastar as costas do Brasil; porém, sendo corajosamente repellido pelos habitantes da capitania do Espírito Santo, morreu de magua antes de chegar á sua patria.

Por essa occasião os limites da capitania de S. Vicente (que aliás variaram muito desde sua origem até nossos dias) não eram já os mesmos que no tempo de Martim Affonso; quarenta annos apenas eram passados, quando foi cortada vasta extensão do territorio desta capitania para se incorporar á do Rio de Janeiro, novamente fundada. (1) Quando em 1572 ou 1574 foi o governo geral do Brasil dividido em dous, o da Bahia e o do Rio de Janeiro, a capitania da S. Vicente ficou pertencendo a este. (2)

Os descendentes de Martim Affonso conservavam ainda a propriedade da terra, mas eram obrigados á fé e homenagem aos governadores do Rio de Janeiro; (3) todavia continuavam a nomear os commandantes militares, os principaes magistrados (4) (*capitães móres, ouvidores*), e as cidades não deixaram de ser administradas por *juizes ordinarios*, eleitos pelo povo, segundo os usos e costumes de Portugal. (5) Os vicentistas accusavam sempre os governadores do Rio de Janeiro e mais tarde os superintendentes das minas de ouro de usurpar a jurisdição de seus magistrados; mas é lícito crêr que suas queixas não eram isentas de exageração e injustiça.

Orgulhosos da nobreza de seus paes, animados desse espirito de liberdade selvagem que caracterisa a raça americana e que haviam bebido com o leite materno, acostumados a dominar numerosos escravos, passando parte da vida nos desertos, longe da accão de qualquer auctoridade, os paulistas nunca foram um povo submisso: sob o dominio hespanhol tornaram-se quasi independentes. (6)

(1) Cazal, *Corog. bras.* I.

(2) Piz. *Mem. hist.* II, 116. — Abreu Lima, *Synopsis*, 47.

(3) Piz. *Mem. hist.*

(4) Gaspar M. de Deus, *Mem. S. Vicente*, 129.

(5) Diogo de Toledo Lara e Ordoñez, *Adn. in Not. ultram.* I, 116.

(6) Abreu Lima, *Synopsis*, 100.

GALERIA DOS EDITADOS



GABRIEL MARQUES, autor dos "Contos Atrozes".





## UMA ESTAÇÃO DE AMOR

(E' um dos mais bellos contos do notavel escriptor argentino H. Quiroga.  
A traducção devemol-a ao formoso espirito da senhorita  
Lila Escobar de Camargo)

### PRIMAVERA

ERA terça-feira de carnaval. Nébel acabava de entrar no côrso, já ao escurecer, e, enquanto desfazia um maço de serpentinas, olhou a carruagem da frente.

Notando um rosto que não vira na tarde anterior, perguntou a seus companheiros:

— Quem é? Não parece feia.

— Um demonio! E' lindissima. Creio ser sobrinha, ou coisa assim, do douctor Arrizabalaga. Chegou hontem, parece-me...

Nébel fixou então attentamente os olhos na formosa creatura. Era uma moça, mui joven ainda; acaso não teria mais de quatorze annos, mas completamente nubil. Tinha, sob o cabello muito escuro, um rosto de suprema brancura, desse branco mate e limpido que é patrimonio exclusivo das cutis muito finas. Olhos azues, largos, perdendo se até as frontes, entre negras pestanas. Acaso um pouco separados, o que dá, sob uma fronte clara, um ar de muita nobreza ou de grande pertinacia. Mas seus olhos, assim, enchiam aquelle semblante em flôr com a luz de sua belleza. E ao sentir os um momento pousados nos seus olhos, Nébel ficou deslumbrado.

— Que encanto! — murmurou, quedando immovel com um joelho no almofadão do "surrey". Um momento depois as serpentinas voavam para a "victoria". Ambas as carruagens estavam já enlaçadas pela ponte suspensa de fitas, e a joven que a occasionava sorria de vez em quando ao galante rapaz.

Mas aquillo chegava já a falta de respeito ás pessoas, cocheiros e ainda á carruagem: sobre o hombro, as cabeças, rédeas, apara-lamas, as serpentinas choviam sem cessar. Tanto foi, que as duas pessoas sentadas atrás voltaram-se e, bem que sorridentes, examinaram attentamente o atirador.

— Quem são? — inquiriu Nébel em voz baixa.

— E' o doutor Arizabalaga... Certo que não o conheces. A outra é a mãe de tua pequena... E' cunhada do doutor.

Como após o exame, Arizabalaga e a senhora riram francamente ante aquella exuberancia de juventude, Nébel achou-se no dever de os saudar, ao que respondeu o terceto com jovial condescendencia.

Este foi o inicio de um idyllo que durou tres mezes, e do qual Nébel colheu quanto de adoração cabia em sua apaixonada adolescencia.

Em quanto continuou o côrso, — e em Concordia prolongava-se até horas incriveis, — Nébel estendeu incessantemente o braço para a frente, atirando serpentinas com tamanha frequencia que o punho da camisa se desprendeu, bailando-lhe sobre a mão.

No dia seguinte reproduziu-se a mesma scena; e como desta vez o côrso se reunia de noite, com batalha de flôres, Nébel exgotou em um quarto de hora quatro immensas cestas. Arizabalaga e senhora sorriam, volvendo-se amiude, e a joven não tirava os olhos de Nébel. Este, ao deparar com as cestas vasias, desesperou-se; mas sobre o almofadão do "surrey" ficára ainda uma, um pobre ramo de sempre-vivas e jasmins do Cabo. Nébel saltou com elle por sobre a roda do carro, quasi se deslocou num tombo, e, correndo adeante, empapado de suor e com o entusiasmo á flôr dos olhos, estendeu o ramo á joven. Ella, estonteada, procurou outro ramo para o retribuir, mas não o tinha.

Seus companheiros riam-se.

— Mas, louca! — disse-lhe a mãe, assinalando-lhe o peito — Ahi tens um!

A caruagem arrancava ao trote.

Nébel, que descera afflictio do estribo... correu e alcançou o ramo que a menina lhe estendia, com o corpo quasi fóra do coche.

Nébel havia chegado ha tres dias de Buenos-Aires, onde concluia seu curso academico. Havia permanecido sete annos lá, de modo que seu conhecimento da sociedade actual de Concordia era minimo. Ficaria ahi ainda quinze dias, na cidade natal, desfructando-os em pleno socego de alma, se não de corpo, mas desde o segundo dia perdera toda a serenidade. Em compensação, que encanto!

— Que encanto! — repetia, pensando naquelle raio de luz, flôr e carne feminina que se lhe havia chegado desde o côrso. Reconhecia-se real e profundamente deslumbrado, e enamorado, de improviso. E si ella o quizesse? quereria? Nébel, para o desvendar confiava, mais do que no ramo de seu peito, na precipitação aturdida com que a joven procurara algo para lhe offerecer. Evocava claramente o brilho de seus olhos quando o viu chegar correndo, a inquieta espectativa com que o aguardou — e de outro lado, a morbidez do joven seio ao estender-lhe o ramo. E agora, tudo acabado! Ella seguiria no dia imediato para Montevideo. Que mais o preoccupava em Concordia? Os amigos de antes, o proprio pae? Iria, pelo menos, até Buenos Aires, com ella.

Effectivamente fizeram essa viagem juntos, e, durante ella, Nébel chegou ao mais elevado grão de paixão a que pôde chegar um romantico moço de dezoito annos que se sente querido. A senhora, mãe da menina, acolheu o quasi infantil idyllo com affavel complacencia, e ria-se amiude ao vel-os, falando pouco, rindo constantemente e olhando-se profundamente.

A despedida foi breve, pois, Nébel não quiz perder o ultimo vestigio de prudencia que lhe restava. Não quiz acompanhala mais longe.

Ellas voltariam á Concordia no inverno, por uma temporada. Iria elle? "Oh, não voltar eu!" E enquanto Nébel se afastava lentamente pelo cães, voltando-se a cada momento, ella, de bruços sobre a amurada do vapor, a cabeça um pouco baixa, seguia-o com os olhos, enquanto, no tombadilho, os marinheiros riam daquelle idyllio — e do vestido, ainda curto, da ternissima namorada.

## VERÃO

Em 13 de Junho, Nébel voltou á Concordia, e ainda que soubesse desde o primeiro momento que Lydia estava ahi, passou uma semana sem inquietar-se pouco nem muito com ella. Quatro meses são prazo de sobejo para um relampago de paixão, e apenas na agua dormida de sua alma um ultimo explendor brilhava, distante e vago. Sentia, sim, curiosidade de vê-la. Até que um minimo incidente, picando-lhe a vaidade, arrastou-o de novo. O primeiro domingo, Nébel, como todo bom moço do povo, esperou na esquina a sahida da missa.

Por fim, entre as ultimas do desfile, sobranceiras e indiferentes, Lydia e a mãe avançavam por entre a fila de rapazes.

Nébel, ao vê-la de novo, sentiu que os olhos se lhe dilatavam para sorver em toda a sua plenitude a figura novamente adorada. Esperou com anseio quasi doloroso o instante em que os olhos della, num subito resplandecer de venturosa surpresa, o reconhecesssem entre o grupo.

Mas passou, com um olhar frio, fixo, indiferente.

— Parece que não se recorda mais de ti — disse-lhe um amigo, que a seu lado observara o incidente.

— Não muito! sorriu Nébel. — E é pena, porque a pequena gostava de mim, na verdade.

Quando ficou só, porém, chorou consigo mesmo a sua desventura! E agora que voltará para vel-a! Como, como a queria sempre, elle que acreditava não se recordar mais! E acabado! Pum, pum, pum! — repetia sem perceber, com o costume de moço — Pum! tudo concluido! De repente pensou: E si não me viu? Claro! mas claro! Seu rosto reanimou-se, acolhendo com plena convicção uma probabilidade como essa, profundamente razoavel.

A's tres horas batia na casa do doutor Arrizabalaga. Sua idéa era elementar: consultaria, com qualquer misero pretexto, o advogado, e entretanto poderia vel-a.

Uma subita carreira através do pateo respondeu á campainha, e Lydia, para deter o impulso, teve que se cozer violentamente á porta de vidro. Viu Nébel, lançou uma exclamação, e occultando com os braços a simplicidade domestica da roupa, fugiu mais velozmente ainda.

Um instante depois a mãe vinha abrir o consultorio, e acolhia o antigo conhecido com mais viva satisfação que quatro mezes atraç. Nébel não cabia em si de gozo, e como a senhora não parecia inquietar-se pelas preoccupações juridicas de Nébel, este preferiu tambem um milhão de vezes tal presença á do advogado.

Achava-se, contudo, sobre chamas de uma felicidade demasiado ardente e, como tinha dezoito annos, desejava ir-se de uma vez para gozar a sós, e sem acanhamento, aquella immensa ventura.

— Tão depressa! — disse-lhe a senhora — Espero que teremos o gosto de vê-lo outra vez... Não é verdade?

— Oh! sim senhora!

— Em casa todos teríamos muito prazer... supponho que todos quer que consultemos? — sorriu-se com maternal sedução.

— Oh! com toda a alma! — respondeu Nébel.

— Lydia! Vêm um momento! Ha aqui uma pessoa a quem conheces. Nébel havia sido visto já por ella; mas não importava.

Lydia chegou quando elle se achava de pé. Foi-lhe ao encontro, os olhos scintillantes de ventura, e estendeu-lhe um grande ramo de violetas, com adorável lentidão.

— Si não lhe causa aborrecimento — proseguiu a mãe — poderia vir todas as segundas-feiras!... que lhe parece?

— Que é pouquissimo, senhora, — respondeu o rapaz. — A's sextas-feiras, tambem... Permitte-me?

A senhora desatou a rir.

— Que esperto! Eu não sei... Vejamos que diz Lydia. Que dizes, Lydia?

A menina, que não tirava os olhos risonhos de Nébel, disse-lhe assim, em pleno rosto, visto que lhe devia uma resposta:

— Muito bem: então até segunda, Nébel.

Nébel objectou:

— Não me permitiria vir esta noite? Hoje é um dia extraordinario...

— Bom! esta noite tambem! Acompanha-o, Lydia.

Mas Nébel, em louca necessidade de movimento, despediu-se alli mesmo, e fugiu com o ramo, cujo cabo quasi havia desfeito, e com a alma elevada ao ultimo céo da felicidade.

## II

Durante dois meses, todos os momentos em que se viam, todas as horas que os separavam, Nébel e Lydia se adoraram. Para elle, romântico até sentir o estado de dolorosa melancolia que provoca uma simples garôa ennevoando o pateo, aquella creatura angelical, com os olhos azues e a prematura plenitude, devia encarnar a somma possivel do ideal.

Para ella, Nébel era varonil, bom moço e intelligente.

Não havia em seu mutuo amor outra nuvem para o porvir que a menoridade de Nébel. O rapaz, deixando de lado estudos, carreira e superfluidades que taes, queria casar-se. Como prova, não havia senão duas coisas: que lhe era absolutamente impossivel viver sem Lydia, e que levaria por diante tudo quanto se lhe oppuzesse.

Presentia — ou, melhor dizendo, sentia — que ia lutar rudemente. Seu pae, com effeito, a quem desgostara profundamente com a perda do anno, em virtude desse namoro de carnaval, devia se oppôr, pondo os pontos nos ii com a maior energia. Em fins de agosto falou definitivamente ao filho:

— Disseram-me que continuas a visitar aos de Arrizabalaga. E' certo? Porque não te dignas dizer-me uma palavra?

Nébel viu toda a tormenta nessa forma de dignidade, e a voz lhe tremeu um pouco ao responder:

— Sim, não te disse nada, papae, porque sei que não gostas que se fale nisso.

— Bah! como podes agradar-me fugindo ao trabalho... Mas, quizera saber, em que estado estás? Vaes a essa casa como noivo?

— Sim.

— E recebem-te formalmente?

— Creio que sim.

Olhou-o o pae fixamente e tamborilou sobre a mesa.

— Está bom! Muito bem!... Ouve-me, porque tenho o dever de te mostrar o caminho. Sabes bem o que fazes? Pensaste no que pode suceder?

— Suceder... que?

— Que te cases com essa moça. Mas repara; já tens idade para reflectir, ao menos. Sabes quem é? De onde vem? Conheces a alguém que saiba da vida que levam em Montevidéo?

— Papae!

— Sim, que fazem lá! Ah! não faças essa cara... Não me refiro a tua... noiva. Essa é uma criança, e como tal não sabe o que faz. Mas sabes de que vivem?

— Não! Nem me importa, porque ainda que sejas meu pae...

— Ah! Ah! Ah! Deixa isso para depois. Não te falo como pae, senão como qualquer homem honrado poderia falar-te. E, posto que te indigna tanto a minha pergunta, indaga a quem queira contar-te, que especie de relações tem a mãe de tua noiva com o cunhado, pergunta!

— Sim! Já sei o que foi...

— Ah, sabes que foi a amante de Arrizabalaga? E que elle ou outro sustenta a casa em Montevidéo? E ficas tão fresco!

— ...!

— Sim, já sei que tua namorada nada tem com isso, já sei! Não ha impulso mais bello do que o teu... Mas anda com cuidado, porque podes chegar tarde... Não, não, acalma-te! Não tenho idéa alguma de offendêr tua noiva, e creio, como te disse, que não está contaminada ainda pela podridão que a rodeia. Mas, si a mãe te quizer vendel-a em casamento, ou melhor, em troca da fortuna que vaes herdar quando eu morra, dize-lhe que o velho Nébel não está disposto a esses traficos, e que antes o levará o diabo que consentir nisso. Nada mais queria dizer-te.

O rapaz estimava muito o pae, apesar do caracter deste; saiu cheio de raiva por não ter desafogado o intimo desgosto, tanto mais violento quanto elle mesmo o sabia injusto.

Fazia tempo que não ignorava isto: a mãe de Lydia tinha sido amante de Arrizabalaga em vida do marido, e ainda quatro ou cinco annos depois. Viam-se ainda de tarde em tarde, mas o velho libertino, avergado agora aos achaques de uma arthrite de solteirão enfermiço, estava longe de ser o que pretendiam fosse da cunhada, e si mantinha a ostentação da mãe e filha, o fazia por uma especie de compaixão de ex-amante, confiante em vil egoismo, e sobretudo, para autorisar os cochichos actuaes que lhe afagavam a vaidade.

Nébel evocava a mãe; e, com extremecimento de rapaz louco pelas mulheres casadas, recordava certa noite em que reclinados, folheavam juntos uma "Illustration", sem sentir sobre seus nervos, subitamente sacudidos, um fundo halito de desejo que surgia do corpo cheio que roçava no delle. Ao levantar os olhos, Nébel viu o olhar della, voluptuoso, cruzar pesadamente com o seu olhar.

Acaso ter-se-ia equivocado? Era terrivelmente hysterica, porém, com raras crises explosivas; os nervos desordenados vibravam interiormente, e dahi a enfermia tenacidade em um disparate e o subito abandono de uma convicção; e nos prenuncios da crise, a obstinação crescente, convulsiva, edificando-se em grandes blocos de absurdos. Abusava da morphina por angustiosa necessidade e por elegancia.

Tinha trinta e sete annos. Era alta, com labios mui grossos e rubros que humedecia sem cessar. Sem serem grandes, seus olhos o pareciam pelo corte e por possuir pestanas mui largas; eram, porém, admiraveis de sombra e fogo! Pintava-se. Vestia-se á semelhança da filha, com perfeito bom gosto, e era esta, sem duvida, sua maior seduçâo.

Devia ter tido, como mulher, profundo encanto; agora a hysteria lhe trabalhára demasiado o corpo — sendo, por isso, doente do ventre. Quando a influencia da morphina passava, seus olhos se escureciam, e da commissura dos labios, das palpebras recurvas, pendia um fino rendilhado de rugas. Mas, apesar disso, a mesma hysteria que lhe desí anchava os nervos era o alimento, um pouco magico, que lhe sustinha a saude.

Queria de maneira extranha a Lydia e com a moral das hystericas burguezas, houvera aviltado a filha para fazel-a feliz — isto é, para lhe proporcionar o que fizera sua propria felicidade.

Assim, a inquietude do pae de Nébel a este respeito feria o filho no mais profundo das cordas de amante. Como escapar a Lydia? Porque a limpidez de sua cutis, a franqueza de sua paixão de moça que surgia com adoravel liberdade de seus olhos brilhantes, eram, já não prova de pureza, sinão degrau de nobre goso pelo qual Nébel subiria triumphante para arrancar de um golpe da planta podre, a flor que pedia por elle.

Esta convicção era intensa, tanto que Nébel jámais a havia beijado. Uma tarde, depois de almoçar, passando pela casa de Arrizabalaga, sentiu louco desejo de vel-a. Sua sorte foi completa, pois a encontrou só, de penteador, com os crespos soltos brincando-lhe nas faces. Nébel a reteve: ella, rindo perturbada, recostou-se na parede. E o rapaz, á sua frente, tocando-a quasi, sentiu com as mãos inertes a alba felicidade de um amor immaculado, que tão facil lhe seria manchar.

Mas, não; uma vez sua mulher, sim! Nébel precipitava quanto lhe era possivel o casamento. Sua habilitação de edade, obtida nesses dias, permittia-lhe por sua legitimidade materna afrontar os gastos. Restava o consentimento paterno, e a mãe apressava este detalhe.

A situação della, demasiado equivoca, exigia uma plena confirmação social que devia começar desde logo pela segurança do futuro de sua filha. E sobretudo, animava-a o desejo de humilhar, de forçar a moral burgueza a dobrar o joelho ante a mesma inconveniencia que desprezou.

Já varias vezes havia tocado no assumpto com seu futuro genro, com allusões a "meu sogro" . . . "minha nova familia" . . . "a cunhada de minha filha". Nébel calava-se, e os olhos da mãe de Lydia brilhavam então com mais sombrio fogo. Até que um dia a chamma se levantou.

Nébel havia fixado o dezoito de outubro para a realização do casamento. Faltava mais de um mez ainda, mas a mãe fez entender claramente ao moço que queria a presença de seu pae essa noite.

— Será difficult — disse Nébel depois de um mortificante silencio. — Custa-lhe muito sahir á noite... não sae nunca.

— Oh! — exclamou a mãe, mordendo rapidamente o labio. Seguiu-se outra pausa, mas esta já carregada de intenções.

— Porque não faz um casamento clandestino, não é verdade?

— Oh! — sorriu difficultemente Nébel — meu pae tambem não n'o acreditará.

— E então?

Novo silencio, cada vez mais tempestuoso.

— E' por minha causa que o senhor seu pae não quer assistir?

— Não, não senhora! — exclamou afinal Nébel, impaciente. — Está em seu modo de ser... falarei novamente com elle, se quizer.

— Eu, querer? — sorriu ironicamente a senhora, dilatando as narinas. — Faça o que melhor lhe parecer... Quer sahir agora, Nébel? Não estou bem.

Nébel sahiu profundamente desgostoso. Que diria a seu pae? Este sustentava sempre sua terminante oposição a tal matrimonio, e o filho já havia tomado providencias para prescindir della.

— Podes fazer isso, muito mais, e tudo o que te der vontade. Mas meu consentimento para que essa "divertida" seja tua sogra, jámais!

Depois de tres dias Nébel decidiu acabar de uma vez com esse estado de coisas, e aproveitou para tanto uma ausencia momentanea de Lydia.

— Falei com meu pae — começou o rapaz — e elle me disse que será completamente impossivel assistir.

A mãe de sua noiva empallideceu, enquanto seus olhos, subitamente fulgorantes, se dilatavam até ás pestanas.

— Ah! E porque?

— Não sei — respondeu Nébel com voz rouca.

— Quer dizer... que o senhor seu pae teme manchar-se, pondo os pés aqui?

— Não sei — repetiu elle obstinado, por sua vez.

— E' que é uma offensa gratuita a que nos faz esse senhor! Que se passou? — perguntou com voz alterada e os labios frementes. — Quem é elle para dizer isso?

Nébel sentiu então a chicotada de reacção na origem profunda de sua familia.

— O que é, não sei — respondeu com voz precipitada por sua vez — mas, não só se nega a assistir, como tampouco dá seu consentimento.

— Que? Nega-se? E, porque? Quem é elle? Será o mais autorizado a isto?

Nébel levantou-se:

— Vd. não...

Porém, ella se havia levantado tambem.

— Sim, elle! Você é uma criança! Pergunte-lhe de onde tirou a fortuna, roubada dos clientes! E com esses ares! Sua familia, irreprehensivel, sem mancha, lhe enche a bocca com isso! Sua familia... Diga-lhe que narre quantas paredes tinha que saltar para ir dormir com sua mulher, antes de casar-se! Sim, e me vem com sua familia!... Muito bem, vá; estou farta de hypocrisias! Que passe bem!

### III

Nébel passou quatro dias vagando na mais funda desesperação. Que podia esperar aps o succedido. No quinto dia, ao anoitecer, recebeu um bilhete:

“Octavio: Lydia está bastante enferma, e só sua presençā poderia acalmal-a.

**Maria S. de Arrizabalaga”.**

Era um ardil, não havia duvida. Porém, se sua Lydia, na verdade...

Foi nessa noite e a senhora Arrizabalaga o recebeu com uma tal discrição que assombrou Nébel; sem affabilidade excessiva, nem ar de peccadora que pede desculpa.

— Sí quer vel-a...

Nébel entrou com a mãe, e viu o seu amor adorado na cama, o rosto com essa frescura sem pó que dão somente os quatorze annos, e os joelhos encolhidos.

Sentou-se a seu lado, e em vão a mãe aguardou a conversação; ambos não faziam senão olharem-se e sorrir.

De repente Nébel percebeu que estavam a sós, e a imagem da mãe surgiu nitida: "vae-se para que, no transporte de meu amor reconquistado, perca a cabeça, e o casamento seja assim forçoso."

Porém, nesse quarto de hora de goso final que lhe offereciam adiantado, á custa de uma obrigação de casamento, o moço de dezoito annos sentiu — como da outra vez contra a parede — o prazer sem a mais leve mancha, de um amor puro em toda a sua aureola de poetic idyllio. Só Nébel pôde dizer quão grande foi a sua ventura recuperada após o naufragio. Elle também esquecia o que fora na mãe uma explosão de calumnia, ancia raivosa de insultar os que não o merecem. Mas tinha a mais fria decisão de separar a mãe da filha e de sua vida, uma vez casados. A lembrança de sua terna noiva, pura e risonha sobre a cama, da qual havia descoberto uma ponta para elle, incendiava a promessa de uma voluptuosidade íntegra, donde não havia roubado o menor diamante.

A' noite seguinte, ao chegar aos de Arrizabalaga, Nébel encontrou o saguão escuro. Depois de longo tempo, a creada entreabriu a vidraça.

— Sahiram? — perguntou elle extranhando.

— Não, vão a Montevidé... Foram ao Salto dormir a bordo.

— Ah! — murmurou Nébel aterrado. Tinha ainda uma esperança.

— E o doutor? Posso falar com elle?

— Não está; saiu para o club, depois de jantar...

Uma vez só na rua escura, Nébel levantou e deixou cair os braços com mortal desalento: Acabára-se tudo! Sua felicidade, sua ventura reconquistada um dia antes, perdida de novo e para sempre!

Presentia que desta vez não haveria redempção possível. Os nervos da mãe de Lydia haviam saltado loucamente, como teclas, e elle não podia fazer nada mais.

Caminhou até á esquina, e alli, immovel sob o lampeão, contemplou com estupida fixidez a casa rosada. Deu volta ao grupo de casas isoladas e tornou a parar sob o lampeão. Nunca! Nunca!

Fez o mesmo até as onze e meia. Afinal foi para casa e carregou o revólver. Deteve-o, porém, uma recordação: mezes atraç havia prometido a um desenhista allemão que antes de suicidar-se — Nébel era adolescente — iria vel-o. Unia-o ao velho soldado de Guilherme uma viva amizade, edificada sobre largas tertulias philosophicas.

Na manhã seguinte, mui cedo, Nébel batia á porta do seu pobre quarto. A expressão de seu rosto era demais significativa.

— E' agora? — perguntou-lhe o paternal amigo, apertando-lhe com força a mão.

— Pst! de todos os modos — respondeu o moço, olhando para o lado oposto.

O desenhista com grande calma, contou-lhe então seu proprio drama de amor.

— Vá para casa — concluiu — e si ás onze não tiver mudado de idéa, volte a almoçar commigo, si é que temos o que. Depois fará o que quizer. Jura-me?

— Juro — respondeu Nébel, devolvendo-lhe seu apertado abraço com vontade de chorar.

Esperava-o em casa uma carta de Lydia:

“Idolatrado Octavio: Minha desesperação não pôde ser maior, mas mamãe viu que si eu me casasse comtigo, me esperavam grandes dôres; comprehendi como mamãe que o melhor era separar-nos e juro nunca olvidar-te.

Tua

Lydia”.

— Ah! tinha que ser assim! — clamou elle vendo ao mesmo tempo com espanto o seu rosto transfigurado ante o espelho. A mãe era quem havia inspirado a carta, ella e sua maldita loucura! Lydia não pôde senão escrever, e a pobre moça, transtornada, chorava todo seu amor naquella carta.

— Ah! si pudesse vê-la algum dia; dizer-lhe de que modo a quiz, quanto a quero agora, adorada de minh'alma!...

Tremendo foi até o creado-mudo e tirou o revolver; mas recordou-se da nova promessa, e durante um momento permaneceu immovel, limpando obstinadamente com a unha uma mancha do tambor.

## OUTOMNO

Uma tarde, em Buenos Aires, acabara Nébel de subir ao bonde, quando o carro parou um momento mais do que o conveniente, e elle, que lia, voltou a cabeça afinal. Uma mulher com lento e difícil passo avançava. Resvalando o olhar na incomoda pessoa, recomeçou a leitura. A dama sentou-se a seu lado, e ao fazel-o olhou attentamente o vizinho. Nébel, ainda que sentindo o olhar da desconhecida pousar de vez em quando sobre elle, proseguiu na leitura; mas, cansado afinal, levantou o rosto, extranhando.

— Já me parecia ser você — exclamou a dama — porém duvidava ainda... Não me recorda, não de certo?

— Sim — respondeu Nébel abrindo os olhos — a senhora de Arribabalaga...

Ella notou a surpresa de Nébel, e sorriu com ar de velha cortezâ que ainda trata de parecer bem a um rapaz.

Della — quando Nébel a conheceu onze annos atraç — só ficaram os olhos, mais fundos e apagados todavia. A pelle amarella, com tons esverdinhados nas sombras, gretava-se em pulvurulentos sulcos. Salvavam-lhe os pómulos, e os labios, sempre grossos, pretendiam occultar uma dentadura toda cariada. Sob o corpo debilitado via-se viva a morphina correndo por entre os nervos exgotados e as artérias aquosas, até haver convertido naquelle esqueleto a elegante mulher que um dia folheara a “Illustracion” a seu lado.

— Sim, estou muito envelhecida... e doente; tenho tido ataques de rins... E você? — perguntou olhando-o com ternura — sempre o mesmo! Verdade é que não tens trinta annos ainda... Lydia tambem está a mesma.

Nébel levantou os olhos:

— Solteira?

— Sim... Como se alegrará quando contar-lhe que estive com você! Porque não dá esse gosto á pobre? Não quer ir vê-nos?

— Com muito gosto... — murmurou elle.

— Sim, vá logo; já sabe o que somos para... Emfim, Boedo. 1483; apartamento 14... Nossa posição é tão mesquinha...

— Oh! — protestou elle, levantando-se para ir — Prometto ir logo.

Doze dias depois Nébel devia regressar ao engenho, e antes quiz cumprir a promessa. Foi lá — uma miserável casa de arrabalde. A senhora de Arrizabalaga o recebeu, enquanto Lydia se arranjava um pouco.

— Com que então! onze annos — observou de novo a mãe — Como passa o tempo! E você que podia ter uma infinidade de filhos com Lydia!

— Seguramente — sorriu Nébel, olhando em redor.

— Oh! não estamos muito bem! E sobretudo como deve estar posta sua casa... Sempre ouço falar de seus canaviaes... E' esse o seu único estabelecimento?

— Sim... em Entre Rios tambem...

— Que feliz! Se a gente pudesse... Sempre desejamos ir passar uns meses no campo, e sempre ficamos no desejo!

Calou-se, lançando um fugaz olhar para Nébel. Este, com o coração apertado, revivia nitidas as impressões enterradas onze annos em sua alma.

— E tudo isto por falta de relações... E' tão difícil ter um amigo nessas condições!

O coração de Nébel contrahia-se cada vez mais, e Lydia entrou. Ella estava tambem mui transformada, porque o encanto de um candor e uma frescura de quatorze annos, não volta mais á mulher de vinte seis. Mas sempre bella. Seu olfato masculino sentiu-lhe no collo morbido, na mansa tranquillidade de seu olhar, e em todo o indefinivel que denuncia ao homem o amor já gozado, que devia guardar velada para sempre a recordação da Lydia que conhecera.

Falaram coisas muito triviaes, com perfeita discrição de pessoas maduras. Quando ella sahiu de novo um momento, a mãe perguntou:

— Sim, está um pouco debil... E quando penso que no campo se refaria logo... Veja, Octavio: permitte-me ser franca com você? Já sabe que o estimei como um filho... Não poderíamos passar uma temporada em sua propriedade? Quanto bem faria a Lydia.

— Sou casado — respondeu Nébel.

A senhora teve um gesto de viva contrariedade, e por um instante sua decepção foi sincera; mas em seguida cruzou as mãos comicas:

— Casado, você! Oh! que desgraça, que desgraça! Perdõe-me, sabe!... Não sei o que digo... E sua senhora vive com você no engenho?

— Sim, naturalmente... Agora está na Europa.

— Que desgraça! Quer dizer... Octavio! — acrescentou abrindo os braços com lagrimas nos olhos: — a você posso contar, você tem sido quasi meu filho... Estamos pouco menos que na miseria! Porque não quer que vá com Lydia? Vou ter com você uma confissão de mãe — concluiu com um triste sorriso, baixando a voz: — você conhece bem o coração de Lydia, não é verdade?

Esperou resposta. Mas Nébel permanecia calado.

— Sim, você a conhece! E crê que Lydia é mulher capaz de esquecer o que amou?

Agora havia reforçado a insinuação com um aceno lento com os olhos.

Nébel avaliou então de golpe o abyssmo em que pudéra ter cahido antes. Era sempre a mesma mãe, porém já envilecida por sua propria alma velha, a morphina e a pobreza. E Lydia... Ao vel-a outra vez, sentiu um inopinado choque de desejo pela mulher actual, de garganta cheia e já possuida. Ante o tratado commercial que lhe ofereciam, atirou-se aos braços daquella rara conquista que lhe depara o destino.

— Não sabes, Lydia? — continuou a mãe alvoroçada, ao voltar a filha — Octavio nos convida para passar uma temporada em sua fazenda. Que te parece?

Lydia teve uma fugitiva contracção da fronte e recuperou a serenidade.

— Muito bem, mamãe...

— Ah! não sabes o que disse? Está casado. Tão joven ainda! Somos quasi de sua familia...

Lydia voltou então os olhos a Nébel, e o olhou um momento com dolorosa gravidade.

— Faz tempo? — inquiriu.

— Quatro annos — respondeu em voz baixa. Apesar de tudo, faltou-lhe animo para a olhar.

## INVERNO

Não fizeram a viagem juntos, por escrupulo de casado, em uma linha onde era muito conhecido; mas ao sahir da estação subiram no bueque da casa. Quando Nébel ficava só no engenho, não deixava a seu serviço senão uma velha india, pois — além da sua propria frugalidade — sua mulher levava toda a creadagem consigo. Deste modo apresentou suas companheiras á fiel nativa como uma tia velha e sua filha que vinham recobrar a saude perdida. Nada mais crivel por outro lado, pois a senhora decahia vertiginosamente. Havia chegado desfeita, o pé incerto e pesadissimo, e em suas faces angustiosas a morphina, que havia sacrificado quatro horas seguidas aos rogos insistentes de Nébel, pedia á gritos uma corrida por dentro daquelle cadaver vivente.

Nébel, que cortára os estudos com a morte do pae, sabia o sufficiente para prevêr uma rapida catastrophe; o rim, intimamente atacado, tinha ás vezes paradas perigosas que a morphina ainda mais precipitava.

E no coche, não podendo resistir mais, havia olhado a Nébel com transida angustia:

— Si me permitte, Octavio... não posso mais! Lydia, põe-te adeante.

A filha, tranquillamente, occultou um pouco a mãe e Nébel ouviu o ranger da roupa, violentamente arregaçada para picar a coxa.

Os olhos se incendiaram, e uma plenitude de vida cobriu, como uma mascara, aquella cara agoniada.

— Agora estou bem... que ventura! Sinto-me bem.

— Deveria deixar isso — disse rudemente Nébel, olhando-a de lado

— Ao chegar estará peor.

— Oh! não! antes morrer aqui mesmo!

Nébel passou o dia todo desgostoso, e decidido a viver, quanto possível lhe fosse, sem ver em Lydia e na mãe mais que duas pobres enfermas. Mas ao cahir da tarde, e como as feras que começavam a essa hora a afiar as unhas, um desejo irreprimivel de macho começou a lhe afrouxar a cintura em lassos calefrios.

Comeram cedo, pois a mãe de Lydia, abatida desejava deitar-se de uma vez. Não houve tampouco meio de fazel-a tomar exclusivamente leite.

— Hui! que repugnancia! Não o posso tomar. E quer que sacrifique os ultimos annos de minha vida — agora que poderia morrer contente?

Lydia não pestanejou. Havia falado com Nébel poucas palavras, e só ao terminar o café o olhar deste cravou-se nella; porém Lydia baixou o seu em seguida.

Quatro horas depois Nébel abria sem ruido a porta do quarto de Lydia.

— Quem é? — sôou logo uma voz alvoroçada.

— Sou eu — murmurou elle em voz apenas sensível.

Um movimento de roupas, como o de uma pessoa que se senta bruscamente na cama, seguiu-se a suas palavras, e o silencio reinou de novo.

Mas quando a mão de Nébel tocou na escuridão um braço morno, o corpo tremeu então num longo arrepio.

Logo, inerte ao lado daquella mulher que já havia conhecido o amor antes que elle chegasse, subiu do mais recondito da alma de Nébel o santo orgulho de sua adolescencia de não haver tocado jámais, de não haver roubado nem um beijo siquer, da creatura que o olhava com radiante candor. Pensou nas palavras de Dostojewsky, que até esse momento não havia comprehendido: "Nada ha de mais bello e que fortaleça mais na vida, que uma recordação pura". Nébel havia guardado essa recordação sem mancha, pureza immaculada de seus dezoito annos e que agora jazia alli enlameada até o calix sobre uma cama de creada. Sentiu então sobre seu peito duas lagrimas pesadas, silenciosas. Ella por sua vez recordava... E as lagrimas de Lydia continuavam uma atrás de outra, regando como uma tumba o abominavel fim de seu unico sonho de felicidade.

## II

Durante dez dias a vida proseguia em commun, ainda que Nébel estivesse quasi o dia todo fóra.

Por tacito accôrdo, Lydia e elle se encontravam poucas vezes a sós, e embora tornassem a vêr-se á noite, passavam, apesar disso, longo tempo calados. Lydia tinha muito que fazer cuidando da mãe, prostrada afinal. Como não havia possibilidade de reconstruir o que já estava podre, e ainda a troco do perigo immediato que occasionava, Nébel pensou em suprimir a morphina. Porém absteve-se uma vez que, entrando bruscamente no refeitorio, surprehendeu Lydia que abaxava precipitadamente a saia. Tinha na mão uma seringa, e fixou em Nébel seu olhar de espanto.

— Faz muito tempo que usas isso? — perguntou-lhe elle afinal.

— Sim — respondeu Lydia, dobrando a agulha em uma convulsão.

Nébel olhou-a ainda, encolhendo os hombros. Entretanto, repetindo a mãe as injecções com uma frequencia terrivel para dominar as dôres dos rins que a morphina acaba por matar, Nébel decidiu tentar a salvação daquella desgraçada, subtrahindo-lhe a droga.

— Octavio! Matar-me-á! — exclamou ella com rouca supplica — Meu filho Octavio! Não poderia viver mais um dia!

— E' que não viverá duas horas si lhe deixo isso! — respondeu elle.

— Não importa, meu Octavio! Dê-me, dê-me a morphina!

Nébel deixou que seus braços se lhe extendessem inutilmente e sahiu com Lydia.

— Sabes a gravidade do estado de tua mãe?

— Sim... os medicos disseram-me:

Elle a olhou fixamente.

— E' que está muito peor do que imaginas.

Lydia ficou livida, e olhando fóra entrecerrou os olhos e mordeu os labios quasi em soluço.

— Não ha medico aqui?

— Aqui não, nem em dez leguas da redondeza; mas buscaremos.

Essa tarde chegou o correio quando estavam sós na sala de refeições, e Nébel abriu uma carta.

— Notícias? — perguntou inquieta levantando os olhos.  
 — Sim — respondeu prosseguindo a leitura.  
 — Do medico? — secundou Lydia mais anciosa ainda.  
 — Não, de minha mulher — respondeu elle com a voz dura, sem erguer os olhos.

A's dez da noite Lydia chegou correndo ao quarto de Nébel.

— Octavio! mamãe morre!...

Correram ao quarto da enferma. Uma pallidez intensa cadaverizava, já, o rosto. Tinha os labios desmesuradamente inchados e azues, e por entre elles se escapava um arremedo de palavra, guttural e a bocca cheia:

— Pla... pla... pla...

Nébel viu em seguida sobre o creado-mudo o frasco de morphina, quasi vasio.

— E' claro, morre! Quem lhe deu isto? — perguntou.

— Não sei, Octavio! Faz um momento que ouvi ruido... Seguramente o foi buscar em teu quarto quando não estavas... Mamãe, pobre mamãe! — cahiu soluçando sobre o miseravel braço que pendia para o sólo.

Nébel tomou-lhe o pulso; o coração não batia mais, e a temperatura cahia. Logo os labios calaram o seu pla... pla, e na pelle appareceram grandes manchas violetas.

Morreu a uma da manhã. Nessa tarde após o enterro, Nébel esperou Lydia que acabava de vestir-se, enquanto os empregados carregavam a carruagem com as malas.

— Toma isto — disse-lhe quando se approximou delle, estendendo-lhe um cheque de dez mil pesos.

Lydia estremeceu violentamente, e seus olhos avermelhados fixaram-se de cheio nos de Nébel. Mas este sustentou o olhar.

— Toma, pois! — repetiu surprehendido.

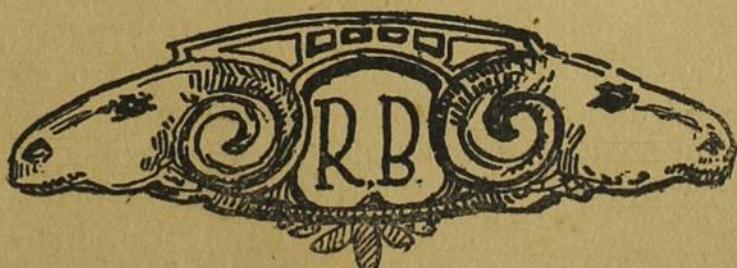
Lydia o recebeu e se abaixou para o recolher em sua valise.

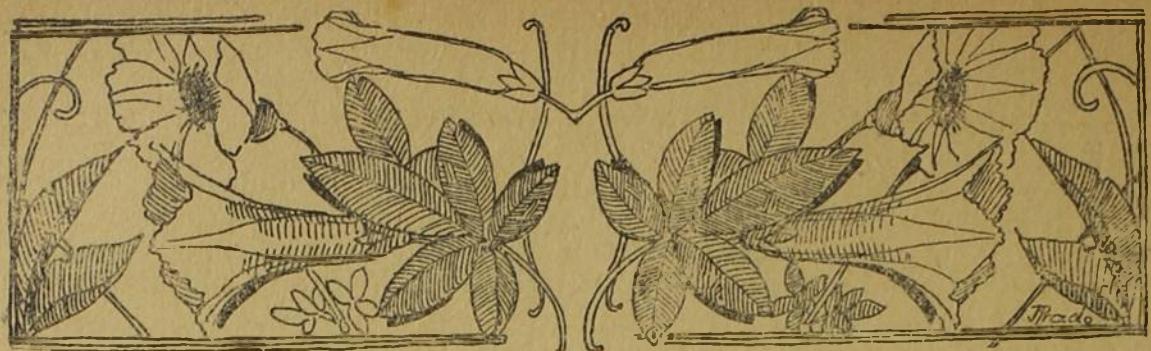
Nébel se inclinou sobre ella.

— Perdôa-me — disse-lhe. — Não me julgues peor do que sou.

Na estação aguardaram um momento sem falar, junto da escadinha do vagão, pois, o trem não sahia ainda. Quando a campainha soôu, Lydia lhe estendeu a mão, que Nébel reteve um momento em silencio. Logo, sem soltal-a, colheu-a pela cintura e a beijou profundamente na bocca.

O trem partiu. Imovel, Nébel seguiu com a vista a janellinha que se perdia. Mas Lydia não appareceu mais.





# A VICTORIA DA MULHER NA POESIA

BENJAMIN LIMA

---

Um ensaio paciente e arguto de Eleuthère Martin — flôr do novo entusiasmo, da sympathia renascente pelos estudos classicos — pretende haver surprehendido a causa da campanha que Platão movia aos poetas: é a vaidade allucinante, quasi uma forma de loucura, perigosa em muitos casos por tremendamente aggressiva, que elles trazem — ranço de amôr e de ideal — das deliciosas intimidades da Musa.

Uma longa observação tranquilla, ao envés de me ordenar que reveja a sentença do Divino, para saber si rigorosamente justa, manda que eu a generalise a todos os artistas, em cuja propria physiologia, forçosamente anormal pela intensidade, pelo predominio da sensação, se encontra o germen dessa auto-idolatria, especie de adubo terrivelmente caustico... para os outros, e em absoluto indispensavel á terra de que sugam vida as raizes mysteriosas do genio. Penso, aliás, que na idéa do philosopho a expressão “poetas” abrangia todos os pretenciosos manipuladores de belleza, com a excepção apenas de quantos, fieis ao verdadeiro espirito hellenico, isto é, fascinados egualmente pela perfeição da plastica e pela harmonia da logica, de preferencia se encaminhavam para o circo da dialectica — os acrobatas e trapezistas do sophisma.

Minha veneração risonha pelos teimosos e agoniados caçadores de ideal não diminúe, antes se torna mais raciocinada, mais voluntaria e, tambem, como é natural, mais soridente, na contemplação de seu grande peccado luminoso. Nesse narcisismo subjectivo é que se lhes alimenta a fé, ou melhor, a vontade de acreditar e esperar. Assim enamorados de si mes-

mo, pódem renovar indefinidamente as provisões de entusiasmo. Curvados sobre as lindas imagens que lhes attribúe o proprio delirio mansueto, entre graciosos e ridiculos, ficam um pouquinho menos isolados do que lhes poderia ser a esencia do desejo. Para elles um voto de humildade, feito com sinceridade e cumprido heroicamente, equivaleria á Grande Morte, aquella que parece mais desoladora e sinistra no prolongamento cynico da vida animal.

Quem assim pensa ou diz pensar perde o direito do commentario acrimonioso ao tumulto promovido por alguns dos concorrentes ao premio de poesia deste anno. O pudor do despeito — o mais sagrado talvez dos pudores — impediu-os de assumir a responsabilidade do libello que parte da imprensa vehiculou. O protesto contra a decisao da Academia, desmoralisado originariamente por esse anonymato, teve um epilogo de farça — Damaso Salcêde evadiu-se das paginas do Eça, num disfarce de publicista com pretenções a Juvenal, para viver um dos mais divertidos episodios da vida jornalistica brasileira.

Não conheço o livro coroado, nem os que lhe disputaram a láurea. Si affrontarem todos mais tarde os riscos da publicidade, poderá ser conscienciosamente examinado o veredictum academico. Uma circumstancia, porém, desse prelio, que teria resultado até o fim encantador si tivessem “espirito” quantos nelle figuraram, afirmou-se desde logo precioso motivo de meditação: A illustre companhia, á hora do ultimo, decisivo pronunciamento, abandonados os demais, hesitou entre dois poemas, considerados positivamente os melhores. Ora, esses poemas eram ambos de autoria feminina. Si a victoria não fosse de Rosalina Lisbôa, seria fatalmente de Gilka Machado. Era, pois, inevitavel, nessa guerra “en dentelles” sem métaphora, a derrota do homem.

Para os da galeria, que seguiram sem interesse, consequentemente sem paixão, os pormenores do certamen, tal circumstancia vale por uma prova da bôa fé com que os juizes deliberaram. A suspeita de haver influido na sorte do premio um impulso de galanteria por parte dos academicos, contrangidos a um bello gesto pela opportuna violação do sigillo regulamentar, não podemos nutril-a, homens que somos da “éra da dactylographa”, quero dizer do tempo em que a convivencia ininterrupta dos dois sexos determina um desencantamento reciproco. Quanto á versão de ter uma cabala mundana orientado os votos da maioria, só lhe daria eu credito si previamente me certificassem de que os impavidos snobs e rastacueras de meu paiz já conseguiram acclimar, neste,

salões como os de França, arbitros soberanos em todos os dominios da vida nacional.

Coincidencia que se não deve omittir: Mais ou menos pela mesma época, recebia a condessa de Noailles o grande premio de literatura, pelo conjunto de sua obra, quasi exclusivamente poetica, e Alphonsina Storni batia os versejadores argentinos, em pleito semelhante ao nosso.

Em casos que taes, chicanar é grosseiro, sobre ser inutil. Essa derrota nos humilhará duplamente si não n'a recebermos com um sorriso. Os sociologos que descrevem antecipadamente a cidade futura, têm como certo que passarão legitimamente ás mulheres todos os officios e misteres delicados. Não será por pertencer a essa categoria que a arte de metrificar vae deslisando subtilmente para o regaço feminino, onde fará companhia e competição áquellas vaporosas frioleiras que permittiam ás grandes damas de antanho, mais inclinadas a sentir do que a estudar o amor, nobremente refractarias ao despotismo da grammatica, indiferentes á politica e ao cambio, fugir á monota tyrannia das horas, como si estivessem a tecer, ao mesmo tempo, para estas e para os filhinhos de seu pobres, mimosos sapatinhos de lá?

Essa tentativa de explicação seria engenhosa, agradaria certamente a Izoulet. Talvez mesmo lhe não falte logica. Mas que prova isso? Pascal assevera que a logica não é presumpção de verdade. O mais rapido olhar á vida literaria universal nos advertirá de que o homem não se dispõe ainda á renuncia dessa deliciosa inutilidade, a arte. Quando tudo parece annunciar que elle vae restringir-se, com o coração callejado pelo habito de ambicionar e combater, ás fórmas violentas de acção, uma subita maré de fantasia o alaga, torna a florescer como outróra, em seu jardim, a arvore do idealismo que elle mesmo acreditava morta. Em nosso paiz, em todo o universo, aumenta de dia para dia, na proporção mesma em que a instrucção despoja as almas de sua encantadora simplicidade primitiva, aumenta o numero dos toxicomanos affeiçoados áquelle opio occidental de que falou Anatole. E a poesia consegue conservar-se enthronisada no coração dos athletas que a educação moderna está a produzir, pelo culto grego restaurado da belleza physica.

A preferencia que ora se observa pela arte das poetizas, não pode significar, certamente não significa, nem menor interesse dos homens por essa forma de literatura, nem inferioridade da maneira por que presentemente a cultivam. A alma desse mysterio deve ser procurada alhures. E eu encontro-a numa resultante fatal daquelle subjectivismo que caracterisa

fortemente a bôa, a grande poesia, desde Baudelaire, e que gerou a unica poesia capaz de agradar e satisfazer o sentimento contemporaneo — poesia que nasce da sensibilidade e só para a vibração dos sentidos quer existir; vem da emoção para a emoção; é a propria alma — empregado este vocabulo em seu sentido sthendaliano de conjunto das paixões e synthese dos sentidos, — a confessar-se num murmurio, mas sem timidez nem falsos constrangimentos, toda possuida daquella morbida curiosidade de si mesmo, que representa o legado moral de Jean Jacques á nossa especie.

Em Marcelline Desbordes-Valmore, precursora da arte graciosa e canhestra e quasi ingenua á força de sincera maldade, que havia de culminar em seu futuro critico enternecido, o pobre Lelian, surge essa poetica desprovida ainda duma definitiva etiqueta, e a que talvez não fosse mal a de "intimismo". Prefere o devaneio ao pensamento; refugia-se na nebulosa da idéa, attenta aos primeiros estremecimentos, ás primeiras claridades da metamorphose, para alçar o vôo, qual passaro assustado; desdenha a razão que tudo complica a pretexto de explicar, e entrega-se aos sentidos, aos instintos, á natureza, em summa, que quer sér, integral e intensamente, antes de saber como e porque é.

A hyperbole de Hugo, o malabarismo de Banville, a pompa de Heredia, o enygmatismo de Mallarmé, são a poeira das oficinas onde a arte do verso se afadiga e atormenta na cobiça da propria perfeição. Disse-o Geraldy, num artigo para a "Vanity Fair": O grande erro dos poetas tem sido, atravez das varias épocas, preoccupar-se com a renovação da technica, ao envés de se applicarem a renovar seu modo de sentir, sua sensibilidade, sua esthesia. Não é, porém, commum a todos esse equívoco. Alguns, que são seguramente os unicos poetas verdadeiros, não privam sua arte daquelle que a distingue dos demais generos literarios, e a conduz irresistivelmente para a visinhança da musica de que é duplamente irmã — pelo rythmo e pelo claro-escuro, pela imprecisão e pela sonoridade. A grandeza dessas duas artes está justamente na sua impropriedade para a interpretação do pensamento que tem contra si o repetir-se e gastar-se. A emoção, ao contrario, por exigencia e para o serviço da qual poesia e musica se engendraram, é, ao contrario, um infinito.

A' excepção de Madame Ackerman, uma das victimas da mystificação duma poesia de idéas, como Sully-Prudomme e o Guy de Maupassant poeta — desdobramento infeliz do mais perfeito narrador de todos os tempos, — as grandes poetisas contemporaneas não se enganaram sobre o melhor caminho a

seguir. Seus versos constitúem uma interpretação puramente emotiva, por vezes mesmo exclusivamente sensual, da vida e do mundo. E porque assim sucede, uma forte curiosidade desperta em nós, á esperança de que tenha chegado enfim a hora das nos revelar a mulher os seus segredos. Um fremito nos sacóde. Vae finalmente falar a *Esphynge*, cujo silencio demasiadamente prolongado autorisára o irreverente Oscar Wilde a insinuar que seu famoso mysterio era apenas uma superstição masculina...

A literatura universal acha-se atravancada de explicações da alma da mulher. Que colossal anthologia a que abrangesse tudo quanto têm os homens escripto sobre o sexo inimigo! E os enganos grosseiros que elles commettem no estudo da propria psychologia, permittem-nos imaginar os que perpetram na tentativa de suprehender os mysterios intimos de suas musas, companheiras e rivaes.

Uma vez que do bando gracioso e ameaçador algumas se dispõem a revelar-se — inspiradoras que guardam para si mesmas o milagre da inspiração —, é instinctiva a anciedade com que todos nos voltamos para ellas. E os academicos, homens tambem, igualmente torturados pela secular curiosidade, martyres da velha inquietação que suggere o contacto dum sér tão diferente, hão de acolher com alvorôço aquellas que têm, como diria o Dante, “intelletto d'amore”, e aprenderam no manejo da arte da palavra, o sagrado impudor de o proclamar.

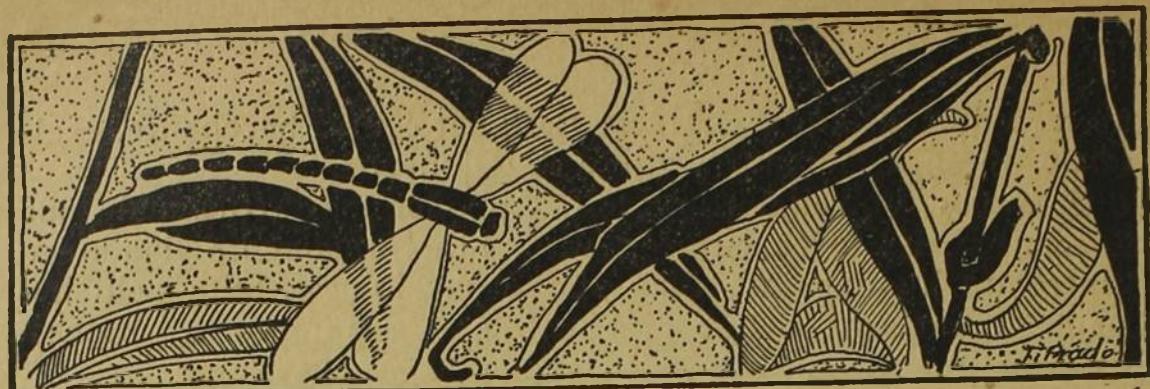
Ha quem censure a Gilka Machado a escolha do titulo para o seu novo livro — *A mulher núa*. Mas esse titulo devia sér o de toda a poesia trabalhada por mãos femininas. De facto, atravez de todos os seus versos, a mulher desnuda-se — nudez integral, absoluta, suprema, que offerece á nossa contemplação desde as seduções de sua estatuaria até os mais fugitivos estremecimentos de sua alma. Finda, num rumor ambiguo, que é, ao mesmo tempo, de sêdas voluptuosas e de rimas sensuaes, o mais inquietante, o mais hostil dos mysterios que cercavam o homem.

Particularidade interessante: No plectro feminino é a corda sensual que mais forte e frequentemente vibra. A condessa de Noailles imagina com volupia o extase dos que futuramente, depois de sua morte, a lêrem, e para a sua sombra se sintam violentamente arremessados por um desejo sacrilego, violador de tumulos. Marie de Régnier, num dia de tristeza, ao temor de morrer, quizera que lhe perpetuassem na argilla o contorno maravilhoso dos seios. René Vivien, Sapho moderna á espera da reabilitação de Reinach, descreve impudentemente a for-

mosura de suas amigas. Marie Dauguet é uma bacchante, exaltando phreneticamente a gloria de Dionysos.

O doutor Voivenel explicaria o phenomeno affirmando que "o centro das idéas genitaes está funcionalmente ligado ao centro da linguagem". Mas isso é physiologia feita pelo homem. Quem sabe o que dirá sobre o assumpto a mulher, quando invadir mais esse dominio de nossa pobre vaidade ameaçada?





# EM TORNO DA GEOGRAPHIA DA ALIMENTAÇÃO

PROF. BERNARDINO JOSE' DE SOUZA

(Do Instituto Geographico e Historico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia)

*Em sessão do Instituto Geographico e Historico da Bahia, realizada aos 17 de Julho passado, o consocio Prof. Manoel Guerino leu uma extensa monographia a respeito da Culinaria Bahiana, mostrando a influencia das cosinhas lusitana, indigena e africana na formação da cosinha bahiana e discreteando sobre os varios manjares que dão á culinaria da Bahia caracter especial entre as do Brasil. O Prof. Bernardino de Souza, Secretario Perpetuo do Instituto, que é tambem docente de Geographia em varios estabelecimentos da cidade do Salvador, leu a seguinte communicação, procurando chamar a attenção do Instituto para a importancia do trabalho de seu confrade e a título de vulgarisação de assumptos de grande conta.*

*Senhores do Instituto.*

TANTO que o meu velho amigo Professor Manoel Guerino, indefesso investigador das nossas coisas passadas, me anunciou o seu trabalho a respeito da Culinaria Bahiana, dando-me a traço largo a directriz por elle prosseguida em searas de todo descuidadas entre nós, na minha retentiva, um tanto disciplinada em cathedra que á memoria pede longo folego, surgiu a lembrança de umas paginas magistraes dadas a lume na "Revista da Sociedade de Geographia de França", em 1909. Lembrando-as, eu disse ao nosso prezado confrade que o seu trabalho era de grande conta, subindo-lhe a estima por iniciar no Brasil estudos muito serios e que desvelavam engenhos em meios mais cultos.

De feito, quem já houver perlustrado as paginas de algum dos livros da moderna escola de geographos franceses, que teve como chefe o inolvidavel mestre Vidal de la Blache e tem hoje como expoente o emerito professor Jean Branches, do Collegio de França, certo, não ha de extranhar os gabos que presenteio á monographia que nos acaba de ler o velho professor, pedindo ademais um voto de louvor na acta dos nossos trabalhos em homenagem ao opimo fructo de tão relevante lavragem.

De ha muito, meus confrades, além Atlantico, já se não insiste na importancia dos estudos consagrados á alimentação, á habitação e ao vestuario, que constituem os tres fundamentos essenciaes de toda a geografia economica.

Victor Bérard, vigoroso publicista frances, sociologo de largos creditos em sua Patria, notou bem á justa que nos tempos antigos, quando se compuzeram as epopeás homericas, os homens não se classificavam segundo caracteres somaticos, como a côr da pelle, a coonformação do craneo, etc., nem segundo os caracteres das linguas ou dos dialectos que falavam, porém, sim, de accordo com os seus alimentos. Não se cuidava naquelle então de negros e brancos, pardos e amarellos: noomeavam-se tão somente os comedores de peixes, comedores de lotus, os sitophagos, os ichtyophagos, os lotophagos, accrescentando Bérard que a classificação dos homens em "phagos" é mais realista e mais verdadeira do que a classificação em "phonos", isto é, embasada nas linguas faladas.

O geographo russo Voeikof, em 1909, em dois artigos publicados no orgão oficial da Sociedade de Geographia de França, patenteou a relevancia dos problemas da geographia da alimentação, esboçando uma classificação das gentes consoante as modalidades da alimentação pelos cereaes, pela carne e pelos lacticinios, terminando por formular algumas conclusões a respeito do futuro da alimentação, passiveis apenas de objecções pelo exclusivismo de vegetariano convencido e militante que é o notavel mestre moscovita.

Menor não foi a contribuição que trouxe aos novos estudos o professor allemão Lichtenfelt, publicando em 1913 a sua obra — *Die Geschichte der Ernaehrung — Historia da Alimentação*. As 365 paginas desse formoso trabalho são manancial abundoso de suggestões para historiadores e geographos, revelando-se-nos em linhas muito claras toda a importancia economica e social do problema da nutrição humana.

Jean Brunhes, que escreveu profunda synthese da Geographia Humana em livro admiravel que o consagrou a maior autoridade do mundo latino em tão bellos grangeios, na lição inaugural de um curso de Anthropographia no Collegio de França, chama a attenção dos estudiosos para um livro intelligente apparecido em 1912, da lavra de um illustrado engenheiro e viajante que se occultou sob o pseudonymo de Ali-Bab. Nesse trabalho intitulado — *Gastronomia Pratica. Estudos Culinarios*, — o seu autor traceja um quadro curiosissimo da geographia da cosinha, pondo em luz as condições e as causas geographicas da repartição destas ou daquellas iguarias. No capitulo preambular Ali-Bab versa a historia da gastronomia, dividindo-a em duas partes: uma historia das diferentes cosinhas e um quadro das cosinhas actuaes.

Eu cito apenas, illustres confrades, os mais momentosos trabalhos a respeito dessa nova ordem de pesquisas scientificas: deixo á margem os muitos artigos de vulgarização dados a lume em revistas e periodicos.

Já o notava Jean Brunhes que, quando se fala de cosinha, parece que se desce das regiões superiores do pensamento para a occupação trivial de problemas terra terra. Entretanto são escrupulos superficiaes que, precipuamente, se desmancham á luz dos inestimaveis serviços que, para o conhecimento dos usos e costumes dos nossos mais remotos antepassados

têm prestado o restos de cosinha que a sciencia européa appellida rebarbativamente *kjökkenödinger* (\*) e entre nós se denominam *sambaquis*, tão abundantes na faixa littoranea do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Além disto é uma verdade inconteste que, não somente grupos ethnicos, mas tambem certas nações e paizes são definidos ou se quizerem parcialmente definidos por sua alimentação corrente, por certas e determinadas iguarias preponderantes na alimentação de suas gentes ou características de suas cosinhas.

Sabem todos quem são os comedores de pão, os bebedores de cerveja, os comedores de arroz e os bebedores de chá ou de mate.

Uma iguaria é um manjar nacional como o *cocido* hespanhol, a *polenta* italiana, a *mai aliga* rumaica, a *porridge* escosseza, o *stchi* ou o *bortsch* da Russia, a *sexá* da Suecia, o *knäckebröd* da Finlandia, o *yougourt* da Bulgaria, a *miliasse* dos departamentos francezes do Oeste, a *gaude* da Borgonha e do Franco-Condado, o *chuppattis* da India Septentrional, o *tzamba* thibetano, o *tofou* japonez, o *couscoussou* arabe da Africa do septentrião, a *tortilla* mexicana, o *churrasco* platino, o *vatapá* e o *carurú* da nossa Bahia, são como especeis de signaes nacionaes que despertam em nossos espiritos excellentes representações de um certo numero de traços pertinentes a estas collectividades.

Valendo-me da suggestão do insigne mestre francez, tantas vezes citado, eu vos perguntarei: Quantos Estados do nosso Brasil não poderiam ostentar como symbolo em seus estandartes particulares um prato ou um producto regional?

O assumpto é realmente de alto interesse. Guerra Junqueiro escreveu estes versos robustos:

"Bom estomago e ventre livre — um patrimonio.  
A vida é boa ou má, faz rir ou faz chorar,  
Conforme a digestão e conforme o jantar.  
Toda philosophia, pode crel-o, Doutor,  
Ou tristonha, ou risonha, ou alegre, ou sombria  
Deriva em nós, tão orgulhosas criaturas  
De gastro-intestinaes combinações obscuras."

Avivando a vossa attenção no apreciar maduramente o invulgar da preziosa monographia do Prof. Manoel Guerino, não me furto ao prazer de vos referir as palavras de Jean Brunhes em sua aula inaugural já referida, instando persistente na monta de taes problemas: "no curso de meus estudos em torno da peninsula balkanica e a respeito da geographia humana dos paizes da mesma peninsula, liguei importancia excepcional a tudo o que constitue a alimentação costumeira, os alimentos tradicionaes e o genero de vida. Passando um dia pelas ruas de Belgrado (capital do novo reino Serbo-Croata-Sloveno), percebi na frente de uma modestissima bodega uma mesa onde se achavam um *Samovar* e um *Kanta*; o *Samovar* é o utensilio de cobre que serve para fazer chá; o *Kanta* é o vaso cravado de cobre no qual se fabrica e vende a *boza*, que é uma bebida de farinha de milho fermentada. Ora, o *Samovar* e chá exprimem um costume russo, enquanto que a *boza* é de origem turca. Nesse paiz slavo, que por tanto tempo esteve sob o dominio dos turcos, as influencias da Russia e da Turquia estão flagrantemente figuradas pela juxtaposição inesperada do *Samovar* e do *Kanta*.

Ponderae, meus caros confrades, na acuidade da observação, que rescembra destes periodos de ouro.

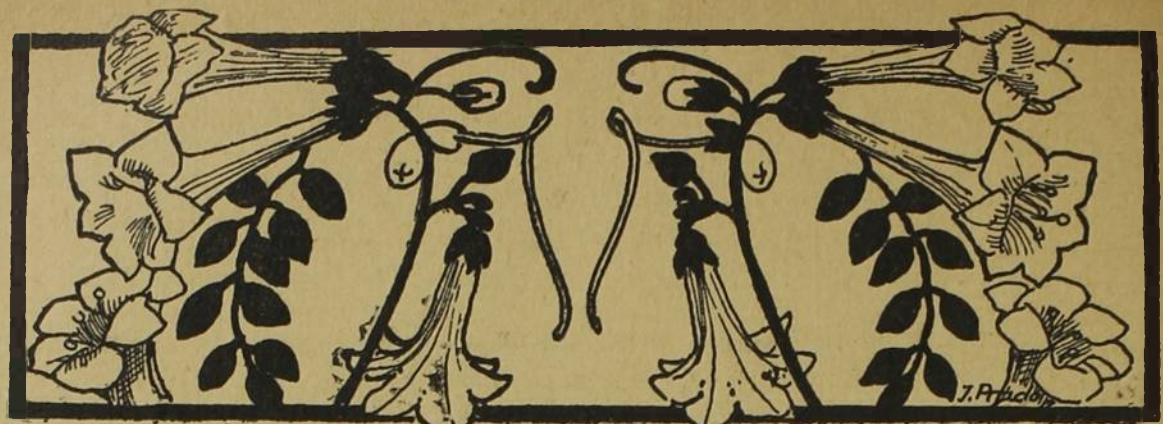
(\*) Em dinamarquez *kjökken* significa — cosinhar — e *mödding* (no plural *möddinger*) significa — resto, destroço.

Ahi ficam estas palavras á margem da criteriosa monographia offerecida hoje ao Instituto, em palestra saborida. Não pretendi criticar-lhe a contextura, até porque só a conhacia no rapido summario de conversa intima numa dessas tardes amigas em que aqui nos encontramos, nós, os do grupo mantenedor da actuação diligente e viva do Instituto.

O meu intuito foi apenas despertar os respeitos dos estudiosos desta tenda para a importancia actualissima que, nos meios cultos do velho e novo mundos, têm os estudos a cuja cathegoria pertence o trabalho do Prof. Manoel Guerino. Elle é, no Brasil e ao meu conhecimento, a primeira contribuição séria nessa província dos estudos historico-geographicos: cabe ao nosso Instituto a honra de mais uma iniciativa na labuta a que se devotam as sociedades congeneres da Republica.

O meu voto final é que a monographia do Prof. M. Guerino seja capaz de empolgar o espirito de outros seareiros, de geito que nos presenteiem ouvidas deleitosas como a de hoje, e mais do que isso, affirmem desengadanadamente as fainas fructuosas do Instituto Geographico e Historico da Bahia.





## NO TREM DE FERRO

PAULO SETUBAL

---

*Manhã. Sol claro... E o olhar pela vidraça.  
Em quanto corre o trem, flammante e rubro,  
Vou contemplando a virgiliiana graça  
Desta paizagem matinal de Outubro.*

*Linda aquarella: uma rechã molhada,  
Capoavas ralas, fiapos de neblina,  
E a cicatriz vermelha duma estrada  
Golpeando o dorso verde da collina.*

*Graves, manchando os ermos da planura,  
Pastam, ao longe, socegadas vaccas;  
Vae pelo azul, japonisando a altura,  
Todo um revoar grashante de baitacas.*

*Por tudo esplende uma alegria clara,  
Um sol de festa, um ar de juventude...  
E nisto, um silvo: o trem de ferro pára  
Numa longinqua estaçãozinha rude.*

*E abrindo o carro, alli, nessa distancia,  
— Fundo sertão que eu toscamente pinto,  
Surge um casal... Um par todo elegancia,  
Maneiras educadas, ar distincto.*

*Ella, vinte annos... Loira. Um loiro terno.  
Mimo e frescura. Graça e gentileza.  
Com seu costume, dum xadrez moderno,  
Dava-se uns ares de touriste ingleza.*

*E tudo nella, esvoaçante e leve,  
Tinha feiticos, attracções mordentes:  
Desde o recorte da boquinha breve,  
Até ao veneno dos seus olhos quentes!*

*Elle, moço e grisalho... Um typo grave,  
Severa pallidez, gesto polido,  
Com esse aspecto, encantador e suave,  
De homem precocemente envelhecido.*

*E errava nelle qualquer cousa, algo  
De bem sereno, algo de bem disposto,  
Que punha um tom mais fino e mais fidalgo,  
Na romantica alvura de seu rosto.*

*E quando o trem partiu, numa voragem,  
Por entre a poeira, e o sol, e a estrada infinda,  
Contou-me um companheiro de viagem  
A historia desse par... Que historia linda!*

\* \* \*

*Elle, rapaz de tom, dos mais mundanos,  
Herdeiro duma tia philantrópa,  
Deixára a Patria, no verdor dos annos,  
Pelas sonhadas tentações da Europa.*

*E andou, moço e feliz, numa doidice,  
Buscando sensações de terra em terra:  
E invernos de Paris, verões de Nice,  
Céus de Madrid, nevoeiros de Inglaterra,*

*Por toda a parte, o coração em fogo,  
Elle esbanjára a mocidade ardente!  
E em Monte-Carlo, muita vez, no jogo,  
Gastando como um principe do Oriente,*

*Brilhára nesses antros rosicleres,  
Cheios de snobs, de peitilhos brancos,  
Onde, com elegancia, entre mulheres,  
Perdia sempre alguns montões de francos.*

*E enfim, cansado e farto, já grisalho,  
— Sombra roida pelos desenganos,  
Tornou um dia á Patria, ao verde galho  
Onde se abrira a flor dos seus vinte annos.*

*Trazia n'alma, como chaga horrenda,  
Um grande mal que urgia de remedio:  
E foi buscar, nos ocios da fazenda,  
Um balsamo efficaz para o seu tédio.*

*E os cafezaes, e as espraiadas roças,  
Que um sol fecundo alegremente doura;  
E o céu tão nosso, e as arvores tão nossas,  
E ares do campo, e cheiros da lavoura,*

*— Todo esse bucolismo, ingenuo e casto,  
Essa poesia dum sabor tão rude,  
Tonificou-lhe o espirito já gasto,  
Fez-lhe brotar as rosas da saude!*

*Ora, naquellos sitios, entre o viço  
D'aquella terra nova e estontheadora,  
Havia nesses tempos um feitiço,  
Que enfeitiçava tudo: a professora!*

*Com sua blusa de cambraia e renda.  
Mimo e frescura, graça e gentileza.  
Era o mais lindo enfeite da fazenda,  
A flor mais fresca dessa redondeza.*

*E elle... Não digo mais! Pois, certamente,  
O epilogo da historia dá na vista:  
Ficára o moço, como tanta gente,  
Todo perdido pela normalista!*

*E um dia... Céus! Que dia alviçareiro:  
— Girandolas, foguetes, mastro erguido,  
Baile na tulha, festa no terreiro,  
E o velho casarão todo florido!*

*E em meio aos "vivas", e ao folgar bulhento  
Daquella gente humilde e campesinha,  
— Um párocho abençoava o casamento  
Do fazendeiro e da professorinha...*

\* \* \*

*E assim, n'aquella rustica paizagem,  
Emquanto o trem pela campina voa,  
Contou-me um companheiro de viagem  
A historia desse par... Acharam boa?*

(De um livro a sahir).





# VARIANTE CARIOWA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO

ANTENOR NASCENTES

(Continuação \*)

## MORPHOLOGIA

**S**UBSTANTIVO — A flexão numérica por meio de *s*, desaparece de todo nas classes incultas: *livro* (singular e plural) (cfr. francz *livre*, *livres*).

O plural é indicado pelos adjectivos determinativos que precedem o substantivo, como acontece na costa noroeste da India, em Cochim, em Ceylão, no Cabo Verde, na Guiné, em S. Thomé: *os livros* — os livro, *dois livros* — dois livro, *meus livros* — meus livro, *estes livros* — estes livro, *poucos livros* — poucos livro.

Por affectação, às vezes aparecem com plural cumulativo certos monosyllabos: *leis* — lezes, *pés* — peses, *pós* — pôses.

Os nomes em *ão*, na classe culta, tendem a fixar a forma *ões*, que é a mais geral: *capitões* em vez de *capitães*, *cidadões* por *cidadãos*.

Certos nomes terminados por *s* no singular tendem a criar uma forma sem *s* que não dê a impressão de plural: *um pire*, *dois pires*, *um alicate*, *dois alicates* (cfr. *ceroula*, *calça*, *tesoura*, que já teem singular hoje).

*Rei* tem um singular *rês*, cujo *s* talvez venha da necessidade de alongar a palavra ou de expressões como *dia de reis*, *reis magos*.

Ha vacilações na metaphonia do plural dos nomes que teem *o* fechado na penúltima syllaba; a analogia com o singular faz *ôvos* como plural de *ôvo*, a affectação por vontade de acertar faz *bôlsos* para plural de *bôlso*.

Certas palavras muito empregadas no plural e começadas por vogal tendem a fixar o *s=z* do artigo: *annos*, *olhos=zano*, *zoio* (meu *zoio*=meu olho, dia de *zano*=dia de *annos*, na linguagem infantil).

As palavras femininas devem terminar por *a* e as que terminam por *a* devem ser femininas. Assim, *Irene*, *Adelaide*, *Matilde*, *miosotis* dão *Irena*, *Delaida* (cfr. esp. *Adelaida*), *Mathilda*, *Irena*, *miosota*, nas classes incultas; *cometa*, *systema*, *phantasma* (literariamente ambíguo) são femininos.

(\*) Vêr o numero anterior desta "Revista".

*Ladrão* só apresenta na classe inulta o feminino *ladroa*; *allemao*, *allemoa*; *conde*, *condensa*; *morador*, *moradeira*; *tigre* é feminino como em italiano.

O sufixo *ito* é raramente usado nos diminutivos. A forma *pintainho* é inteiramente desconhecida do povo o qual só diz *pintinho*.

Conforme observou Sousa da Silveira (Conferencia no Curso Jacobina, 1920), o diminutivo apresenta metaphonia na vogal do radical, conforme a significação. Assim, *rodinha*, *folhinha*, *modinha*, *corpinho* soam *ròdinha*, *fôlhinha*, *mòdinha*, *côrpinho* quando querem dizer uma roda pequena, etc. e *rudinha*, *fulhinha*, *mudinha*, *curpinho*, quando significam o fogo artificial, o calendário, a cantiga, a peça do vestuário.

Fora disso, a vogal é fechada normal (*pédra*, *pêdrinha*) e não aberta, como no Norte e Centro de Portugal (*pèdrinha*), nem brevissíma, como no Sul (*p'drinha*).

**ADJECTIVO** — O plural do adjetivo proclítico se mantém por meio de *s* por uma necessidade psicológica; do contrário, não tendo *s* o substantivo, nada ficaria para indicar a pluralidade.

Esta é geralmente a posição dos determinativos; os qualificativos, que quasi sempre são enclíticos, não teem plural, senão na prólyse: *boas festa*.

As formas gradativas analíticas dominam sobre as syntéticas. O povo evita *mais grande*, *mais bão*, porque sabe que é errado e entretanto, cumulativamente, diz *mais maió*, *mais mió*, porque está atenuadíssima nestes adjetivos a força gradativa. Diz também *mais pió*, *mais menó*. Usa muito o superlativo com *bem*; conhece algumas formas syntéticas: *Santíssimo* (termo ecclesiástico), *grandíssima*, *coisíssima*, etc.

O demonstrativo *esse* está em decadência; aparece ainda, entretanto, principalmente em expressões estereotypadas: *Ora essa! Home essa!*

O demonstrativo *mesmo* é *mêmo*, como na Estremadura e em andaluz.

O povo quasi não usa o possessivo *vozzo*, salvo em expressões fixas: *Vossa Senhoria, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, bendito é o fructo do vosso ventre*.

Usa muito das expressões do *Sr.*, da *Sr.<sup>a</sup>*, em vez de *seu*, *sua*.

Nos numerais diz *ôito*, *dizôito* ou *duzôito*, como no Sul de Portugal, *dizassete*, *dizanove*, *corenta*.

Como nota Leite de Vasconcelos, o povo geralmente moderado uso faz dos ordinais, com excepção dos primeiros da série e dos que entram em expressões petrificadas: *premero*, *sigundo*, *tercero*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, (fixados nos dias da semana), *sétimo* (missa de sétimo dia), *vigésimo* (por causa do bilhete de loteria).

Nos indefinidos notemos *nós tudo*, em vez de *nós todos*, como em Macau, e *menos*, no feminino plural, por falsa analogia: *menos livro*, *menas caneta*.

**PRONOME** — *Tu* tem emprego emphático, *vós* só aparece em expressões petrificadas: *bemdita sois vós*.

Desconhecem as variações *o*, *a*, *os*, *as* (v. syntaxe), excepto em expressões fixadas: *Deus o leve!* *Deus o favoneça!* Como vimos *lhe* se transforma em *le*, como em hespanhol; emprega-se como forma objectiva de *você* e não de *êle* e não tem plural: *quem le disse isto?* *quem deu isso a vocês?* Por influência da forma *mim*, *me* objecto indírecto às vezes é *mim*: *êle vai mim dá um chapéu*. Com a preposição *com* aparece *nós* e não *nosco*; *cumigo* nas classes baixas, *commigo* na classe culta, como no Sul de Portugal. Usa-se pouco a variação *nos* (aparece no *Padre nosso*). Tudo isto é observado quasi só nas classes inultas.

VERBO — O povo apenas emprega o verbo nas 1.<sup>as</sup> e 3.<sup>as</sup> pessoas. Mesmo quando usa a 2.<sup>a</sup> do singular por êmphase, o verbo não vem nessa pessoa; vem na 3.<sup>a</sup> do mesmo número.

Como em francez, são iguais a 2.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> pessoas do singular e a terceira do plural quasi sempre: *tu ama*, *elle ama*, *elles ama*. A primeira do plural, quando paroxytona, perde o *s* final; quando proparoxytona, perde a desinência toda: *têmo* (temos), *tinha* (tínhamos). A classe baixa às vezes tira a syllaba toda, mesmo nas formas paroxytonas: *nós canta*.

Certos tempos faltam completamente ou são raramente empregados: o mais que perfeito simples do indicativo, os futuros do indicativo, o condicional, o perfeito e o futuro simples do subjunctivo, o presente pessoal do infinitivo.

Muitos desses tempos aparecem em phrases petrificadas: *tomara! pudera!* *quem me dera! quem HAVERA de dizê!*

A linguagem do futuro é dada por enálage pelo presente do indicativo ou com o verbo *ir* e o infinito do verbo que conjuga: *Vou lá hoje; vou me encontrar logo com você na cidade*.

O povo evita muitas vezes o presente e o imperfeito do subjunctivo, usando os tempos correspondentes do indicativo.

Verbo *amar* — *Amo, ama, ama, amamo, ama; amava, —, —, —, —;* *amei, amasses, amou, amemo* (1), *amaro; ama* você, *ame* vocês; *ame, —, —, amemo* (rara), *ame; amasse, —, —, —; amá, —, —, —, —; amá.*

Verbo *dever* — *Devo, deve, deve, devemo, deve; devia, —, —, —, —;* *devi, devesses, deveu, devemo* (1), *devêro; deve* você, *deva* vocês; *deva, —, —, —, —; desesse, —, —, —, —; devê, —, —, —, —; devê.*

Verbo *partir* — *Parto, parte, parte, partimo, parte; partia, —, —, —, —;* *parti, partisses, partiu, partimo, partiro; parte* você, *parta* vocês; *parta, —, —, —; partisse, —, —, —, —; parti, —, —, —, —; parti.*

Vejamos agora differenças de metaphonia.

Os verbos da primeira conjugação com *e* fechado na penúltima syllaba abrem-no nas formas rizotônicas; dahi: *fécho, féchas, fécha, fecham; avexo, avexas, avexa, avexam; em compensação, exergar faz exêrgo, exêrgas, exêrga, exergam*.

Os com *a* precedendo nasal teem a vogal fechada e não aberta nas ditas formas: *apândo, châmo, sâno, etc.* e não *apândo, châmo, sâno*.

Os verbos com *ei* na penúltima syllaba teem o tratamento dos com *e*, porque *ei*=*ê*: *peneirar* por *penéro*, etc., *aleijar* faz *aléjo*, etc.

Os com *ou* na penúltima syllaba teem o tratamento dos com *o*, porque *ou*=*o*: *agourar, dourar, poupar, estourar, roubar, poupar* fazem *agóro, dóro*, etc. *Endeusar* costuma fazer *endeóso*, etc. e não *endeuso*, etc.

Nos verbos com hiato na penúltima syllaba, dá-se a substituição por diphongo nas ditas formas: *sáudo, embanho* (embaínho), *arrúino*.

Os verbos com *o* precedendo nasal teem a vogal fechada e não aberta: *tômo, tômas, tôma, tômam, tômę, tômes, tôme, tômem. Soar* costuma fazer *suo*, etc.

Na segunda conjugação, os verbos com *e* fechado na penúltima syllaba, abrem-no quando tônico, excepto antes de *o*: dahi *parecer* e *dever* fazerem *parêces, parêce, parêcem, dêves, dêve, dêvem*. *Esquecer* tem *o* e átono sempre

(1) A classe culta diz *amâmos*, conforme vimos. Ha uma frase infantil que fixou *o e: nós quando nos juntemo, pintemo*.

Segundo Meyer Lübke a forma *amos*, como em espanhol, é a daria a aplicação das lysis fonéticas; o mesmo autor as crê influenciadas por *amâstes*, *amâram*.

A forma *emos*, que também aparece no Norte e no Centro de Portugal, torna-se assim um diacrítico da forma *amos* do presente.

(1) A classe culta diz *devêmos* e não *devémos*, conforme vimos na phonologia.

fechado ou surdo e não aberto como em Portugal: *esquèci* = *esquici*, *esquècesse* = *esquêcesse*.

Quando o *e* precede nasal é sempre fechado: *gêmes*, *gême*, *gêmem*, e não *gémes*, etc.

O *i* de *viver*, por dissimilação, segundo Nunes, ou por analogia, talvez, sofre metaphonia: *véve*, *vévem*.

Os verbos com *o* na penúltima syllaba precedendo nasal teem a vogal fechada quando há *e* na última: *cômes*, *come*, *comem* e não *cômes*, etc.

Na terceira conjugação, alguns verbos com *i* na penúltima syllaba, por analogia com os da segunda conjugação que teem *e*, mudam o *i* em *e* aberto: *desistir* — deseste; *arresistir* (resistir) — arrereste (Leite de Vasconcellos registrou *resexter* no Alemtejo).

Os verbos *dispir*, *medir*, *pedir*, *servir*, *ferir*, *mente*, *sente*, *vestir*, por analogia com a primeira pessoa ou por arcaismo, fazem *dispe*, *mide*, etc.

Os verbos *cobrir*, *tossir*, *acudir*, *sacudir* fazem *cubre*, *tusse* (por arcaismo conservado?), etc.

Os verbos *subir*, *sumir*, fazem *sube*, *sume* (arcaismo?).

O verbo *entupir* faz *entopes*, etc. e não *entupes*, etc., como é o certo.

Estes erros são da classe inulta.

**VERBOS IRREGULARES** — Os verbos em *iar* confundem-se muito na linguagem popular com os em *ear*: *contrareio*, *copeio*, *vareio* (formas registradas por Nunes e L. de Vasconcelos em Portugal), *gloreio*, etc. *Avaliar* aparece como *avaluar*, como em hespanhol; *vadiar* dá *vadeia*, registrado pelo folclore carnavalesco em 1921; *alumiari* dá *alumeia*, forma mais correcta (Nunes), que ainda se encontra num provérbio ao lado de *candcia* e na expressão *por essa luz que me alumia!*

*Verbo dar* — Dou, dá, dá, damo, dá ou dão (mantida por ser um monossylabo tônico); dava, —, —, —, —; dei, desses, deu, dêmo, dero; dá você, dê vocês; dê, —, —, —; desse, —, —, —; dé, —, —, —, —; dá.

*Estar* — Na fala popular perde a syllaba inicial (v. phonologia), fenômeno também notado no andaluz, e atribuido à influência de *ter*, influência que no perfeito do indicativo é bem manifesta (Meyer Lübke).

*Tou* (stou), tá (stás), tá (stá), tamo, tão (monossylabo tônico); tava, —, —, —, —; tive, tivesse, teve, tivemo, tiveru; esteje (nas intimações policiais: *esteje preso!*) você, esteje vocês; teje, —, —, —, —; tivesse, —, —, —, —; tive, —, —, —, —; tá (star).

*Caber* — Cabo pres. do indi., caba, etc. no do subj.; *cube* ou *cabi* no pret. perf., e *cabesse* no imp., *cubé* e *cabê* no fut. do subj.

*Dizer* — digo, diz, diz, dizemo, diz; dizia, —, —, —, —; disse, dissesse, disse, dissemo, dissero; diz você, diga vocês; diga, —, —, —, —; disse, —, —, —; disse ou dizê, —, —, —, —; dizê.

*Fazer* — faço, faz, faz, fazemo, faz, fazia, —, —, —, —; fiz, fizesses, fez, fizemo, fizero; faz você, faça vocês; faça, —, —, —, —; fizesse, —, —, —, —; fizé ou fazê, —, —, —, —; fazê.

*Haver* — hê, há, há, havemo, ou; havia, —, —, —, —; este verbo só é usado pelo povo nas linguagens de futuro. O impessoal é *ter* (v. sintaxe).

*Poder* — Posso, pode, pode, podemo, pode; podia, —, —, —, —; poude (afectação para acertar), pudesses, poude, pudemo, pudero; possa, —, —, —, —; pudesse, —, —, —, —; pudê, —, —, —, —; podê.

*Querer* — Quero, qués, qué, queremo, qué; queria, —, —, —, —, quis, quisesses, quis, quisemo, quisero; quêra, —, —, —, —; quizé ou querê, —, —, —; querê.

*Saber* — Sei (às vezes *sê*), sabe, sabe, sabemo, sabe; sabia, —, —, —, —; sube, subesses, soube, subemo, subero; sabe você, saba vocês; saba, —, —, —; subesse, —, —, —, —; subé ou sabê, —, —, —, —; sabê.

*Ser* — Sou, é, é, somo ou somos (1) (há uma anecdotá fixando esta forma), são; era, —, —, —, —; fui, fosses, foi, fomo ou fumo (influência de *fui*, como no galego), fôro; seje você, seja vocês; seje, —, —, —, —; fosse, —, —, —, — (há uma forma regular *sêssse* fixada numa phrase pilhérica: antes *sêssse*); fô ou *sê*, —, —, —, —; *sê*.

*Ter* — Tenho, tem, tem, temo, tem; tinha, —, —, —, —; tive, tivesse, teve, tivemo, tivero; tem você (rara), tenha vocês; tenha, —, —, —, —, (1); tivesse, —, —, —, —; tivé ou ter (como nas classes médias aparece nos compostos *manter*, *conter*, etc.), —, —, —, —; tê.

*Abster, deter, reter* às vezes apresentam pretéritos regulares *absti*, *este*, *eu*, etc. por atenuação do sentimento da composição.

*Entreter* (aliás *entertê*) apresenta o presente regular: *enterte* ou *entrete*.

*Trazer* — Trago, traz, traz, trazemo, traz; trazia, —, —, —, —; trusse, trussesses, trouxe, trussemo, trussero; traz você, traga vocês; traga, —, —, —, —; trussesse, —, —, —, —; trussé ou trazê, —, —, —, —; trazê.

*Valer* — Valo, vale, vale, valemo, vale (*val* só aparece no provérbio *ouro é o que ouro val*); *vala*, —, —, —, —.

*Ver* — Vejo, vê, vê, vemo, vê; via, —, —, —, —; vi, visses, viu, vimo, viro; vê você, veja vocês; veja, —, —, —, —; visse, —, —, —, —; vê (2), —, —, —, — (até na classe culta, porque a forma verdadeira lembra o verbo *vir*); vê.

O composto *rever* faz *reveu* na 3.<sup>a</sup> pes. sing. do pretérito.

O verbo *precaver*, por influência de *ver* e de *vir*, tem para presente do indicativo e do subjuntivo as formas *precavejo*, *precaveja*, *precavenho*, *precavenha* (classe média).

*Despedir e impedir* — Na classe média apresenta formas *despeço*, *impeço*, *despeça*, *impeça*, muito correntes, como se fossem compostos de *pedir*.

*Ir* — Vou, vais, vai, vamo, vão; ia, —, —, —, —; fui, fosses, foi, fômo ou fumo, fôro; vai você, vá vocês; vá, —, —, —, —; fosse, —, —, —, —; fô ou i, —, —, —, — (a classe média diz *ir*); i.

*Vir* — Venho, vem, evem, viemo (a forma verdadeira lembra o verbo *ver*), vem; vinha, —, —, —; vim, viesses, veiu, viemo, viero; vem você, venha vocês; venha, —, —, —, —; viesse, —, —, —, —; vié ou vim, —, —, —, —; vim (com a nasal que aparece em toda a conjugação quasi). *Intervir* na classe média faz no pretérito *interviu*.

*Pôr* — Ponho, põe, põe, pomo, põe; punha, —, —, —, —; pus, pusesses, pôs, pusemo, pusero; põe você, ponha vocês; ponha, —, —, —, —; pusesse, —, —, —, —; pusé ou pô (na classe média *pôr*), —, —, —, —; pô.

A fôrça niveladora da analogia dá aos verbos *abrir* e *cobrir* os participípios arcaicos e regulares *abrido*, *cobrido*; os verbos *pagar*, *gastar*, *ganhar* apresentam em todo vigor os participípios regulares em detrimento dos contracatos; *escrever* apresenta *escrevido*.

Os verbos pronominais teem *me* na primeira do singular e *se* nas demais pessoas (compare-se a junção de *autós*, da 3.<sup>a</sup> pessoa, a todos os reflexivos gregos); há verbos pronominais que na linguagem popular deixam de sê-lo: *zangar-se* (eu zanguei có'ele).

(1) Também em Portugal; em andaluz.

(2) Nas classes medias *tênhamos* por influência das formas rizotônicas como quer João Ribeiro e não do imperfeito *tinhamos*, como quer Meyer Lübke.

(1) Nas classes médias *sêjamos* por influência das formas rizotônicas.

(2) Como em Goa.

O imperativo negativo muitas vezes se forma com o indicativo: *não faz isso, Fulano.*

A força niveladora da analogia criou ao lado das formas irregulares do futuro simples do subjuntivo outras moldadas sobre o infinitivo, como nos verbos regulares, as quais tendem a prevalecer.

Quasi todas estas anomalias relativas aos verbos se encontram na classe inulta.

**PREPOSIÇÃO** — As preposições simples são: a, inté (geral em Portugal), cum (antes de consoante) e co' (antes de vogal ou de nasal), contra, de (v. phonologia), desde, im (às vezes ni), entre, pra (como em galego e como às vezes aparece em poesia), pru, sem.

A locução *por amor de* está tão desfigurada que quasi fica irreconhecível: *prumode.*

**ADVÉRBIO** — Tempo: hoje, onte, amanhã, anteonte, tresantonte, agora, ainda, logo, já, sempre, nunca, em antes, despois (arc.), cedo, tarde, antão, premero.

Lugar: aqui, ali, aí, cá, lá, dentro, fora, adiente, détrás, atrás, longe, perto, junto, emcima, embaixo, adonde (que ainda existe em hespanhol).

Modo: bem, má, assim, tamém, tomém ou tombém, afiná, mió, pió, dêpressa, divagá.

Quantidade: mais, menos, munto <sup>(1)</sup>, pouco, meio, tão, tanto, quanto, bastante, caje, inté.

Affirmação: sim; negação: não; dúvida: tarvez; exclusão: só.

Na próclise a negação *não* se transforma em *num*, como no Centro e Norte de Portugal.

Usa-se mais *aqui* do que *cá*: *ele stá aqui* e não *él cá stá*; usa-se muito *mais* em vez de *já*: *não vou mais*, em vez de *já não vou*.

Aparecem muitos advérbios com flexão gradativa: *agorinha mesmo*, até *loguinho*, *assinzinho*, bem *cedinho*, *pertinho*, *devagarinho*, falou *baixinho*, andou *direitinho*. Em vez de *primeiro* o povo diz *mais premero* para sentir bem a força comparativa latente no advérbio.

**CONJUNÇÃO** — Copulativa: *e*; disjuntivas: *ou, nem*; adversativas: *mas, mas porém*; conclusiva: *logo*; concessiva: *mésimo que*; final: *pra quê*; condicional: *se*; causal: *pruquê*; comparativas: *cumo, que*; integrantes: *que, se*; correlativa: *que*; modais: *cumo, cunforme*; temporais: *quando, enquanto, em antes que, despois que, inté que, logo que, sempre que*.

*Mas porém*, que se acha nos Lusíadas, III, 99, por exemplo, é usado na emphase; a classe culta diz às vezes *más* com *a* fechado, por affectação.

**INTERJEIÇÃO** — Apenas cabe mencionar umas interjeições usadas quasi que só pela classe inulta: *ué!*, *vôte!*, etc.

**COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO** — Pouca coisa há que respigar neste domínio, mas para não deixar de apontar factos característicos, citemos a troca de sufixo em *bebedor* em vez de *bebedouro*, a influência do sufixo *vel* em *fácel* e *difícil*, o uso desnecessário do prefixo *des* em *destrocar* = trocar pela necessidade de frisar a idéa de mudança, o mesmo uso em *desinfeliz* = infeliz, influenciado talvez por formas como *desinquieto*, *desensoffrido*.

(1) Como em Damão; note-se a tendência simplificativa do diphongo (cfr. chuva, fruto, enxuto, cutelo, lutar).



## O CURANDEIRO

L. GONZAGA FLEURY

**N**O alto da collina, a cuja fralda a estrada cruzava o fio d'agua dos "Guarús", branquejava, insulada e modorrenta, sobre a tela do céo, a casinhola do Raymundo. Ao lado della, uma cerca de guarantans em desalinho; depois um telheiro, negro de pátina, já meio desembricado, de antiga capoeira. E só. Nenhuma criação, nenhum indicio de trato ou de cultura. Arvore, apenas um cambará, que contorcia os galhos, como em caimbras, logo acima do corrego. O mais era mato rasteiro e péco, joazeiros bravos, guanxumas, toda a familia hostil das espinhosas e dos carrapichos, crescendo, acinte, entre os seixos brancos do terreno silicoso, e cocurutos de cupins, onde os "tico-ticos-do-campo" vinham gemer, desafinados, á torreira do sol, seu cantozinho tibio e desalentado.

Como nota unica de afan — as sauvas, que veiavam o chão, trilhando e retrilhando os carreirinhos limpos, e que tosavam folhas, como torquezinhas vivas, num "tric-tric" obstinado de mandibulas...

\*  
\* \*

Com tudo, a chacara, com seu alqueire e pico de terras, fôra em tempos o sonho dourado de Raymundo.

Tinha-lh'a deixado, por morte, a sra. d. Emerenciana Figueiredo, que o estimava devéras, pela só e bella razão de ser o mulato crioulo seu.

Tanto que se viu inesperadamente proprietario, Raymundo sentiu o imo do ser inflar-se-lhe de vaidade e de fé em dias de abundancia e de cabeça erguida em collarinho — uê! cumo não?! — em collarinho com gravata! Tambem queria botinas com meias; botinas de "cardaço", de biqueira, de engraxar...

Isto elle sonhava com um ôlho em pontaria no futuro e outro, denoso, posto na Rita, rapariga bem fornida de carnes, de fazer agua na bôca, mais moça do que elle seus bons dez annos, mas a quem arrastava a aza não sem resultados visiveis e até tangiveis depois que ella o soube dono da chacara.

— Eh! mundo véio! Bóto aquillo tudo que é só roça verde! Depois... côio! Ocê vaivê, Rita!

E guinchava uma série de "ii", espremidos de satisfação.

Formigas? Chééé!... Então p'ra que havéra de havé "a fornecida"?

Pechinchou na cidade, no Bento Narigudo, umas latinhias de formicida e atacou os olheiros como poude.

Eram tudo explosões na chacara; e um cheiro...

— Eta fedô damnado! Dáin dôr de cabeça... Mas é ua limpeza!

Arroteada a terra, Raymundo, prazeiroso, confiou-lhe o primeiro milho e o primeiro feijão que plantava por sua conta e risco.

Em quanto esperava a mésse, iria continuando a labutar na cidade, como sempre, p'ra uns e outros, capinando quintaes, lavando casas, rachando lenha.

Depois da colheita, casaria. Não casou nunca; porque, muitíssimo antes da colheita, mal o verde, após boas chuvas, começo a de repontar na roça, as impaciencias dos corações haviam acasalado, summaria, naturalmente, com muxoxos a proclamas e latins, e tambem sem dispêndio de um pataco, Raymundo e Rita, sob as mesmas telhas...

\*  
\* \*

Senão quando, as saúvas começaram a reaparecer...

Voltava o mulato uma tarde da cidade e dá com uma correnteza delas atravessando a vereda que subia á casinha...

Justamente os pezinhos de milho estavam lindos, muito verdes, muitos tenros, como pequeninos repuxos de chlorophyla, tremelican tes ao vento!

Raymundo esfriou. Que de vezes iam-se-lhe os olhos naquella verde promessa do suor que elle pingára ali por tudo, da testa em camarinhas, como de um diadema honroso do trabalho!

Tambem se não havia na chacara um grão de areia que lhe não houvesse ajudado a engrossar os callos! — synthetisava elle, contente de si.

E agora aquelles bichinhos dos "quinto" que brotavam do chão que nem um poder de diabinhos, com bôcas de alicates, mastigando...

Quantos pesinhos de milho e de feijão, em quanto lh'o permitti o lusco-fusco, foi descobrindo pela roça, dos quaes restava apenas uma pontinha de caule, cortado cerce!

— Praga do inferno! Toma, bichinho amaldiçoado! — rosava o mulato, numa raiva impotente, triturando formigas e formigas, ás patadas. — Aminhã! Aminhã ocê me paga! Mal clareie o dia, é cummigo!

\*  
\* \*

Em casa, sabedora do facto, entretanto que Raymundo jantava calado, Rita, afagando-lhe a gaforina:

— O'ia, Reymundo, tive matutando no diabo da formigada e lembrei do Pedro...

— Pedro?

— O Pedro Curandêro.

— Ahn!

— Dis-que benze tudo, ocê sabe. De longe acaba c'a bicharia do gado. E' ua reza, nas coisa e os bicho garra a cahí se trocendo... Quem sá se tem reza tambem p'r'acabá cum saúva?

— E... Pode sê...

Rita, que cricia nos sortilegios do Pedro mais do que nos milagres de um santo de igreja, que afinal é feito por gente, de pau, de pedra e até de barro, jogou a cartada decisiva:

— Seu coroné Nastacio é home sabido, de importancia, e já pagô p'r'o Pedro bem bãos cobre mór dell' tê acabado co'o coruquerê do agoladoá... E' bão falá co'o Pedro, nun acha? P'r'a mim é mandinga! Puis se ocê nun dexô de matá oiêro nenhum...

Nessa mesma noite Raymundo consultava o Pedro Curandeiro.

\*  
\* \*

Transposto o "Guarús", coisa de duzentas braças além, vivia o Pedro Curandeiro, negro alto, escanifrado, de barba inteira, dado a feitiçarias e a curas, do que lhe vinha a antonomasia e o cobre farto. Gossava de assoalhada fama o barbudo, até além das raias do municipio e delle se contavam coisas muito de causar exophthalmias e compridos babos admirativos. O certo é que tinha casa de tijolos, barrada de oleo, á beira da estrada e que ás quintas e ás domingos, principalmente, era uma romaria de consulentes para lá. Ficava, então, a estrada em frente á casa, acogulada de gente, mulherio baixo da cidade, na maioria e homens da roça, mettidos no seu brim menos sovado, cujos matungos p'r'ali ficavam dormitando suas mazellas e seu cançaço, tristonhos, de beiço e orelhas derrubadas, com moscas á ramella e ás feridas. Não raro, uma senhora de escol surdia naquelle meio, chocantemente, como um absurdo bem vestido, attrahindo olhares de espanto, dando materia a sápidos commentarios, á socapa:

— Quem é essa dona?

— Dis-que é muié dum sojeito rico da cidade...

— Ué! Por vida! E os "merco"?

— E' p'r'a vê só... Nho Pedro é trunfo! Ih! ih! ih!

Foi com esse "trunfo" que Raymundo tratou por vinte mil réis adiantados, a extincão da "sauvada" lá da chacara, depois de lhe haver relatado, por miudo, o que já havia feito.

Raymundo, a principio, rira amarello, como á perspectiva de uma tesourada larga na sua pelle; mas a botina de "cardaço", a cabeça empinada em collarinho, dansaram-lhe estonteantes na imaginação, de mistura com visões de celeiros fartos...

Passou a nota ao negro sem um gemido.

E o negro, empalmando-a:

— Nem é perciso eu i lá... Daqui mermo eu rezo e benzó.

— Mas acaba c'a formigada d'uma feita?

— P'r'a sempre! Não fica umazinha só p'r'a remedio... O que sim, carece fé... Agora, desta feita, ainda percisa matá...

— Uai! Mas isso... ia interpondo o Raymundo decepcionado.

— Quá o quê! — atalhou, de prompto, o Pedro, num largo gesto arremessado com segurança, que parecia levar de vencida todas as duvidas.

Depois, numa indifferença calculada:

— Ainda é tempo de desfazê o trato... Vorto os vinte...

— Isso não, nho Pedro! Arre tamein!

— Puis é! Mate desta vêis, desapparece tudo; eu tô dizenó! Che gou-se para junto de Raymundo e disse-lhe num tom de confidencia cabalistica:

— Aquillo tem mandinga véia, eu sei! E é perciso quebrá... Se eu nun rezá e nun benzê que é que diainta matá? Expremente só... A

sauvada vorta tudo! Cunverse co'o seu coroné Nastacio. Cunverse! Cadê mais coruquerê no sitio d'elle? E quem acabó? Cunverse cum...

\*  
\* \*

Raymundo não conversou com ninguem. O que fez foi voltar ao Bento Narigudo por mais formicida, no que dispendeu o nada que poude.

Reatacou os olheiros. Mas dentro de uma semana, se tanto, outros se abriam, golfando formigada... Era um "prejuizão" certo na colheita... e adeus botinas de biqueira, adeus cabeça tesa em collarinho!

Raymundo foi ter, indignado, com o Curandeiro.

— Não pôde sê de panella de lá, não pôde sê! — repetia este, muito calmo, abanando negativamente o barbarrão emmaranhado. — E' da vizinhança. Campo ahi de roda vive tudo largado... e a terra, por baixo, tá tudo trançado de sauva... Agora, se qué que eu benza de novo... Ocê tâmein, Raymundo, a modos que tem pôca fé... E' isso!

— Fé, fé... Benzê de novo... Ocê é que nun tem vergonha nenhuma, isso sim, seu tição mandinguero de bôrra! Qué piá mais sobre! Nun vê! Os vinte que fique p'r'o interro, barbão de picumam!

Foi um bate-queixo, um tempo-quente de que só não resultou pandaria porque houve intervenção de terceiros.

Desd'ahi, Raymundo, aborrecido, perdeu a coragem de cuidar de plantação. Dahi tambem datou a sua mania, já era mania, de não desaproveitar occasião nenhuma, com deixa ou sem deixa de interlocutor, que não recontasse, com fél na lingua, os "casos gorados", alguns de sua propria inventiva, "daquelle vadio enganadô dos ôtro", buscando pertinazmente corroer a fama do negro, como as sauvas lhe haviam corroido a coragem e as esperanças.

— Aquillo é um sovitedô da incolumia aiêio! E' mais piô do que sauva! Acabô c'as da chac'ra? Uhn! Deu cabo mais foi do notão novo de vinte, estralando só, que eu dei p'r'elle, o escomungado! E a formigada! Tá lá tudo, a mó que intê mais porfiada na tosa, fazendo figa á rezarada e á benção do sem-vergonha!

\*  
\* \*

O peior é que, tempos passados, Rita foi picada de jararaca, em quanto estendia para corar, a roupa que lavava no "Guarús". Estava a pobre mulata sozinha, sem pessoa de quem se socorrer e ficou desatinada. A unica solução que lhe ocorria era naturalmente ir ao Pedro Curandeiro... Lá porque Raymundo tinha ogeriza ao negro? Hom'essa! Então havia de se deixar morrer por isso? Aliás, o pavor da morte a ia conduzindo instinctivamente para os lados da casa do Curandeiro. Corria. Lá chegou offegante. O negro estava só e ella lhe disse tudo, derramadamente, muito nervosa, tremendo toda.

— Por Deus do céo, nho Pedro, tem dó de mim e me salve!

Mas Pedro Curandeiro tergiversava.

— Era o dianho! Raymundo não gostava d'elle, falava tanto!...

— Por Nossa Senhora, nho Pedro!

— E'... Elle vem a sabê... depois... nun sei!

Temia um insucesso. Se a mulata morresse, Raymundo, por certo, não lh'o perdoaria...

— Vem a sabê? — retorquiu a mulata, num assomo de revolta diante da pusillanimidade do Pedro. — Que venha! Que medo é esse? Ué! Eu que vim por minhas perna procurá mecê...

O Curandeiro não se decidia, contrafeito.

Rita caiu-lhe aos pés, de joelhos, chorando, supplicando, como uma louca:

— P'l'amor de Deus, nho Pedro! Mecê descurpe! Eu nun sei o que tô dizeno e nun tenho curpa do que Raymundo fáis... Eu só tenho tido bôca p'ra gabá mecê...

— Isso eu sei...

— Puis ento? Me salve! Já tô sentindo uma tontura exquisita, a vista escurecendo!... Nho Pedro!

— E' mais do nervoso...

Dizendo isto, o negro, commovido, tremulo, tomou a mão de Rita e depois de haver-lhe atado fortemente o pulso com um barbante, poz-se a sugar o lugar onde havia duas insignificantes escoriações paralelas, para o que enchêra previamente a bôca de fumo, que mascava. Limpou a ferida, applicou-lhe um cauterio.

Passiva, humilde, os olhos humidos, Rita deixava que elle fizesse tudo, não sabendo como patentear-lhe a sua gratidão.

— Agora mecê leva esta garrafa. E' um remedio muito forte, que atordôa, mas é bão. Eu tenho sempre ahi prompto. Pôde bebê um pôco já. De tempo em tempo, de meia em meia hora, tome um cale, desate o nó do barbante, esfregue bem a mão e o braço e torne a amarrá. Vá p'r'a casa, deite, percure suá bastante. Mas, óie bem! — nun vá durmi, viu?

Rita não sahia.

— Tô tão só, nho Pedro!

Queria evidentemente fazer-lhe um pedido e faltava-lhe coragem. O negro, impacientando-se áquella situação incommoda, gritou-lhe:

— Que é que qué mais? Eu nun pôssso... Que é que tem que esteja só? Pôde i. Faça o que eu disse, vai!

Rita, então, sahiu apressada.

— Diabo do inferno! Logo quem!... ficou resmungando o Curandeiro, contrariado, sobresaltado.

\*  
\* \*

A' noitinha, de volta da cidade, Raymundo veio encontrar a sua mulata, coitada! — immovel na cama, com as vestes arrepanhadas, a bôca escancellada a escorrer uma baba grossa, uma perna pendente, ainda porejando extranha exsudação.

Sem nada comprehendêr de prompto, sentiu-sé penetrado de um grande terror.

— Rita! Rita do céo! Que é que ocê tem, minha pobre mulata?

E atirou-se de borco sobre a mulher, vibrante, sacudindo-a como se pretendesse fazel-a voltar a si.

— Nossa Senhora do céo! Rita está morta!

Cahiu num chôro doloroso, cobrindo de beijos o rosto inchado, frio e peganhento de sua companheira.

E permanecia ali, collado áquelle corpo estremecido, maldizendo-se, blasphemando, falando á defunta como a um vivo:

— Que foi, Rita, minha mulata? Foi ataque? Maldita doença! E ocê aqui tão só, sem ninguem p'ra acudir! Coitada! Mas ocê nunca teve nada! Eu não sabia, Rita; me perdôe...

Subito, seus olhos estacaram fitos numa das mãos da mulata, medianamente entumescida, com o punho cintado pelo barbante.

— Foi cobra! — exclamou. Foi cobra! A pobre da minha mulata! Erguendo-se, deu com a garrafa de remedio, ao pé da cama. Agarrou-a, examinou-a.

— Ah! negro mandinguero amardiçoad! Não foi ôtro! Matô a pobre de Rita! Foi elle! Não foi ôtro! Mas isso não fica ansim, Rita! Eu juro! Entô a gente vae matando os ôtros á tôa, e ha de ficá sem castigo?

Falava de punhos cerrados, os olhos arnegalados pela ira, a bôca espumante, todo elle cheio de contracções violentas de músculos.

— E' já, negro assassino! Não sabe curá doença nenhuma, o mandito, e enganô... e matô a pobre de Rita! Foi vingança... porque eu falava delle!

\*  
\* \*

Sahiu pela noite linda, de pleno luar, como um energumeno. Um côro luctisono de sapos, com reticencias sonoras no cricrilar dos grilhos, erguia-se das baixadas, enchendo o espaço. Vôos leves, quasi nebulosos, de suindáras, vôos zigue-zagueados, rispidos, de morcegos, passavam na lactescência atmospherica, agourentos e vagos. E por todas as cousas, contrastes phantasticos de claro-escuro. A estrada arenosa, soturna, era como uma estria de cal. O "Guarús" corria com rebrilhos baços, como uma longa serpente recoberta de escamas vitreas. Raymundo não via nada. Descêra a escarpa a correr. A sua respiração açodada tinha bafidos de monstro cançado. Nem sentiu, atravessando o "Guarús", a caricia fria da agua. Corria, corria pela estrada, até que se sumiu, espiritualizado, na distancia, como uma nódoa deslissante que se dissolvesse numa via-lactea...

Momentos depois, a forte detonação de um tiro... Outra logo...

E ficaram repercutindo, nos longes, enquanto cães ladriam, distantes, furiosamente.

\*  
\* \*

No outro dia, foi encontrado na estrada, defronte da casa do Pedro Curandeiro, crivado o largo peito de chumbo grosso, o cadáver de Raymundo.

E o Pedro Curandeiro?

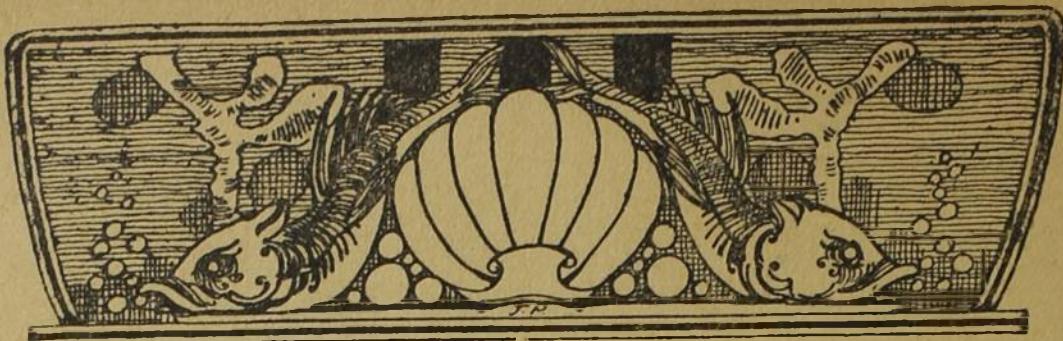
Ninguem soube delle nunca mais, a despeito de toda sagacidade policial.

Por isso mesmo, a gentinha jura que elle virou "esp'rito". E "esp'rito" milagroso!

Tanto que continua a operar curas extraordinarias e que a porta de sua casinha, hoje abandonada á beira da estrada, está sempre a escorner a cera e o sêbo das velas votivas que ali se accendem todos os dias e todas as noites.

Ainda agora está sarando o filho de uma pobre negra de "p'ralysia nos osso das perna"...

E é de vêr o "negocião" que faz o Chico Lima, barbeiro que foi do Pedro, vendendo á caipirada canutilhos milagrosissimos de pixaim para usos diversissimos... Torrados e feitos em pó, "inté p'ra chás!"



# IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES

MIGUEL ARROJADO LISBOA

---

## III

À TE' o findar do seculo XVIII não houve explorações scientificas na colonia do Brasil, nem era isso compativel com a mentalidade nella dominante, nem aqui ou na peninsula havia naturalistas a isso affeitos, e, ao demais, permanecia o paiz trancado á investigação estrangeira. O aviso n. 1.800, de D. Rodrigo de Souza Coutinho ao governador da Capitania do Ceará, mandava a Bernardo de Vasconcellos que se precavesse contra *um tal barão de Humboldt*, que viajava pelo interior da America, de onde mandava informações geographicas e botanicas para Berlim e avisava — *se fazia "suspeita a viagem de um tal estrangeiro"*, — cujo fim talvez fosse *"alentar novas idéas e capciosos principios os animos dos povos fieis vassalos"* do principe regente; taes indagações eram vedadas a nacionaes e estrangeiros sem expressa ordem regia e os transgressores sujeitos á cadeia. Della escapou Humboldt, quando no extremo Orenoco, pela intervenção do Conde da Barra, conforme nos revelou von Eschwege.

Um novo Brasil surgiu, não só para as outras nações mas tambem para a sciencia universal, quando, sob a pressão das baionetas de Napoleão, foi a côrte portugueza de D. João VI trasladada para o Rio, e, aberto então o vasto paiz á actividade estrangeira; as explorações consequentes até 1823 dos sabios allemães e austriacos constituiram a primeira etapa das investigações scientificas em nossa terra.

De 1815 a 1823, os viajantes naturalistas foram principalmente zoologos e botanicos, todos grandes colecciónadores, mas, incognito como era o chão, as suas extensas jornadas deram-nos os primeiros delineamentos da estructura geologica geral do paiz. Primeiramente o principe zum Wied-Neuwied, em 1815, foi do Espírito Santo á

Bahia, mas, Spix e Martius e separadamente Em. Pohl, desbravaram a terra, do tropico ao equador e do Atlântico, pelas correntes amazônicas, aos limites da Bahia e do Perú. Mas, trabalho verdadeiramente notável para as sciencias geológicas, foi o emprehendido por von Eschwege, entre 1809 e 1823, no amago do planalto brasileiro, o que nos deu a conhecer a estructura geral das serras e do massiço central mineiro. Pelos detalhes precisos, pelo profundo e seguro senso geológico, pelos dados de valor economico, apesar de decorrido um seculo, as tres publicações de Eschwege, o *Beiträge zur Gebiergekunde Brasiliens*, o *Pluto Brasiliensis* e o *Journal von Brasilien* ainda têm hoje um valor inestimável.

O campo de observação de Eschwege estendeu-se do Rio de Janeiro a S. Paulo e abrangeu o vasto planalto mineiro, inclusive a região de Uberaba. Pelos varios itinerarios fez elle observação detalhada, deixando-nos perfis geológicos: assim do Rio a Uberaba pela estrada do Porto da Estrella a Parahybuna, Barbacena, Queluz, Congonhas, Bernardo, Tamanduá, Pinhuy e Araxá; do Rio a S. Paulo e Ipanema e dahi a Villa Rica cortando o Sapucahy, etc.

Muito valiosa foi a sua obra de engenheiro de minas pela introdução, no Brasil, dos methodos aperfeiçoados de minerar e do fabrico do ferro. Existia no paiz um processo primitivo, introduzido provavelmente pelos negros africanos e que prestava relevantes serviços no seculo XVIII, provendo a mineração de utensilios de ferro e as tropas de transporte de ferraduras, tudo fabricado aqui. Eschwege transformou esse processo primitivo em outro aperfeiçoadado e introduziu o uso da trimpia hidráulica e do malho. Calogeras observa essa razão que, em consequencia, a acção de Eschwege marcou "uma época" na siderurgia mineira. Que ttambém marcou outra na historia da mineração profunda do ouro, prova o surto que teve ella depois do sucesso dos methodos de minerar introduzidos na Mina da Passagem, proxima a Ouro Preto, pela Sociedade Mineralogica que ali fundou em 1819.

Com justo fundamento, pois, foi que Derby tambem reclamou para Eschwege as honras dos melhoramentos introduzidos na mineração do ouro, em Minas, que habitualmente eram conferidas aos inglezes que aqui só se estabeleceram mais tarde, em 1821, quando já tornava a Portugal o geólogo alemão.

A figura de Eschwege, considerada a sua influencia no desenvolvimento da industria e da sciencia do paiz, é uma das de maior relevo de quantas sujeitas ao nosso exame do tempo colonial até a época actual. Raramente um homem tem reunido aqui um conjunto de qualidades tão notáveis, como sejam vasta cultura scientifica, notável poder de observação, habito e resistencia ás grandes viagens do sertão, intuição do utilitarismo indispensável aos países novos, acção decisiva como engenheiro e metallurgista.

Se José Bonifacio tivesse feito carreira profissional talvez viesse a ter sido emulo de Eschwege.

As notas mineralogicas dos irmãos Andrada relativas a São Paulo, colhidas entre 1803 e 1805, embora só tivessem sido publicadas em 1872, resumem a primeira observação geológica effectuada por especialistas aqui no Brasil, e coincidiu que tivesse ella sido por brasileiros. Absorvido, porém, pela politica, o velho Andrada não nos deixou, a contribuição valiosa que os seus bons conhecimentos mineralogicos nos davam direito de esperar.

Em seus trabalhos Eschwege mostrou-nos um consideravel tino geologico e a determinação que nos deixou da estructura do planalto mineiro, na região dos grandes movimentos orogenicos, bem justifica o grande elogio de Derby, incluindo-o entre os mais notaveis geologos que receberam, na Saxonia, a inspiração directa do grande Werner. A feliz denominação de Serra do Espinhaço, á cadeia dorsal brasileira, é sua; as indicações de grande numero de jazidas de manganez exploradas febrilmente, ha pouco, pelas contingencias da guerra, foram tiradas pelos prospectos do seu "Pluto Brasiliensis". Em uma viagem de rapida exploração que conjuntamente fizemos, Eugenio Hussak e eu, pela encosta leste da grande cordilheira central até as nascentes do Jequitinhonha e do Arassuahy, seguimos o seu roteiro com as suas notas á vista e, pela observação apurada da geologia, exame meticulozo das occorrencias mineraes, descontadas as correções devidas ao progresso da sciencia, muito pouco nos foi possivel accrescentar á sua observação; e o muito que havia com segurança annotado só com o tempo se poderá melhor aprofundar.

A viagem de Spix e Martius, pela sua amplitude e marchas ininterruptas de cinco annos através do paiz selvagem de 1817, pela simplicidade do seu equipamento e enormes resultados colhidos, ficará como uma das mais notaveis explorações geographicas jámais emprehendidas. Os seguintes trechos de uma carta dirigida, em 1867, a Agassiz que explorou o Amazonas confortavelmente instalado no Ibicuhy da nossa marinha de guerra, dá-nos o tocante testemunho das difficuldades que a coragem de ambos os viajantes soube vencer nesse emprehendimento:

26 Fevereiro 1867

" Meu caro amigo..... O Snr. facilmente acreditará que eu acompanho a sua excursão ao Amazonas com o maior interesse, e sem nenhum vislumbre de inveja, comquanto a sua expedição tenha sido emprehendida em condições bem mais favoraveis, quarenta annos mais tarde que a minha.

" Bates, que viveu annos nesse paiz, deu-me o testemunho de que nem me faltou a coragem nem o engenho durante uma exploração de onze mezes de duração; e eu tambem julgo que o Snr. igualmente, revendo "in loco" a minha descripção da viagem não terá desfavoravel julgamento. A nossa maior difficuldade consistiu na reduzida dimensão da nossa canoa que era de tal modo fragil que tornava perigosa a passagem do rio..."

A simples referencia do itinerario de viagem de Spix e Martius mostra a importancia da exploração emprehendida, e considerado o tempo e os meios de realisação, fica patente a energia dos exploradores. Chegados ao Rio em 15 de Junho de 1917, seguiram em Dezembro desse mesmo anno pela estrada geral a S Paulo, dahi a Sorocaba para alcançar Ipanema, voltando por Itú e Jundiahy onde refizeram a tropa para a jornada a Minas. Entraram, pelo Registo, via Atibaia e Camanducaia, e uma vez em Minas, seguindo para Sant'Anna do Sapucahy, Campanha, cortaram o Rio Verde, o Rio Peixe, passaram em Rio das Mortes, em Bomfim, S. João del Rey, transpuzeram o paraopeba e pelo Morro da Soledade e Capão do Lana, alcançaram

Villa Rica, hoje Ouro Preto. Dahi fizeram uma excursão á matta do Rio Doce, passando no Turvo, Sant'Anna de Ferros, depois Piranga, voltando a Villa Rica do Presidio de S. João Baptista, na Matta do Rio Doce. De Villa Rica foram ao Tijuco, hoje Diamantina, pela estrada de Casa Branca, Congonhas, Sabará, Caethé e Villa do Príncipe, hoje Serro.

De Diamantina continuando a viagem alcançaram Minas Novas e depois, atravessando o S. Francisco, entraram em Goyaz pelo vâo do Paranân e, voltando ao grande rio interior, desceram até Carinhanha e Malhada; atravessaram a Catinga bahiana, foram a Caetité, Villa de Contas, Cachoeira e Bahia. Dahi partiram para Oeiras, no Piauhy, via Joazeiro, passaram por Amarante, alcançaram Caeiras, desceram o rio Itapicurá chegando a S. Luiz do Maranhão. Por mar passaram-se a Belem do Pará, onde estavam a 16 de Agosto de 1919 para percorrer o Amazonas.

De canôa foram á Barrado Rio Negro e alcançaram Ega; dahi Spix subiu Solimões até Tabatinga e Martius Japurá até a cachoeira de Araracuara; de volta a Ega e Barra do Rio Negro, Martius subiu o Madeira até encontrar-se com os indios Mahués e Spix aquelle outro rio até Barcellos. De novo estavam em Abril de 1820 em Belem do Pará de onde seguiram para a Bavaria.

Pela predominante actividade dos sabios da raça germanica e pelo valor do trabalho collectivo por elles emprehendido, este periodo ficou conhecido como o "periodo allemão" das investigações scientificas no Brasil; a litteratura respectiva, apesar de secular, ainda hoje tem para nós grande valor, mas, nem as obras verdadeiramente preciosas de von Eschwege, nem as de Neuwied ou a de Pohl, nem tão pouco e principalmente as de Spix e Martius, jámais lograram traducción portugueza. Eis um facto lamentavel!

Esta actividade scientifica germanica corresponde, em grande parte, a uma phase da evolução do povo allemão em coincidencia com a do casamento do principe Real Portuguez em 1817 com a Archiduqueza Leopoldina d'Austria, depois Imperatriz do Brasil, que determinou o acolhimento e a protecção official aos naturalistas, de outra forma ameaçados de prisão pela carta de 1800.

Quando, sob a pressão do poder napoleónico, os acontecimentos politicos da Europa Central, em 1804, davam com o Santo Imperio Romano por terra e, depois de estabelecida a Confederação do Rheno, liquidaram a Prussia e aniquilaram o commercio germanico com a adopção do "systema continental", em 1806, ficou intacta a forte intellectualidade allemã, e foi ella, pela notável acção dos seus grandes escriptores e philosophos, do seu professorado, que determinou a reacção patriótica indispensável para o reerguimento das nacionalidades germanicas. As reformas necessárias para o sucesso desse programma foram profundas, e, entre outros objectivos, visaram principalmente a educação, a instrução e o desenvolvimento das sciencias. Ficker, Merner, Goethe e Humboldt, Spix e Martius, entre outros, são protótipos de saber universal dessa época da mentalidade germanica. As expedições scientificas allemãs que nos beneficiaram no primeiro quartel do século XIX, originaram-se principalmente da necessidade em que tinha o espirito allemão de armazenar no mundo novo, um stock de observações scientificas indispensáveis ao desenvolvimento da sciencia e de ali colher o material preciso para suprimento dos seus museus; a generosidade dos Príncipes foi apenas a circunstância que facultou a realização desse desideratum.

Estava assim descoberto o Brasil para a sciencia geologica.

Sob o ponto de vista dos conhecimentos geologicos, o primeiro quartel do seculo XIX deixou-nos, pois, o seguinte acervo: indicações geraes geologicas pelos roteiros dos viajantes naturalistas mostrando a consideravel extensão dos terrenos gneissico-graniticos, o seu afloamento nos fundos dos valles, ora por baixo de uma grande formação horizontal de arenito, ora muito desenvolvida no planalto interior, no centro e ao norte; reconhecimento no sul da extensa formação de arenito vermelho intensamente cortada por uma série de rochas eruptivas (Sellow e Weiss); determinação do sistema orographico do litoral e do centro do paiz e descriminação circumstanciada dos terrenos do centro do planalto brasileiro, o que permitiu o estabelecimento de quatro grandes divisões geologicas e a subdivisão de uma delas em quatro séries distintas; valiosas indicações relativamente a occorrencias de mineraes e metaes varios em Minas e Goyaz.

Por falta de evidencia palentologica as classificações dos terrenos foram baseadas exclusivamente em considerações estractigraphicas, o que determinou incertezas e generalisações descabidas.

Nos quarenta annos seguintes, até 1864, tres grandes viagens scientificas foram emprehendidas pelo sertão, as de D'Orbigny, Gardner e Castelnau. D'Orbigny, de 1826 a 1833 explorou a região de Chiquitos na Bolivia e as terras limitrophes de Matto Grosso. Gardner emprehendeu uma longa viagem botancia, em : partindo de Aracaty, no Ceará, subiu o rio Jaguaribe até Lavras, foi a Cajazeiras na Parahyba, voltou ao norte e fraldeando a chapada Araripe por Crato e Brejo alcançou Oeiras e Santa Rosa no Piauhy, Duro e Natividade, no Tocantins em Goyaz, transpoz em seguida o alto divisor daquelle caudal com o S. Francisco, cortou este em Macahubas e dirigindo-se por Formiga em direcção a Diamantina e Serro, fraldeou a serra do Espinhaço por leste até Ouro Preto, voltando ao Rio de onde havia partido para Aracaty. As notas de Gardner, embora o objecto da sua viagem tenha sido principalmente botanico, offerecem muitos apontamentos de interesse geologico e principalmente a sua descoberta dos peixes fosseis de Araripe, que Agassiz determinou, teve um grande alcance geologico. Pissis percorreu as estradas reaes do Rio a Ipanema em S. Paulo e de Sabará em Minas, mas desconhecendo os trabalhos anteriores e mais profundos de Eschwege, publicou uma memoria por isso sem maior interesse, conforme já referiu Derby. A viagem de Castelnau de 1848 não nos offerece quasi nada sob o ponto de vista geologico.

Proveitosa para a sciencia geologica foi a curta passagem de Darwin pelo porto de Recife, pelos Abrolhos e por Fernando de Noronha em 1831, a bordo do "Beagle", assignalando a natureza dos recifes da costa e a origem vulcanica da ilha.

Neste periodo que esboçamos, subsequente ás grandes viagens dos naturalistas allemães, um acontecimento importante para o desenvolvimento da sciencia geologica foi o impulso dado á mineração profunda do ouro pelas companhias inglezas, iniciado pela "Imperial Brazilian Mining Co.", em 1824, e logo seguido pela "Brazilian Co." em 1832, pela "Nacional Brazilian Co." em 1833, pela "St. John d'El Rey Co." em 1830, ainda hoje em plena exploração, e por muitos annos.

Reflecte esse movimento condições particulares da evolução da nação ingleza, por essa época bem diferente das então existentes entre os povos allemães.

O regimen do "Inclusure Acts", em plena pratica nos fins do seculo XVIII, ia substituindo o systema confuso e anti-economico dos campos abertos pelos proprietarios territoriaes e determinava um consideravel augmento da productividade agricola; o desenvolvimento da industria do ferro fabricado com o coke, a applicação do vapor e a generalisação da machina, ao mesmo tempo vieram completar a evolução desse paiz, e os inglezes, de um pobre povo agricola que eram, em 1750, passaram a ser industriaes, e pela contingencia fortemente commerciaes. Por isso, já no primeiro quartel do seculo XIX, se haviam transformado, de importadores que eram em 1750, em exportadores de materias primas e de importadores em exportadores de productos manufacturados. Assim, as exigencias de um intenso commercio interoceânico manifestaram-se desde o começo do seculo XIX e essa razão explica porque, aberto o Brasil á actividade estrangeira, ao envez de nos enviarem sabios collecionadores de objectos naturaes os inglezes perscrutaram o paiz principalmente sob o ponto de vista utilitario.

Os trabalhos dessas emprezas de mineração nas minas de Gongo-Socco, Cata Branca, Morro Velho, Itabira e Candonga permittiram uma série de observações relativas á geologia economica, feitas por engenheiros-geologos dos de maior preparo no tempo, entre os quaes se destacam os nomes de Virgil Helmreichen e William Jory Henwood. Helmreichen, que aqui trabalhou por conta das companhias inglezas, não sómente se familiarisou com o districto aurifero de Minas, mas tambem estudou a região diamantifera até Grão-Mogol e percorreu uma vasta extensão do paiz alcançando o rio Paraguay e até o Guaporé. A sua estadia no Brasil foi de vinte e um annos, vindo a falecer aqui de febre amarella. O seu grande manuscrito sobre o Brasil, confiado pela Academia de Scienças de Vienna, por intervenção do governo brasileiro ao nosso Consul em Dresden para ser copiado, não mais foi restituído nem publicado e assim estão perdidas as observações geologicas, talvez de maior interesse utilitario entre todas aquellas feitas no seculo passado com relação ás nossas jazidas auriferas. Helmreichen, porém, publicou, em 1846, as suas observações relativas ás jazidas de diamante de Grão-Mogol, que ficaram registradas como das de maior valor tocantes ao assumpto e, em 1847, apareceu a sua narrativa de viagens dirigida a Heidniger e publicada nas "Comunicações dos amigos cultores de sciencias naturaes de Vienna".

Muito valiosa foi a contribuição de Henwood que, desde 1844, publicou varias informações relativas ás jazidas auriferas de Minas, todas enfeixadas no seu grande trabalho sobre as "Jazidas Metalliferas", publicado em 1871. Essa notavel memoria teve por objecto descrever varios depositos metalliferos, inclusive os de ouro, associados com rochas de idades diferentes em diversos paizes do mundo, e constituiu um estudo comparativo de geologia economica onde Henwood tentou traçar as particularidades locaes que determinaram a distribuição das jazidas em subordinação ás leis geraes.

Tendo obtido o manuscrito de Virgil von Helmreichen, uma parte das observações deste geologo incorporaram-se ao trabalho do geologo inglez e assim foram salvas.

Foi nesse periodo, em 1857, que se organisou a Comissão Scientifica do Ceará da qual, como geologo, fez parte Capanema, mas cujos resultados publicados ficaram reduzidos a informações geraes

preliminares, tendo-se perdido todo o material e as notas geologicas em um naufragio (?).

Os estudos geologicos de Capanema, engenheiro pela Escola de Vienna, limitaram-se a observações de reduzida importancia pelos arredores do Rio, porque a sua enorme actividade foi toda gasta no seu bello trabalho para a installação do telegrapho nacional e por dar as sobras do tempo disponivel aos estudos botanicos de sua predileção; da exploração scientifica ao Ceará não nos deixou manuscrito algum, mas apenas as notas deficientes que foram publicadas.

Os trabalhos paleontologicos de Lund, começados em 1833, concernem com a fauna fossil pleistocena das cavernas do planalto mineiro, e constituem, conforme expressou Branner, "um dos mais importantes trabalhos biologicos e geologicos até aqui feitos na America do Sul".

Sob o ponto de vista paleontologico, importantes foram as publicações de Parigot em 1841 relativas ao carbonifero do sul e a de Alport, em 1860, relativa ao terciario da Bahia.

Os progressos dos conhecimentos geologicos, pois, neste periodo, entre 1823 e 1864, serão assim resumidos: verificação do manto arenítico horizontal interior até ao extremo oeste do paiz em Matto Grosso (D'Orbigny); fixação paleontologica da idade cretacea de certas chapadas do interior (Gardner e Agassiz); descoberta da estructura vulcanica (vulcanismo antigo) da ilha de Fernando de Noronha e da formação moderna do recife arenítico de Pernambuco, tido até então como coraleiro, descoberta que pôz termo á antiga lenda de ser a costa do Brasil circundada por faixa ininterrupta de um extenso recife de coraes (Darwin); determinação paleontologica do terciario da Bahia (Alport) e do carbonifero do Rio Grande do Sul (Parigot); verificação da matriz do diamante em Grão Mogol no quartzito e das circumstancias geologicas de sua occurrence em Diamantina (Helmreichen) e de uma série de preciosas observações economico-geologicas de inestimavel valor (Henwood); mas, infelizmente em grande parte perdidas para a sciencia (Helmreichen).

Os trabalhos de Helmreichen eclipsaram os de Clausen, os de Pissis não attingiram nem adiantaram aos anteriores de Eschwege, os de Heuzer e Claraz não foram além daquelles dois eminentes geologos germanicos, e as notas de viagem de Burmeister apenas merecem referencia pelo seu grande nome. A viagem de Gardner toma o maior relevo neste periodo.

Tal é o balanço dos conhecimentos geologicos desses dois periodos de explorações até a chegada ao Brasil da expedição dirigida por L. Agassiz em 1864.

A expedição Thayer marca um novo periodo para os conhecimentos geologicos no Brasil. Dirigida por Louis Agassiz, a sua importancia decorre não tanto dos resultados directos alcançados, quanto dos obtidos pelas expedições subsequentes que provocou, graças á iniciativa de Hartt e dos seus auxiliares, principalmente de Derby e Branner.

Charles Frederic Hartt não sómente fez a viagem de 1867, em férias, como dirigiu as duas expedições "Morgan" de 1870 e 1871 e tambem a expedição "Rodrigues" de 1874, que determinou a organisação da "Comissão Geologica do Imperio do Brasil", cujos serviços iniciados em Maio de 1875 foram suspensos, em Junho de 1877.

Orville Derby, antigo assistente de Hartt, deixou-nos uma succinta e clara exposição dos resultados obtidos englobadamente em todos esses emprehendimentos, na sua nota sobre as "Investigações geolo-

gicas". Mas, outros trabalhos posteriores a essa publicação precisam ser incorporados áquelles emprehendimentos por colimarem um mesmo objecto, taes as quatro expedições de Branner de 1881 a 1889 para ultimar os estudos que Hartt iniciára com relação aos recifes do littoral Atlântico Brasileiro, depois do alarme dado por Darwin relativamente á sua variada natureza.

Embora Agassiz tivesse concentrado a sua actividade no Amazonas e na região do Rio de Janeiro, a expedição Thayer pela dispersão de seus membros, em varias jornadas independentes abrangeu uma vasta área do paiz; Orestes St. John, Allen Awbard e Scerva internaram-se por Minas, cuja parte central percorreram, voltando Allen, adoentado, S. Francisco abaixo, pela Bahia; Ward transpoz o divisor desse Rio, desceu pelo Tocantins e foi ter ao Pará; St John, da bacia S. Francisco, além de Sta. Rita, alcançou a do Parahyba indo ao Maranhão; Scerva, depois de explorar as cavernas de Lagôa Santa voltou para Canta-Gallo, no Rio.

O trabalho desses investigadores foi de grande interesse para a sciencia ichtyologica e forneceu notas valiosas, pessoalmente aproveitadas por Agassiz.

Hartt, depois de estudar os arredores, do Rio, explorou a faixa litorânea até a Bahia, penetrou no Rio Doce, depois subiu pelo Mucury, a alcançar Arassuahy e Minas Novas, desceu pelo Jequitinhonha ao oceano, ganhou Cannavieiras, subiu o Rio Pardo até a primeira quéda, visitou então Belmonte e, depois de attingir Porto Seguro, voltou á Bahia.

Os resultados da primeira podem ser apreciados no diario já referido de Agassiz que finda com um appendice onde vêm traçados, com mais detalhes, os itinerarios dos diferentes membros da missão; na Geographia Physica de Hartt, o ultimo capitulo contem o "resumo da geologia do Brasil" abrangendo todos os conhecimentos até 1870. Derby, nas "Investigações", apreciou como segue as novas contribuições á geologia provenientes dessas duas expedições: "determinação dos caracteres physicos e geologicos da zona do littoral entre o Rio de Janeiro e Pernambuco, com uma secção através da Serra de Aymorés até Minas Novas; o descobrimento de um terreno fossilífero, provavelmente devoniano, no baixo Rio Pardo, na Bahia; o de um terreno cretaceo nos Abrolhos, ao longo da E. F. Bahia a S. Francisco, e em Sergipe, Alagôas, Pernambuco e Parahyba; um estudo detalhado do mar corralifero dos Abrolhos e a determinação da natureza e modo de origem dos singulares recifes de gres, como os de Pernambuco, Porto Seguro etc." A glaciação dos depositos superficiaes e o arenite terciario das chapadas interiores foram generalizações não confirmadas pela sciencia, posteriormente.

Resultados de maior importancia, em sequencia a estes, foram os emprehendidos logo depois por C. Hartt e pelos seus discípulos e auxiliares.

Na primeira expedição Morgan, a de 1870, Hartt trouxe como assistentes, entre muitos outros, Orville A. Derby e Herbert Smith; eram ambos finos observadores e deste ultimo, que foi tambem um bom prosador, temos dois livros de deliciosa leitura: "As notas de um naturalista — Do Rio de Janeiro a Cuyabá", primeiramente publicadas em folhetim na "Gazeta de Notícias", em traducção portugueza de Capistrano de Abreu que, pela generosidade de Ferreira de Araujo, pôde reunil-os em volume e a obra, em 644 paginas intitulada "Brazil, the Amazon and the coast" cheia de observações e

apontamentos interessantes das éras de 70 a 78. Na segunda expedição "Morgan", em 1871, como assistente de Hartt veiu unicamente Derby. Ambos tiveram o Amazonas como principal scenario e salientaram-se pela descoberta e estudo da fauna fossil devonica e carbonifera do baixo Amazonas, aquella descripta por C. Hartt e R. Rathbun e esta por Derby; em Pernambuco Rathbun assignalou e descreveu fosseis cretaceos.

Na Comissão Geologica do Imperio, dirigida por C. Hartt, colaboraram como assistentes geologos Orville Derby, R. Rathbun, J. C. Branner, H. Smith, Pacheco Jordão, F. Freitas, A. Waymer e funcionou como photographo Marc Ferrez, que depois aqui estabeleceu o seu conhecido atelier photographico.

O campo de acção da Comissão Geologica foi o mesmo das expedições anteriores norte-americanas.

Em seu relatorio preliminar de Setembro de 1875, unica publicação feita pela Comissão, Hartt occupa-se principalmente do estudo dos recifes da costa e as monographias de C. A. White sobre os fosseis cretaceos e a do Dr. J. M. Clark sobre as faunas seluriana e devoniana, publicadas mais tarde nos archivos do Museu Nacional, constituem a parte mais importante dos resultados da Comissão Geologica e sem duvida são essas duas contribuições de um valor inestimável para a sciencia em geral.

O trabalho de E. Liais, o conhecido astronomo francez, que publicou varios escriptos e obras tratando da geographia e geologia do Brasil, entre 1860 e 1872, teria maior importancia se não fosse cheio de generalisações e informações pouco precisas.

Podemos então assim resumir o progresso dos conhecimentos geologicos de 1864 a 1878 quando foi extinta definitivamente a Comissão do Imperio: reconhecimento da bacia synclinica amazonica, cujo eixo segue o valle do rio, com o siluriano ao norte e o devoniano e carbonifero tanto ao norte como ao sul, este ultimo extendendo-se até o Madeira e tambem aflorando mais a oeste no Ucayali; reconhecimento dos taboleiros e bancos terceiros no valle do Amazonas e no litoral atlantico, do cretaceo em Pernambuco e na Bahia, Sergipe e Alagoas; reconhecimentos geraes de varias regiões do paiz ao norte do tropico; conhecimento detalhado dos recifes da costa e sua descriminação em coralleiros e de arenito esclarecendo-se a estructura e modo de formação destes ultimos, progressos estes que sómente mais tarde deveriam ser ultimados por Branner.

As expedições emprehendidas por Branner ao litoral brasileiro tropical, em 1881, 1882, 1883 tiveram o seu brilhante fim na de 1889, feita com a interferencia do Ar. Alexandre Agassiz, do Museu de Harvard, e de onde resultou a publicação do vol. XLIV do seu Boletim em 1904.

Esse volume resume e completa o trabalho geologico anterior emprehendido no litoral atlantico brasileiro, esclarece um dos phenomenos mais interessantes da geologia biologica dos mares tropicaes — a formação dos recifes de areia consolidada e encerra uma analyse detalhada da debatida descriminação dos terrenos cretaceo e terciario na costa brasileira.

A entrada de Derby para o Museu Nacional, em 1879 permitiu o preparo e distribuição do material da extinta Comissão do Imperio entre varios especialistas cujas monographias, já referidas, sahiram nos archivos respectivos, independentes dos trabalhos de Cope sobre vertebrados fosseis, dados a luz entre 1883 e 1886.

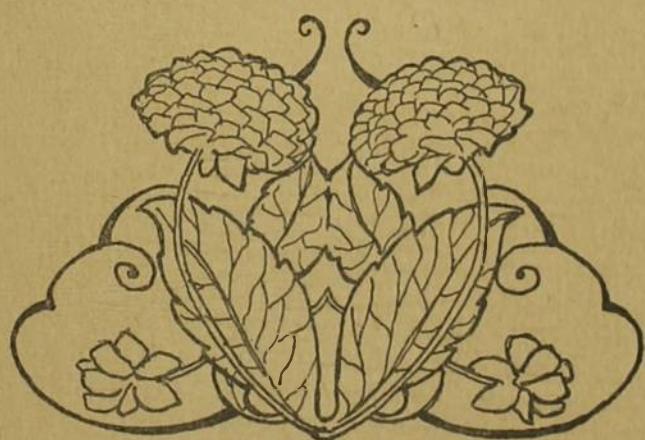
Suspensos os trabalhos da Comissão Geologica do Imperio, em 1878, a actividade nesse ramo da sciencia, durante alguns annos, se vae concentrar no Museu Nacional e na Escola de Minas de Ouro Preto, e o campo de observações se dirige de preferencia para a vertente sul do Paraná ou se concentra no planalto mineiro.

Em 1879, resolvida a transferencia do material da Comissão para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, obteve ali Derby o lugar de Director da secção geologica, como conservou até 1885, effectuando nesse perido um grande labor.

Varias e importantes explorações pelo alto sertão realisou Derby entre 1878 e 1882. Primeiramente percorreu a região da Sorocabana e assingnalou um calcareo fossilifero carbonifero; posteriormente, explorou a região diamantifera do Tibagy, recolhendo em Ponta Grossa e Ivahy fosseis assinalados, em 1876, por L. Wagoner da exticta commissão geologica, e que permittiram a definitiva caracterisação do Devoniano; os principaes traços physiographicos do Estado do Paraná ficaram consignados no estudo que publicou resumindo a sua excursão. Duas viagens fez para o estudo da estructura geral da bacia do S. Francisco. Acompanhando Milnor Roberts, em 1879, navegou o grande Rio, do mar a Pirapora e depois percorreu a região de Diamantina e passando pelo Serro, Itabira, Sabará e Barbacena, voltou ao Rio. Em outra exploração, partindo de Barbacena, passando por Ouro-Preto foi a Sabará, navegou o Rio das Velhas até a sua confluencia no S. Francisco e voltando transpoz a Serra da Canastra, passou em Formiga e Oliveira e attingiu S. João del Rey. Com essas explorações ficou melhor esclarecida, em suas linhas geraes, a estructura geral da bacia do S. Francisco e foi possivel uma primeira revisão do grande trabalho geologico de Eschwege.

As séries geologicas do planalto central mineiro foram, por Derby, distribuidas em cinco grupos pela subdivisão, em dois, de um dos de Eschwege; ficaram assim discriminados dois quartzitos antes confundidos sob a mesma e impropria denominação de "itacolomito", conservada dahi em deante essa denominação para o quartzito superior.

(Continúa).



# BIBLIOGRAPHIA

Monteiro Lobato — *O SACY* —  
Ed. Monteiro Lobato & Cia. —  
São Paulo — 1921.

Com o lindo álbum para creanças — “O Sacy” — Monteiro Lobato reafirma decididamente a feição que mais se accentua em sua obra: o poder da imaginação. “Urupês”, que é o seu grande livro, empolga por imaginoso. As peculiaridades de estylo, o senso da realidade, que alli ferem tanto o espirito do leitor, parecem constituir o segredo do escriptor. De facto, porém, a imaginação sobrepuja tudo nos seus contos. A faculdade creadora é nelles o forte.

Dahi, certamente, o desdobramento lógico do escriptor em didacta, á maneira como se vem apresentando nos varios livros para creanças, que nos tem dado. “A Menina do Narizinho Arrebitado” é uma criação absolutamente fóra de moldes. Não tem simile em qualquer literatura. O seu carácter maravilhoso nada tem de mystico ou sobrenatural ao modo religioso. As maravilhas, nesse livrinho, nascem da realidade, por absurdo simplesmente. Postas de lado as leis da natureza e as do senso vulgar, as historias se desenvolvem da maneira como a creança vê o mundo e a vida: personalizando as coisas, confundindo-lhes as propriedades e atributos, entrevenendo-as com a sua lógica e o seu criterio.

“O Sacy” é o desenvolvimento do mesmo plano de ideias, com o aproveitamento da unica criação verdadeiramente popular da nossa

demonologia. O mysticismo das massas entra no livro com a parcella com que contribuiu para a constituição do pequeno demonio. Accentua-se, assim, o cunho maravilhoso do livro anterior. As aventuras de “Narizinho”, corridas á conta do auctor, têm aqui a paternidade do endiabrado Sacy. Elle tudo justifica, omnimodo e omnisciente.

E’ um estudo de folclore, como era preciso que se fizesse entre nós, pondo-se em evidencia os dados populares e utilizando-os com senso artistico e pedagogico.

Monteiro Lobato — *FABULAS DE NARIZINHO* — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1921.

“Fabulas de Narizinho” é mais uma producção da literatura infantil de Monteiro Lobato. Obedece á mesma orientação. Continúa a série didactica.

Não é espantoso este desdobramento do escriptor forte de “Urupês” em auctor escolar, tantas vezes reafirmado?

Parece, á primeira vista. Comprehende-se, porém, desde que se observa a poderosa faculdade de imaginação de Lobato, o seu pendor para o tragicó, o seu fundo de metaphysico e moralista, revelado na sua obra literaria precedente. A vocação pedagogica, como bem disse Goldberg, nota-se no proemio philosophico de muitos dos seus contos, no seu remate onde ha sempre um ensinamento e nos symbolos da sua moral.

"Fabulas" é, pois, o livro didactico mais logicamente deduzido da personalidade de Lobato.

"O Sacy" marca o despertar do homem de pensamento para a utilisação dos elementos populares na formação da alma nacional, caracterizada e distinta.

"Fabulas" prosegue nessa acção, adaptando ao nosso meio, ás nossas ideias e ás nossas coisas os themes milenarios dos animaes humanizados.

Esse livro, que corresponde a uma grande necessidade das nossas escolas, vae prestar excellentes serviços ao ensino.

*Francisco Pati — FAUSTO E D. JUAN — Typ. Piratininga — S. Paulo — 1920.*

Nada tão precario, tão contingente como o exito. Merito nem sempre é o que mais vale. Erra, por certo, quem o considerar quantidade negativa. Não é tanto assim. Valor ainda é valor... Mas os valores, na propria mathematica, precisam estar em evidencia. Portanto, viva o cabotinismo?... Nem um extremo, nem outro: não malbaratar o proprio trabalho, sacrificando-o, nem evidencial-o artificiosamente, o que é tambem sacrificial-o.

A acção, para o sucesso, depende de condições especiaes que não se forçam, mas que se encontram. cterizada e distinta.

Procural-as é dever. Forçal-as é um direito... duvidoso.

Vêm-nos estas palavras a propósito de uns lindos versos, esquecidos apesar de tudo. "Fausto e D. Juan" é um poemeto que, revelando um poeta cuidadoso d a forma e attento ao conceito, ficou entretanto quasi sem echo. Porque? Sem duvida, pelo seu pequeno volume. Todo elle se contém num pequenino folheto de vinte e sete paginas. Dirão que a quantidade não faz merito. Mas se isso é verdade, não o é menos que as condições materiaes de tamanho, volume, preço — apparencia, em correm para essa coisa ideal por

fim—é que, muitas vezes, mais excellencia que é o successo.

Assim entendemos o caso de Francisco Patti, um poeta de talento, cujo valor o "Exito" não pode aquilar assim a peso e medida.

"Fausto e D. Juan", approximação feliz de dois personagens distintos, contém bellos versos ao gosto de Julio Dantas, que podem figurar entre os mais sonoros no genero. Se o auctor não transigira tanto com a moder a metrica do alexandrino, seguido suprimindo-lhe a cesura, teria sido homogenea essa feição da sua obra.

Dão uma ideia do poema estes versos ditos por D. Juan:

Ama, illude tambem, e como mal me queres  
Desfolha as illusões no seio das mulheres...  
Traz sempre no labio um sorriso e no [olhar  
Sempre um desejo renovado a scintillar.  
Não queiras ser feliz dentro dos sonhos... [Erra  
Quem suppõe que a ventura está fóra da [terra!

*Candido Fontoura — A PRO-  
FISSÃO PHARMACEUTICA  
— Casa Graphica Sta. Ephigenia — São Paulo — 1921.*

O sr. Candido Fontoura, presidente da União Pharmaceutica de São Paulo, reuniu em volume o seu discurso sobre a profissão pharmaceutica e os commentarios provocados pelo mesmo na imprensa do paiz. Nesse trabalho, cuja repercussão foi grande, o sr. Fontoura propugna o melhoramento do nível moral da profissão, pela limitação do numero das pharmacias proporcionalmente á população nacional.

Em resumo, a sua ideia é a seguinte: — a pharmacia não é uma casa de negocio como a taverna em que se explora o povo. A concorrencia estreita prejudica-a, bem como a ideia de lucro. Entretanto, em nosso paiz á falta de regulamentação, vende drogas que mquer. Um açoagueiro enriquecido, fecha o seu açoague e compra a pharmacia da esquina... E' verdade que põe á testa um profissional. Embora. A cupidez do

mercieiro de viandas, alli está sempre, atraç do pharmaceutico, a machinar toda a sorte de expedientes tendentes á maior pecunia.

Felizmente, as nobras ideias do sr. C. Fontoura, que é um espirito adiantado e uma organisação de combatente, encontraram écho e um dia serão realidade.

*Laurindo de Brito — CAMINHOS DE MINHA VIDA — Casa Mayençá — S. Paulo — 1921.*

Laurindo de Brito é um festejado poeta de São Paulo. As suas produções andam ha muito pelas nossas revistas. Apparece agora o seu primeiro livro — "Caminhos de minha vida".

A sua poesia é uma revivescencia do mais esquecido romantismo, com poucas qualidades e muitos defeitos. Seus versos, ainda que espontaneos, são desleixados. Falta-lhes concisão e estylo. A liberdade de metro de algumas composições não mascára a ausencia de originalidade.

Comtudo, o festejado poeta deve ter qualidades dignas de cultivo e nós não descremos do seu futuro.

*Alvaro Moreyra — O OUTRO LADO DA VIDA — Pimenta de Mello & Cia. — Rio — 1921.*

"O outro lado da vida" ... abre com uma citação de Fontenelle, o philosopho galante, astrologo de saílão, que com os seus seculos de posteridade, nunca foi tão actual. Na sua linguagem archaica, diz, em summa: de nada se deve tratar porque não ha nada no mundo que não seja o monumento de alguma tolice dos homens.

Não se lhe pôde contestar a philosophia facil. Tanto assim, que este livro invoca a sua protecção. Não trata de nada porque tudo é um monumento de tolice.

*Raul Machado — AGUA DE CASTALIA — Ed. Jacintho Ribeiro dos Santos — Rio — 1919.*

Do Recife nos envia Raul Machado um livro de versos a que poz o suggestivo titulo de "Agua de Castalia". O auctor é um poeta tão apreciavel como o soneto "Modesta", que extrahimos, ao acaso, do seu livro:

Embalde é, Amor, que humilde assim te [faças,  
Por que fiquem taes dotes escondidos:  
Embebeda-nos todos os sentidos  
O vinho espiritual das tuas graças!

Deixam rastos de rol os teus vestidos  
E se espalham pelo ar, quando tu passas,  
Sonoridades de bater de taças,  
Polychromias de crystaes partidos!

E eu, se teu vulto, por milagre, avisto,  
Sinto luz, cheiro e som me entontecendo;  
Porque tu és o extraordinario mixto

De uma estrella, ave bella e rosa pura,  
Refulgindo, cantando e florescendo,  
Sob a apparencia de uma creatura...

*Orlando Ferreira — RUY BARBOSA E SEUS DETRACTORES — Typ. Jardim — Uberaba — 1921.*

Não logram as gralhas emparelhar com as aguias. Por mais que o tentem, estas não se deixam confundir com aquellas. Deixal-as regougar...

Ruy Barbosa tem detractores?

Mas são tão pequeninos! Não os tem que se conhecem, nem consigam fazer-se ouvir. São o que se pode dizer — uns illustres desconhecidos, que não conseguem ser vistos nem a poder de pedradas ao idolo.

O sr. Orlando Ferreira, entretanto, emprehendeu responder-lhes. Tarefa ingrata, porque não vale o trabalho.

Como quer que seja, em seu lirrinho de mais de cem paginas, o sr. Ferreira fez uma obra sympathica, reveladora de muito estudo e meditação.

*Carlos Maul — BARBAROS —  
Ed. Cuban & Cia. — Rio —  
1921.*

Carlos Maul é nome conhecido nas rodas literarias do Rio, onde a sua actividade de jornalista se multiplica por jornaes e revistas.

Em 1910 publicou o seu primeiro livro "Estro", poesias, cuja edição se exgotou e desde então tem editado uma obra polymorpha, onde andam a par a critica, a esthetic, a sociologia, o theatro e o verso.

"Barbaros", que acaba de appa-  
recer, é uma serie de bellos poemas  
em que o poeta se mostra perfeita-  
mente em dia com as modernas cor-  
rentes estheticas, de que é um dos  
representantes em nosso paiz.

\*

Recebemos e agradecemos:

"Nuevo sistema teorico-grafico de  
la musica", por Angel Menchaga,  
La Plata;

"Da legislacão social brasileira",  
por Hygino de Mello, Rio;

"O general Osorio", por José  
Ferraz de Sampaio Penteado, São  
Carlos;

"Mortos que voltam", por H. Ri-  
vereto, Rio;

"O funcionalismo e a crise", por  
Mario Sampaio Ferraz, S. Paulo;

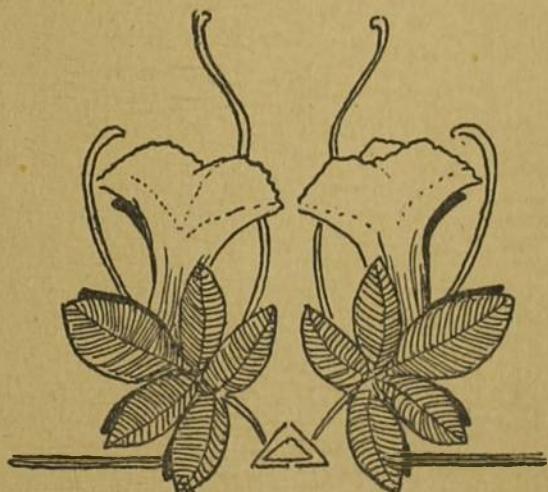
"La doctrina de Monroe", por  
Charlemagne Tower, Washington;

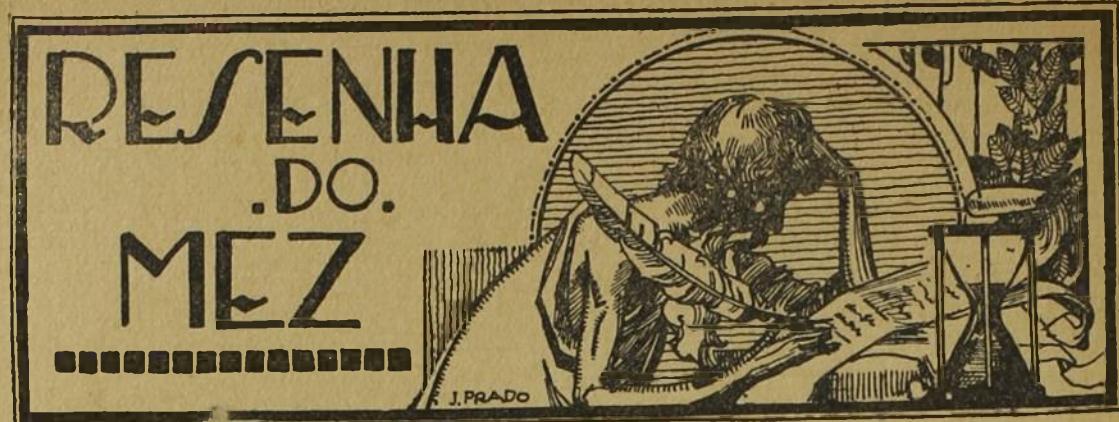
"A carta que me pediste...", por  
Aristides Bittencourt, Porto Alegre;

"Relatorio da R. de Estatistica do  
Rio Grande do Sul", 1921.

"Revista do Instituto Historico do  
Ceará";

"Os vegetaes, sua vida e sua uti-  
lidade", por Souza Brito.





## O MOVIMENTO PAULISTA NA LITERATURA BRASILEIRA

(NOTAS PARA UM ESTUDO)

O Estado de São Paulo é hoje um dos elementos mais activos do progresso economico e social do Brasil. Seus campos cultivados, suas fazendas caféiras, suas fabricas rumorosas exigem o esforço de uma população laboriosa e tenaz, um constante emprego de energia creadora.

Os latifundios se transformam rapidamente em nucleos de cultura, o machado abate as florestas, que são substituidas por cidades, donde irrompe desde logo o estridor das machinas, onde se espurge o fulgor das lampadas electricas e onde se cruzam, numa promiscuidade pittoresca, o velho e tradicional carro de bois e o vertiginoso automovel urbano. Essa impressão de trabalho, que produzem as cidades de São Paulo, relegou a um plano apparentemente secundario um outro aspecto de sua cultura, que é preciso não descuidar.

São Paulo não é sómente a Manchester sul-americana, que a Argentina e os de mais paizes deste continente admiram. E', ademais, um centro de irradiação intelectual de grande prestigio no Brasil.

A literatura brasileira tem, neste momento, nesse prospero Estado, uma de suas faces mais caracteristicas.

Rompendo com os preconceitos da geração de escriptores, que, nos começos deste seculo, poz em moda o horror das coisas nacionaes, dos seus habitos, dos costumes, das idiosincrasias de sua indole, os modernos literatos paulistas, seguindo o exemplo de Affonso Arinos e Euclides da Cunha, reataram as tradições dos indianistas da segunda metade do seculo XIX e, em logar de imitar a literatura estrangeira de pacotilha, as novellas de Jean Lorrain, os paradoxos de Oscar Wilde, a philosophia negativista de Nietzsche, a maneira escandalosa dos naturalistas franceses, como fizeram seus

predecessores com mais ou menos exito, procuraram extrahir das vozes da terra, dos scenarios naturaes, das peculiaridades do ambiente nacional os motivos de suas obras. Contemplaram, face a face, o homem e a terra, a immensidade dos desertos tropicaes, a exuberancia de suas matas virgens, as montanhas cobertas de vegetação luxuriante, os rios de aguas murmurantes, suas cataratas rumorosas, os mares de ondas encapeladas e o claro esplendor do céo natal.

Fixaram seus costumes, salientaram as qualidades e os defeitos da raça, estigmatisando, quando necessario, os vicios, as taras e os erros de sua educação, indicando os remedios capazes de cural-os, os meios para combatel-os. Congregados em torno de Monteiro Lobato, foram aparecendo novellistas e poetas de valor, como Léo Vaz, Hilario Tacito, Godofredo Rangel, Menotti del Picchia, Paulo Setubal, Veiga Miranda, Waldomiro Silveira, Ribeiro Couto, para não citar si não aquelles que offerecem uma modalidade que é filha da terra.

Monteiro Lobato, além de observador capaz do meio roceiro, da vida das pequenas cidades do interior, é um analysta agudo dos homens e das coisas, que possue uma pena em braza, que ao mesmo tempo é pincel, buril, escalpelo e lapis finissimo. Debuxa os typos, como o observou intelligentemente Ronald de Carvalho, como um caricaturista subtil, apenas com meia duzia de traços, leves e incisivos, porém, sempre seguros e espontaneos. Sua obra é hoje das mais vivas e interessantes da literatura contemporanea do Brasil.

A' maneira de Monteiro Lobato, ainda que com um instincto mais profundo de certos exemplares humanos, Léo Vaz se manifesta em "O professor Jeremias"— seu unico livro, cuja apparição provocou o maior sucesso literario de 1920—como um escriptor personalissimo. Sua arte é apparentada com a dos humoristas ingleses, e entre os brasileiros, com a do grande Machado de Assis. Seu estylo é sebrio, discreto; sabe ferir com bondade,

mas fere a alma dos homens com rara energia. Sceptico e relativista, no modo de considerar as coisas do mundo, Léo Vaz jamais se excede, não grita nem se exalta. Rasga as perspectivas invisíveis do coração humano entre ironico e piedoso, revolve o mar interior de nossa alma apenas com um gesto distraído e com um conceito ligeiro e ousado. Seu lugar, na evolução da novella brasileira, será considerável.

Hilario Tacito — pseudonymo sob o qual se oculta um distinto engenheiro — é um psychologo cruel. Ri para divertir-se, ri ora com pena, ora com mordacidade. Busca, de preferencia, os defeitos e, quando os encontra, grava-os no rosto dos demais como uma facada. Sua pena, ás vezes, silva e zig-zagueia como um chicote, estala e morde como um rebenque.

Godofredo Rangel é um descriptivo, um pintor atilado da vida silenciosa e monotonía das fazendas. Retrata carinhosamente os typos e as personagens simples do interior. Sorri affavelmente ante os seus defeitos e põe em evidencia as suas qualidades de resistencia, de honestidade e de heroismo, com viva sympathy.

O mesmo acontece com Menotti del Ficchia e Paulo Setubal. Aquelle, em seus romances como em seu poema *Juca Mulato* e este em seus versos simples se comprazem em fixar os habitos da vida rural. Ambos são pintores, impressionistas, coloristas dos quadros da terra natal. Os quadros de *Flamma* e *Argila*, de Menotti del Picchia, assim como as aguarellas da *Alma cabocla*, de Paulo Setubal, são verdadeiros, em sua ingenuidade selvagem e pittoresca. Paulo Setubal recorda, ás vezes, em suas poesias leves, os pequenos chromos de B. Lopes e as "point-sec" admiraveis de Ricardo Gonçalves, malogrado poeta paulista de excepcionaes qualidades.

As letras brasileiras têm nestes escriptores representantes interessantissimos do ambiente nacional.

Elles sabem traduzil-o sem artificio em sua frescura natural, em seus modismos e em sua graça rara. O idioma em que escrevem, principalmente Monteiro Lobato, é rico de plasticidade, opulento de vocabulos indigenas, já perfeitamente diferenciado do portuguez, com todas as cambiantes de um novo idioma.

O nacionalismo dos escriptores paulistas é filho da opulencia da terra. A riqueza crescente da fortuna publica e privada determinou esse orgulho nativista, peculiar ao caracter dos paulistanos. Sentindo-se fortes e exuberantes em meio dos outros Estados, mais ou menos prosperos, da federação brasileira, os homens de São Paulo mostram como é natural a justificada vaidade de suas conquistas materiaes e intellectuaes.

A influencia desta literatura sobre as letras brasileiras já se vae fazendo sentir. Basta ver o interesse que despertam as numerosas edições de Monteiro Lobato, vendidas aos milhares em quatrocentos pontos diferentes do territorio brasileiro. Advirta-se este detalhe: Monteiro Lobato não edita nenhuma obra que não seja uma expressão da alma brasileira.

O grupo de São Paulo, entretanto, não está isolado. Em todo o Brasil, os novos escriptores revelam o mesmo cuidado de descrever as coisas de sua patria. Pesquizam-lhe a historia, arrancam da obscuridade secular figuras de heroes, guerreiros, homens de pensamento e ação. Animam o passado da raça brasileira, fazendo resaltar os bellos gestos e as serenas attitudes da nacionalidade.

*Benjamin de Garay.*

Rio de Janeiro, Setembro, 8—921.

(*"La Union"*, de Buenos Aires).

#### UM PROPAGANDISTA DAS LETRAS BRASILEIRAS

O Brasil encontrou aqui um admiravel propagandista da nossa valia intellectual, que está prestando á divulgação das nossas letras serviços identicos aos que na Europa têm prestado Victor Orban e Göran Bjorkman. O sr. Isaac Goldberg, graduado pela Universidade de Harvard, tomou-se de paixão pelas letras hispano-americanas e dahi extendeu naturalmente esse sentimento á literatura luso-brasileira. Dejla se tem ocupado com verdadeiro carinho e tambem com viva intelligencia, revelando-se esta por um raro dom de penetração psychologica que lhe permite tratar destes assuntos, isto é, fazer a critica dos nossos escriptores com perfeita segurança de vistas. Dir-se-ia que se sente tão á vontade na materia como se fosse literatura da sua propria terra.

O que augmenta o merito da propaganda do sr. Goldberg é o ser feita, não em publicações que ninguem lê, mas em periodicos de primeira ordem, da maior reputação. Assim é que sahiu na *Literary Review* o seu pequeno estudo sobre Coelho Netto e no *Boston Transcript*, que é um dos mais antigos e conceituados jornaes dos Estados Unidos e que concede bastante das suas columnas a cousas puramente literarias, os seus notaveis estudos sobre Machado de Assis e Monteiro Lobato. Este ultimo é muito recente e creio que no Brasil mesmo ninguem jámais escreveu com maior autoridade e ao mesmo tempo com maior facilidade sobre o escriptor paulista, cuja fama foi tão rapida quanto merecida.

O que prova o ecletismo do gosto literario do Sr. Goldberg é que pôde apreciar devidamente o nacionalismo de Monteiro Lobato e sympathisar com essa manifestação intellectual, mesmo porque a considera absolutamente sincera quando por um

mal entendido snobismo lhe poderia parecer exotica. Elle emprega precisamente naquelle nacionalismo a sua essencia alheia a qualquer forma de lisonja do governo e estima vel-o assumir, para sua melhor effectividade no sentido da educação civica a modalidade sarcastica que o distingue e que eliminou com tamanha felicidade esse supposto puro elemento esthetic que de vaporoso se torna vago.

O sr. Goldberg chama Monteiro Lobato uma personalidade dynamica, que ainda se não manifesta inteiramente pela capacidade creadora, mas que na sua ironia demolidora exerce uma accão salutar. Uma sympathia identica no grão, se bem que diferente na natureza, o leva á ironia tranquilla de Machado de Assis, por quem professa especial interesse considerando-o tão absolutamente literario como julga Monteiro Lobato anti-literario no sentido de desprezar a graça requintada sem a qual, entretanto, se pôde ser um escriptor de agudeza e consciencia.

Vae sahir um destes dias do prélo um volume de versões do portuguez feitas pelo sr. Goldberg. Intitula-se *Brasilian Tales* (Contos Brasileiros) e abrange nas suas 150 pags. a traducção de tres contos de Machado de Assis, um de Coelho Netto, um de Medeiros e Albuquerque e um de Carmen Dolores, traducção excellente e precedida de notas preliminares, que não são menos primorosas.

Nessa introducção o sr. Goldberg combate algumas asserções de José Verissimo, por quem elle aliás nutre verdadeiro respeito, delle escrevendo que era "um espirito sincero, sem receio de dizer o que sentia e demasiado amante da verdade para que o amor da sua patria influisse erradamente no seu espirito no sentido de exagerar o valor das obras dos seus compatriotas". Para o sr. Goldberg, por exemplo, a existencia de uma literatura independente é possivel mesmo sem uma lingua á parte, ou, então, os Estados Unidos nunca poderiam ter uma literatura. Nas suas expressões "apezar dos subtils laços psychicos que unem a identidade de idiomas á similaridade de pensamento, o meio, que, aliás, ajuda a modular a pronuncia tanto quanto o vocabulario e a propria linguagem, é, do ponto de vista literario, pouco distanciada desta ultima como factor determinante".

Nestas e quejandas reflexões, na sua divisão dos periodos literarios do Brasil, na comprehensão dos precedentes e das influencias tradicionaes e estranhas, nos resumos e citações dos escriptores representativos do Brasil, o sr. Goldberg mostra o seu amplo conhecimento do assumpto, da mesma forma que na indicação das dificuldades contra que tem que lutar a producção intellectual ibero-americana, — restricto numero de leitores, mesmo pelo predominio do analphabetismo, falta de editores e até instabilidade politica.

Concorda facilmente o sr. Goldberg com José Verissimo em que falta á literatura brasileira no seu conjunto a continuidade, a cohesão, a unidade das grandes literaturas, mas não lhe faz o remoque de deixar-

se influenciar na sua evolução por outras literaturas mais adiantadas e mais creadoras, embora no dizer de Verissimo a literatura nacional assim fosse prejudicada em beneficio da cultura nacional. Não escapou entretanto, ao sr. Goldberg, se bem que tampouco faça disso objecto de censura, essa nota muito predominante na nossa producção literaria, do louvor entusiastico do nosso caracter e mesmo de quanto é nosso, nota que tinha o condão de tanto irritar Sylvio Roméro.

Nas reflexões preliminares a que me estou referindo, o sr. Goldberg occupa-se de varios nomes das nossas letras — José de Alencar, Taunay, Aluizio Azevedo, Ingles de Souza, Graça Aranha, resumindo o entrecho das suas obras captaes. Vê-se que não só as percebeu, como as estima, e entre a *Innocencia* e a não menos famosa *Maria do colombiano Jorge Isaacs*, estabelece um paralelo engenhoso e sympathico a ambas as novellas, caracterizando-as devidamente, a nossa como mais romântica a outra como mais idyllica.

Tanto mais devemos ser gratos ao sr. Goldberg pelo interesse que está demonstrando pela intellectualidade brasileira quanto lhe tem sido em extremo difficult obter as proprias obras sobre que basear seu estudo. Em New York existem umas tres livrarias em que se encontram á venda toda a moderna producção literaria hespanhola. Valera ou Perez Galdor, Benavente ou os irmãos Quintero. Debalde se procuraria, porém, um livro portuguez ou brasileiro. A propria literatura hispano-americana encontra-se mui pobramente representada nas estantes daquelles estabelecimentos.

Foi para obviar a semelhante falta, que se não poderá deixar de dar enquanto a lingua portugoeza não for estudada por um maior numero e enquanto as letras portuguezas e brasileiras não tiverem fóros que lhe garantam enfileirar-se entre as outras literaturas que são objecto de attenção, que eu pensei fundar numa das grandes Universidades americanas uma bibliotheca ibero-americana, que seja o inicio e depois o centro de um grande instituto ibero-americano, fornecendo entretanto, aos curiosos das nossas cousas o material necessario para suas pesquisas. O sr. Goldberg vae ser um dos grandes leitores da minha bibliotheca, á qual já está fazendo appello.

Oliveira Lima.

Washington, Outubro de 1921.

(Do "Jornal do Brasil").

#### PALAVRAS, PALAVRAS!

Levei toda esta serena e dourada manhã de verão — já tocada por uma infinita doçura outonal — a pensar no formidável prestigio da palavra atravez das edades, e nas obras admiraveis e nas catastrophes que elle tem provocado. Intimamente ligada ao pensamento hu-

mano, que não pôde dispensal-a para exteriorisar-se, foi sempre, falada ou escripta, essencial a toda a acção — a sua poderosa força, a sua omnipotente orientadora. Seja ella um instrumento formado lentamente pela intelligencia, na opinião de Max Muller, que acredita numa "faculdade distintiva do homem"; um producto instinctivo e expontaneo do conjunto das facultades do ser consciente, como affirma Renan; uma "revelação divina", como diz Bonald; uma "convenção" expressa do ser pensante que sentiu a necessidade imperiosa de transmittir as suas impressões, como julgaram Adam Smith e João Jacques Rousseau, "uma invenção" arbitaria, como queria Democrito, ou um dom da propria natureza, como asseverava Heraclito, a verdade é que nenhuma outra influencia como a da palavra se tem exercido benefica ou funestamente na evolução da humanidade. Compreende-se, por isso mesmo, que os grandes oradores fossem constantemente olhados e venerados como semi-deuses pelas multidões que seu verbo eloquente fez vibrar de entusiasmo, despertando-lhes no sentimento exaltadas emoções de alegria, de regosijo, de colera, de furia destruidora. Na Grecia, com Lysias, Isocrates, Demosthenes, attingiu essa palavra um dominio absoluto — porque então "o povo era tudo", no dizer de Fénelon, e dependia exclusivamente da eloquencia dos seus oradores politicos, que foram os seus paladinos e os seus guias. Roma apenas começou a ser verdadeiramente illustre quando os athenienses a ensinaram a falar com elevação e arte, modelando imagens precisas na cera ductil da linguagem trabalhada com delicadeza pelos poetas que compunham a musica e a harmonia dos seus versos á sombra das verdes oliveiras em flor. Catão, mostrando no Senado os figos ainda frescos colhidos nas figueiras cartaginezas e murmurando a sua "delenda Carthago", e Tiberio Gracco bradando ás turbas que "na Italia as proprias feras possuam um covil e só não tinham onde refugiar-se os soldados que por ella se batiam", eram discípulos das escolas de Athenas que tão alto ergueram a arte maravilhosa da palavra!...

O christianismo triumphou menos pela belleza augusta das suas novas doutrinas do que pela oratoria incomparavel das personalidades que a propagaram, ensinando-o ás turbas ruidosas. Jesus Christo foi, certamente, um profundo philosopho. O seu genio transcende via claro até nos mais obscuros mysterios. Mas foi, igualmente, um dos maiores oradores de que ha memoria. Creando uma religião divinamente revelada, soube explicá-la aos ignorantes, aos humildes, aos pobres de toda a pobreza, aos esfomeados que se arrastavam pelos caminhos, aos offendidos, aos esmagados, em parabolas dumá simplicidade incomparavel. Depois, as suas idéas de redempção foram espalhadas luminosamente por S. Paulo, por S.

Basilio, por S. João Crysostomo, por Santo Agostinho e por S. Jeronymo. A messe reverdecida nasceu esplendorosamente das sementes fecundas lançadas á terra, floriu e fructificou!...

Na boca terrível de S. João Baptista — encerrado nos subterraneos da fortaleza de Mackaeras e degolado tragicamente na noite lugubre em que Vitellius jantou o Tetrarcha — a palavra troveja como uma tempestade e faz empallidecer de terror Herodiade; na boca de S. Francisco de Assis, saudando a luz ascendente, é um cantico de celeste grazia! Pelo poder dessa palavra, submetteu Cicero Roma victoriosa e conseguiu Brutus levantar ameaçadoramente os punhaes que haviam de abater Julio Cesar deante da estatua de Pompeu! Ainda com ella, desencadeia Marco Antonio a tormenta da revolta na populaça romana, discursando nos funeraes do imperador massacrado!

Quando a igreja definitivamente triunpha, é a palavra excelsa dos seus maiores crentes que lhe conserva o esplendor radiante. E mais tarde, ao iniciar-se a decomposição do christianismo, é tambem essa palavra que lhe accelera a ruina, flammejando nos labios de Martinho Luthero, o filho genial dos tristes camponezes de Eisleben, deante da Dieta dos senhores, em Worms, e implantando a Reforma, que foi a culminante conquista da campanha historica e fez encolher, de pavor, dentro das suas purpuras, as theocracias altivas!

\* \* \*

Para Condillac, "toda a arte de raciocinar está na arte de bem falar". Bacon via na palavra o mais perigoso de todos os Idolos — o Idolo do Forum, que impõe ao respeito dos homens puras formas de linguagem transformadas em realizações. Essa palavra, com efeito, materialisa, por assim dizer, os nossos pensamentos e faz-nos tomar por coisas o que não é mais do que um estado de consciencia e como realidades nitidas as vagas, as brumosas abstracções. Por isso mesmo, é que ella é temivel, disposta da potencia singular de accender as revoltas fulgurantes, de provocar os alarmantes movimentos sociaes, politicos e religiosos, de contribuir para a paz ou de concorrer para a guerra! As palavras mais vulgares e menos significativas guardam permanentemente como que um reflexo de sensação particular que, na sua origem, exprimem. Os povos não tem nenhuma outra arma de maior vigor offensivo e nenhum outro elemento mais progressivo e civilizador. Com as palavras, comunicam livremente entre si, organisam-se para a luta, accusam, convivem. Ellas são a energia vital que as unifica e as reune em multidão psychologica. Ellas eternisam, em paginas immortaes, todos os seus feitos inferiores

ou gloriosos, resumem lucidamente a historia idyllica ou dramatica da sua marcha atravez da vida e do tempo. Nellas se condensa duradouramente toda a sciencia e nellas se fixam, em syntheses resplandecentes de claridade, as leis fundamentaes descobertas pelos philosophos, pelos pensadores, pelos scientistas. Com S. Thomas de Aquino, com S. Boaventura, com o bispo de Hypponia, elevam a alma aos paramos longinquos da claridade sideral; com Mirabeau, minam os alicerces do feudalismo; com Danton, com Marat, com Robespierre, fazem correr mares de sangue e levam guilhotinas nas praças publicas; com Tallien, apressam a ecclo-são do "Thermidor" e destroem a tyrania sangrenta do "Incorrumpivel"; com Napoleão I, são a espada que vence e que escravisa a Europa; com Gambetta, restituem as pulsões da vida ao coração duma nacionalidade ferida de morte em batalhas cyclopicas!

A igreja estava na verdade quando as utilizou para sustentaculo da sua victoria. O pregador no pulpito dum templo é uma creatura privilegiada, um evangelisador dictando as maximas moraes que hão de governar espiritualmente os devotos. A sua decadencia apenas se manifesta quando os oradores sagrados desfalecem. Bossuet, na sua tribuna religiosa, foi mais venerado do que nenhum soberano pela alma dos seus auditórios e venceu mais gloriosamente do que nenhum general! O homem que conheça as expressões inspiradas que toquem a sensibilidade popular, é sempre um dominador. Mandará — e será obedecido atravez de todas as resistencias e de todos os obstaculos. Nada detem, effectivamente, a soberania da palavra que arrasta altares e thronos, que afunda naciona-lidades, que transmuda em seres livres, com Epiteto, os servos, que faz dos escravizados de hontem os senhores d'amanhã, que é a faísca instantanea que transmite o fogo ás minas revolucionarias carregadas de explosivos! Prece na boca purificada dos santos, blasphemia ignea na boca impura dos reprobos, castigo fulminante na boca veneravel dos justos, hymno, melodia, lyrismo, rugido, accusação inexoravel, torrente, gemido, supplica, tem todas as virtudes e todos os defeitos, pode ser equidade e ser crime, prophecia, negação, affirmation, ob-jurgatoria, grito! Com Dante, contar-nos-á a "Divina Comedia". Com Homero narrar-nos-á a "Odysseia". Será piedade e sabedoria com S. Francisco de Salles, pavor com Fauquier Tinville, esplendor e beleza com Victor Hugo. E sempre, atravez do interminavel desfilar dos séculos, teve estas características, desde que o homem engenhoso e subtil um dia a inventou para tornar mais doce a sua sociabilidade, para trocar os seus idealismos ou as suas felicidades, para exprimir as suas dores, as suas angustias, os seus desejos, as suas aspirações supremas! E nunca se immobilisou no dogma-

tismo das mesmas formulas. Pelo contrario: — evoluciona, renova-se, enriquece-se, aperfeiço-a-se, adquire incessantemente mais cor, mais rythmo, mais som, mais vibração e mais calor!...

Assim meditava eu, durante toda uma suave e sonora manhã deste setembro encantador que já começa a amarellecer as folhas das arvores para com elles pintar os louros scenarios evocadores do outono proximo. E que motivo occulto me impelli brandamente para estas meditações? Os successos consideraveis que se vão desenrolando no mundo actual e que os jornaes estrangeiros trouxeram ao meu isolamento, quebrando por momentos a monotonia da solidão em que vivo, entre livros, que são os melhores amigos, e entre arvoredos que me offerecem sombra, pacificação e formosura!

\* \* \*

Realmente, nos nossos dias, a palavra possue ainda todo o seu valor antigo e é ainda della que os homens se servem para realizar os seus designios e as suas imperiosas ambições de igualdade e de fraternidade. Hoje, como outrora, é por essa palavra tão forte que se alcançam as violentas emancipações. Kerensky era, na Russia kzarista e sombria, um esquecido advogado sem clientella que, em todo o caso, dispunha duma qualidade: — falava facilmente, infatigavel e verboso. Nos seus discursos havia mais artificio e eurythmia do que substancia. O povo, porém, entendia-o, acclamava-o e inflamava-se com a sua eloquencia. Dotabaldo dos comicios e das conferencias foi levado á Duma. A guerra mundial estallou com fragor e logo Kerensky, com a derrota do exercito russo, deu em terra com o throno imperial, por meio duma palavra vibrante e por vezes artistica mas quasi vasia de sentido. Cahido o imperio, Kerensky foi quanto quiz ser — desde general em chefe a dictador. Em breve, contudo, palavras mais veementes do que a delle demoliram a sua grandeza nascente. Porque? Porque Lenine e Trotsky, surgindo inesperadamente, possuiam o segredo de exaltar a população, pintando-lhe em imagens vivas e coloridas uma Russia que seria, para os desherdados a Terra da Promissão. A massa da população moscovita comprehendia mias claramente estes apostolos do que comprehendeu Kerensky, e foi atraç delles para a revolução fulgurante que ensanguentou as ruas de Petrogardo e Moscou, banindo pela morte as burguezias e as castas privilegiadas e amontoando sobre os seus cadaveres acervos de ruinas fumegantes. Com Lenine e com Trotsky, fez o bolshevisme o seu funesto advento — e imediatamente legiões de propagandistas correram o globo habitado, pregando as theorias maximalistas e intensificando o furacão das revoltas entre as plebes armadas!

Depois, na Irlanda, a Verde Erin dos bardos, uma outra palavra, a de Valera, resouu fremente de coleras vingadoras, incitando á insurreição contra a Inglaterra e aconselhando as lutas curuscantes para se chegar á liberdade plena e á plena independencia. O arauto da libertação foi escutado e logo os irlandeses appareceram, de espingardas na mão, em frente aos opressores, matando, trucidando, incendiando, reagindo por todos os processos, para vencerem. Ainda não venceram, por enquanto, mas a Victoria avança para elles, com uma corôa de louros viridentes. Electrisados, desvairados, allucinados pela oratoria do seu homem representativo, não desfalleceram um instante no seu heroísmo — resistindo constantemente num combate, que era de destruição, de tortura, de vingança. Nem a prisão nem a força nem o despotismo conseguiram vergal-as!... E no momento em que a Irlanda era um vulcão donde irrompiam labaredas e donde jorravam lavas sanguinolentas, é a India que se revolta. Porque? Porque um homem que morreu ha dois annos, Tilak, a concitou a sacudir o jugo da Grã-Bretanha, com a sua palavra de fogo! Sumindo-se no tumulo, depois de ter compellido á sedição pela palavra falada e pela palavra escrita, sucede了一-lhe um outro orador estupendo, Gandhi, um illuminado, uma especie de "Caky-Mouni", que continuou a pregar ás turbas, para que nellas se não apagasse a chamma que a illuminava. Nesta hora incerta que atravessamos, toda a India arde de norte a sul no brazeiro revolucionario e não sei se a Inglaterra, com o seu poderio immenso, vingará dominá-la! E por outras paragens, por outras nacionalidades, a palavra redemptora faz a sua explosão, anuncianto um mundo novo e uma nova sociedade! Eis a obra dos oradores! Eis o poder formidavel das palavras!

Hamlet, desdenhando-as, murmurava: "Words, Words!", como se quizesse afirmar que apenas valiam as ideias e que tudo o mais era vão como o rumor do vento que passa. O mundo, com efeito, está cheio de palavras: — no entanto, são ellas que o trazem numa agitação permanente e que impulsionam todos os actos do homem!...

Porto, 18 de setembro de 1921.

João Grave

("Correio do Povo" de Porto Alegre).

#### PLATAFORMA E REVISÃO

Na plataforma que o illustre candidato da Convenção de 8 de Junho á Presidencia da Republica durante o quatriennio de 1922 e 1926, teve ensejo de lêr aos convivas do banquete no Club dos Diarios, ha alguns periodos referentes á revisão constitucional, os quaes peço licença para

destacar, transcrevendo-os nestas colunas:

"Não me apresento, senhores, ao eleitorado com ideias de revisão da Constituição. Executada com sinceridade e patriotismo, dentro de largos moldes liberaes, ella é capaz, a meu ver, de assegurar o constante progresso do paiz, desde que os seus executores, os homens que ocupam o scenario politico, pela força da ação e do exemplo, exalcem o nosso meio á altura das instituições que o regem. Si, entretanto, o unico poder politico competente, que é o Congresso, entendesse de promover a revisão, na forma de suas atribuições exclusivas e nos termos do art. 90 da propria Constituição, eu não interporia o elemento artificial da minha autoridade presidencial na solução normal de tão delicado problema. O historico do programma da Convenção com que fui apresentado aos suffragios da Nação, não me consente, realmente, atitude hostil a um movimento revisionista, quaequer que sejam minhas convicções sobre a materia. Si, com efeito, os redactores do manifesto haviam incluido nelle a declaração de ser inopportuna ou inconveniente a revisão constitucional, e se tal declaração se eliminou, sem protesto algum, para attender á reclamação de varios convencionaes francamente revisionistas, que o subscrevem, claro está que, para os compromissos politicos do quatriennio, a questão da revisão é uma questão aberta."

Posto o problema da revisão constitucional nos termos em que o vemos enquadrado nos periodos transcriptos, diga-se a verdade, esse documento politico do illustre candidato, sendo, como é, e como todos elles têm sido até hoje, um programma a executar no futuro quatriennio pelo Presidente eleito, reconhecido e empossado, S. Ex. não podia, nem devia, realmente, mesmo sem referencia ás suas convicções individuaes, incluir, nesse programma, a promessa, directa ou indirecta, de uma revisão constitucional.

Pelos dispositivos expressos do art. 90 e seus paragraphos do Estatuto basico federal, ao Presidente da Republica, em nenhuma circunstancia, cabe a iniciativa da reforma da Constituição.

O candidato a essa alta investidura que, em plataforma, programma de sua futura ação de governo, promettesse tomar a iniciativa da revisão ou intervir na actividade funcional do Congresso, para que este resolvesse tal problema, prometteria um golpe de Estado, assumindo dictatorialmente uma competencia que a Constituição lhe não dá, ou invadindo ostensivamente a esphera das atribuições do Legislativo.

O art. 90 da Constituição é categorico em seus dispositivos quando declara que:

"A Constituição poderá ser reformada, por iniciativa do Congresso Nacional, ou das Assembléas dos Estados."

Cuidadosamente, e com grande sagacidade, a Constituinte retirou ao Presidente essa iniciativa, perigosa em mãos de uma entidade que já dispõe de atribuições vastíssimas, tão vastas e tão culminantes que bastam para collocar o presidencialismo hombro a hombro com a ditadura.

Não sei de nenhuma Constituição liberal no mundo que conceda ao chefe do Executivo essa atribuição formidável.

Ha uma exceção unica e essa apareceu no Brasil: a Constituição positivista do Rio Grande do Sul, a qual, pelo art. 76, se declara reformável "pela iniciativa do Presidente do Estado", ou "em virtude de "petição" da maioria dos Conselhos Municipaes."

Em face, pois, do dispositivo do art. 90 da Constituição Federal, o illustre candidato da Convenção de Junho não podia nem devia formular uma promessa de revisão e se a formulasse não poderia ser admittida como sincera e generosa, senão como ameaçadora das atribuições constitucionaes do Congresso Nacional ou das Assembléas dos Estados.

Como S. Ex. affirma, pelo facto de ter sido retirada do manifesto dos convencionaes a declaração peremptoria e contraria á reforma do Estatuto fundamental, propositadamente para attender ás reclamações então expostas, o problema revisionista será, no quatrienio futuro, uma questão aberta, que o Congresso, no uso perleito das suas atribuições, estudará ou não.

Todavia, ha um problema de natureza constitucional que, sem importar em revisão do Estatuto federal, importa necessariamente na reforma de uma Constituição estadoal, e consequentemente, em intervenção, de acordo com o artigo 6.º da Lei basica da União.

Essa Constituição é a do Estado do Rio Grande do Sul, cuja unconstitutionalidade, á face do Estatuto fundamental da Federação, é manifesta, é absoluta.

A Nação Brasileira adoptou como forma de governo, sob o regimen representativo, a Republica federativa proclamada a 15 de Novembro e constituiu-se, por união perpetua e indissoluvel das suas antigas provincias, em Estados Unidos do Brasil, com a condição imprescindivel estabelecida no art. 63, isto é: que cada Estado se regeria pela Constituição e pelas leis que adoptasse, respeitados os principios constitucionaes da União.

Ora, um desses principios constitucionaes, basico, essencialissimo, indiscutivel, é, sem duvida, aquele que, no art. 90 do Pacto federal, negou ao Presidente da Republica a iniciativa revisionista, para dal-a condicionalmente ao Congresso Nacional e ás Assembléas dos Estados, isto é: ao povo brasileiro e ás autonomias federadas.

O Rio Grande do Sul positivista, pela sua Constituição, que é o codigo da dicta-

dura pretenciosamente chamada scientifica, saltou por cima desse principio fundamental da União e, afastando-se, propositalmente e escandalosamente da unanimidade dos Estados federados, deu a iniciativa da revisão ao Presidente-dictador.

E' verdade que parece haver-a dado tambem á maioria dos Conselhos Municipaes; todavia essa concessão á democracia municipalista é um sophisma de duas faces: constitucional e partidaria.

Segundo dispõe o texto do art. 76 da carta sul-riograndense, "a reforma poderá ser feita por iniciativa do Presidente ou "em virtude de petição da maioria dos Conselhos Municipaes."

E no § 2º prevê ainda a referida carta a hypothese de ser "a reforma pedida pela maioria dos Conselhos..."

Como se vê, a Constituição do Rio Grande do Sul apenas reconhece á maioria dos Conselhos "o direito de petição". Nesse ponto, os Constituintes do Estado fizeram recuar as liberdades politicas do Rio Grande do Sul ao tempo anterior á dinastia dos Tudors, na Inglaterra, sob cuja influencia o antigo direito de petição dos Lords e dos Communs evoluiu e se transformou em direito de iniciativa.

Isto, quanto ao aspecto constitucional da questão, porque, quanto ao aspecto politico partidario, o sophisma é ainda mais grosso.

O "Presidente do Estado é", pelos dispositivos categoricos dos arts. 7 e 20 da Constituição "o chefe supremo do governo e da administração e a exercerá livremente."

Ora, como o Presidente do Estado é, ha bem 25 annos, além do "chefe supremo do governo" e da administração, o "chefe supremo do partido", é claro que nunca os Conselhos Municipaes, partidariamente dirigidos pelo Presidente do Estado e supremamente governados pelo Chefe do Partido, terão ensejo de formar maioria para pedir (pedir apenas) que o Presidente-dictador, supremo chefe do governo e da administração, reforme a Carta Constitucional.

Entretanto, convém insistir ainda, que pelo Estatuto basico do Rio Grande do Sul, são dous os caminhos para se conseguir a revisão: o primeiro é a "iniciativa do Presidente"; o segundo é "uma petição da maioria dos Conselhos Municipaes", dirigida ao Chefe Supremo.

De sorte que essas corporações não têm, como parecia, a iniciativa da reforma; esta iniciativa cabe exclusivamente ao Presidente do Estado; aos Conselhos compete, quando muito, apenas "pedir" ao "Chefe Supremo do Governo e da administração" que faça a reforma, quando o "Chefe Supremo do Partido" permitir que a maioria de tales entidades se utilize do direito que, na Inglaterra, já é absoluto desde 1485, quando a dinastia dos Tudors se constituiu e que no Rio Grande do Sul positivista é hoje considerado uma grande e nobre conquista moderna.

Ora, uma Constituição estadoal que, excepcionalmente, entre todas as outras, não só no Brasil como de todo o mundo liberal e republicano, desobedece a esse princípio fundamental do nosso regimen nacional e dá ao Presidente-dictador, e só a elle, a iniciativa da revisão, ou sejam as atribuições do poder constituinte, que, em uma democracia não podem nem devem sahir da posse do povo, não é um Estatuto que se enquadre na forma republicana federativa, de acordo com a exigencia irremovivel e insophsimavel do art. 63 do Pacto Federal.

E, na plataforma do illustre candidato da Convenção de Junho, ha um periodo que não me deixa a menor sombra de duvida:

E' este:

"Enthusiasta sincero da forma republicana federativa, garantirei com firmeza a autonomia dos Estados dentro da Constituição, pois fóra della não ha autonomia, mas anarchia e ameaça á existencia da Federação."

A Constituição do Rio Grande do Sul não obedece aos principios constitucionaes da União, não se enquadra nas linhas do Estatuto federal, está fóra delle, é, portanto, uma constante ameaça á forma republicana federativa da qual o illustre candidato da Convenção de Junho se confessa entusiasta sincero.

Consequentemente, para garantia firme da autonomia do Estado, aquelle estatuto deve entrar para o ambiente traçado pela Constituição federal, pois que, enquanto estiver "fóra desta, não haverá autonomia, mas anarchia".

E para que se dê a entrada da ovelha desgarrada no aprisco, a Constituição Federal inscreveu, logo nas disposições preliminares do seu titulo primeiro, entre as bases da organisação federal, o principio excepcional da intervenção do Governo da União nos Estados, para "manter a forma republicana federativa".

*Pinto da Rocha.*

(*"Jornal do Brasil"*)

#### OS TOUROS NO CENTENARIO

A Sociedade Protectora dos Animaes não quer que haja touradas no Rio de Janeiro, por occasião das festas do centenario.

Ella funda-se num duplo argumento, o de ordem sentimental, que é em parte o argumento classico das sociedades desse genero, e o de ordem legal, porque ha uma postura municipal proh'bindo a corrida de touros. Que se revogasse o sentimento, ainda se comprehenderia, mas que, além do sentimento, se revogue a lei é o que ninguem admite, na Sociedade Protectora dos Animaes ou fóra della.

Como quer que seja, o problema está sujeito ao voto do Conselho Municipal.

Até que este o resolva, pódem os touros philosophar sobre a tendencia atavica da humanidade para os spectaculos em que haja o soffrimento.

Os romanos, que eram pessoas finas e inventaram o direito, cultivavam um genero muito mais emocionante: o das touradas humanas. Elles gostavam de colocar nos seus circos não um boi deante de um homem, mas um homem deante de outro, para lutarem. O vencedor podia então, com o consentimento do imperador, matar na arena o adversario, sob os aplausos da multidão excitada. Divertidissima era tambem a scena dos escravos e dos christãos, entregues ás feras, que os devoravam aos olhos de Cesar e do seu povo.

Hoje conservamos ainda o gosto das lutas romanas, mas feitas em tablados garantidos pela polícia e sem que o vencedor possa matar o vencido, o que é uma verdadeira decadencia para essa especie de passa-tempo. Em relação ás feras, o correr dos annos mudou igualmente a ordem natural das coisas. Ellas não entram mais na arena para comerem os séres humanos de ambos os sexos: são estes que as trazem, domesticadas pelo chicote, pelo ferro em braza ou pelo aguilhão, ordenando-lhes a pratica dos actos mais contrarios ao temperamento de um elephante, como seja o de andar de tamancos, ou repugnantes á dignidade de um chimpanzé qual o de vestir o fraque do senador Lopes Gonçalves.

Mas se o spectaculo dos circos romanos mudou, através dos seculos, o gosto do publico permanece o mesmo. A matança dos gladiadores, que morriam saudando o imperador, e a dos christãos, que esperavam o instante de serem devorados conservando os olhos ardentes da febre da fé, cairam em franco desuso; mas ha gente curiosa que mesmo hoje perde uma noite para estar presente ao acto da execução de um sentenciado á morte, nos paizes em que se faz essa operação no meio da rua.

A humanidade mudou sem duvida os seus habitos, mas é ainda e sempre a mesma, sedenta do spectaculo da dôr.

Assim, não tenhamos nenhuma illusão. O restabelecimento das corridas de touros nas festas do Centenario é uma homenagem inconsciente á velha mentalidade do mundo. Ellas são horriveis, essas corridas, porque têm por base o soffrimento publico de um animal. Todos as condennam e, embora não filiados á Sociedade Protectora dos Animaes, acham que o Conselho Municipal deve repellir o projecto do seu restabelecimento, ainda que a titulo provisorio. Mas estejamos certos: restabelecidas porventura as touradas, não haverá na cidade quem as não deseje ver. O empenho do empresario do divertimento em obter licença para o mesmo é indiscutivelmente mercantil; mas apresenta, no fundo, uma camada de psychologia, porque demonstra que elle conhece a alma dos seus semelhantes. Pena é que não haja a possibilidade de uma reedição do circo de

Roma. O triumpho commercial seria muito maior.

A volupia do circo é, aliás, um prazer que nunca abandonou o homem. Esse prazer é barbáro e cruel. Quando um domador entra, decidido, na jaula do tigre, o que os nossos olhos admiram é a rapidez dos movimentos da fera, a perfeita mestria com que ella salta os obstáculos, correndo em círculo, dentro das grades solidas de ferro, mas o que o nosso coração malvado goza é a possibilidade de ver repentinamente o animal estraçalhar o homem que o faz correr. Do mesmo modo, os volteios de uma linda mulher no trapezio não são interessantes senão porque dão a angustia de uma expectativa: a de que ella, faltando-lhe a resistência de um músculo, venha a esborrachar-se no chão, ou mesmo a estender-se apenas na rede protectora que ali está armada, menos para servir de anteparo do que para aumentar o frenesi do público, pois dir-se-ia destinada tão sómente a lembrar que a hypothese da queda não é destituída de fundamento.

Muitas vezes, essas emoções não bastam e os empresários de circo põem a trabalhar crianças. Uma galeria numerosa de marmanjos extasia-se com os saltos mortais desses pobres entes ainda não formados e, precisamente porque se sabe que o seu pequeno organismo é difícil de disciplinar para a exhibição daquelas numerosas sensacionais, os aplausos à proeza redobram de intensidade. A creancinha agradece, estendendo os braços inocentes, ou atirando beijos quasi mecânicos. No seu espírito simples, aquilo é bondade, é glória liberalizada aos seus feitos, é consagração, é amor; aquilo é, entretanto, apenas crueldade.

E por falar nessas creancinhas: não achaes que já é tempo de fundar também uma Sociedade Protectora das Crianças? Ha animaes inquestionavelmente sympathicos, merecedores de toda protecção; mas a verdade é que a lá que acolchão o leito de muitos lulús da Pomerânia, pertencentes em regra a instruidíssimas senhoras, que socorrem os pobres de São Vicente de Paulo e fundam inúmeras instituições pró-isto e pró-aquillo, faz falta na caminha miserável onde tiritam os recém-nascidos dos desamparados.

E' barbáro, é revoltante torturar um touro em lances públicos, deante de uma platéa electrizada pelo sangue com que elle mancha a areia do circo. Mas o touro é possante, entregou-lhe a natureza um par de armas com que defender-se e elle as utiliza valentemente, a ponto de não raro inverterem-se os papéis e o touro matar o homem, em logar do homem matar o touro. Este animal possante morre, assim, no esplendor de toda a sua força lutando, recebendo e dando a morte, como que empenhado na demonstração de que o homem só vence pela solerçia e pelo golpe de surpresa. Ao passo que a criança, esta não se defende de nada. O amansador de feras expõe a vida, antes de ensinar-lhes o melhor meio de pular uma

barrica. O ensinador de crianças, ao contrário, tem a sua vida muito segura e leva sobre o collega das feras uma vantagem de apreciar: gasta menos com o açougueiro.

Por tudo isto, já não me espantarão que o Conselho Municipal revogue as leis do sentimento e as simples leis da sua cidade para que os touros possam ser mortos em público, nas festas do Centenário. E' que, no culto da tradição, em que vivemos, poderíamos ter a idéa, ou, antes, o sr. Carlos Sampaio poderia ter a idéa de renovar o próprio circo romano nos terrenos do morro do Castello. E muitos suicidas resignados, em logar de appellarem para o tiro de revólver, para o vidro de lysol, ou para a barca da Cantareira, docemente se entregariam, mediante um seguro de vida em benefício dos filhos, ao papel de gladiadores ou de cristãos. E não seria difícil que a própria função de Cesar fosse disputada, desde que bem remunerada, pelo deputado Torquato Moreira.

Costa Rego.

(Do "Correio da Manhã").

#### ISABEL, A REDEMPTORA

Com a princesa Izabel, falecida há meses na terra do exílio, morre a herdeira do melhor ouro do carácter de Pedro II. Do pae, ella recolheu o diamante de luz mais pura, que era a magnanimidade.

A princesa tinha antes a delicadeza, o sentimento, a docura, do que a flamma de uma constructora política exaltada. Como regente do Império, fez dois actos atrevidos, que revelariam um carácter inquebrantável, uma obstinação a todo transe, se não vissemos, em ambos, os traços daquella magnanimidade. No problema dos escravos, a voz interior que a Redemptora escuta e á qual procura servir, é a do coração. O problema político será dos estadistas. A questão, no seu fôro íntimo, é sentimental e moral. A mancha negra lhe revolta a alma; accende-lhe, no espírito cristão, accentes de tamanha piedade, que ella não se pôde conter. Em 1871 liberta o ventre. Em 1888 liberta o braço. As suas regências não foram governo, mas antes verdadeiros apostolados, em que Izabel praticou o bem para servir a humanidade. Não era possível sentir, nesta criatura, nenhum traço de maldade humana. A sua nota tonica era a clemência. Sabia dar o prémio e tinha horror do castigo. Atravessou paixões desencadeadas, em tropel; viu uma revolução fender-lhe o trono, e a morte roubar-lhe, na velhice, dois filhos, sem nunca haver articulado uma queixa, nem ter tido um gesto de desespero.

Como aquelle Sanctus, de que fala Renan, no Martyrio de Blandina, nas horas de maior angustia, só lhe foi possível arrancar estas palavras: "Eu sou christã". Ella tinha a prodigiosa coragem moral dos primeiros martyres do christianismo. Aos 74 annos foi ainda sublime de heroísmo.

Quando, o anno findo eu regressava de uma permanencia de tres semanas na Inglaterra, recebi um convite da Princeza e do Principe, afim de ir passar com elles um dia no castello d'Eu. O barão de Muritiba transmittiu o convite ao meu mestre, o conde Correia de Araujo, o qual, juntamente com a sua esposa, são intimos e velhos amigos da filha e do genro de Pedro II. Numa linda manhã de setembro, partimos, os tres, de Paris, com destino a Eu. O conde Correia de Araujo é o antigo director e lente da Faculdade de Direito do Recife, ex-presidente de Pernambuco, politico de largo prestigio ali, no regimen monarchico e na Republica.

Filha de uma familia patricia de Pernambuco, apparecendo, desde cedo, nos salões aristocraticos da Europa, como ministra do Brasil, e brilhando, pela universalidade da intelligencia, a sedução pessoal, a primorosa cultura do espirito, onde quer que surja — na corte de Frederico Guilherme, nos circulos do boulevard Saint-Germain, nas recepções na nobreza pontifical romana — a condessa Correia de Araujo conquistará sempre para o seu paiz a sympathia e a admiração do estrangeiro. Ella nasceu naturalmente nobre — dessa nobreza que vem tanto do coração como da polidez e da graça das maneiras. Não sei onde foi que eu li que a facultade artistica não é outra coisa que o dom de produzir cada sentimento verdadeiro, *em flôr*, conforme a sua medida, desde o lyrio real e a dhalia até a bonina. A condessa Correia de Araujo é uma destas faculdades. O seu espirito, o seu *charme* são de tal modo irresistiveis que em Berlim, Paris ou Roma, na mais alta sociedade, ella domina sempre. Entretanto, é esta mesma creatura, quem, quando parte de Paris afim de passar o inverno em Pernambuco, vae coser o linho, as roupas pobres, dos pequeninos gazeteiros da Escola parochial da Bôa Vista do Recife. Os vendedores de jornaes da minha terra têm nella uma protectora, um anjo tutellar, caridoso e meigo.

O destino não me poderia proporcionar melhores companheiros de jornada. A's 11 do dia chegavamos a Eu, e em cinco minutos estávamos no castello. O conde nos recebe, á porta, com o abraço bem nosso, bem brasileiro, de quem trinta e um annos de ausencia não fizeram esquecer os costumes do povo que elle serviu e amou como se fosse o seu proprio povo.

No primeiro andar do castello, nos esperava a Princeza Imperial. Aos primeiros instantes, em que conversamos, eu vi que a filha de Pedro II não nascera para as etiquetas, as ceremonias de uma corte ou mesmo de uma sociedade regida pela hirta disciplina do protocollo. O sôpro dos sentimentos puros e innocentes, que animavam esta alma, conspirava contra todo constrainto de attitudes.

Izabel a Redemptora não vivia naquelle castello da Normandia como uma rainha ou uma fada, mas sim como uma boa mãe de familia, generosa, hospitaleira, querida de todos, porque para todos tinha uma

palavra de ternura, de sympathy, e de bondade. Ella não sabia dizer mal de ninguem. Para as almas mais aridas, a princeza achava sempre uma qualidade, uma virtude. Depois das apresentações, falou-se no principe d. Luiz. Ella relembrava a pagina que eu havia escripto, no *Correio da Manhã*, e os olhos se lhe humedeceram de lagrimas, que rolavam pela face. A sua dor era um sofrimento nobre, resignado, cheio de sabedoria, jorrando de uma grande alma divina. Fixei-lhe os olhos azues, luminosos e infinitamente bons. Não fulgurava nelles uma scintelha de revolta. Era apenas a saudade, que os dilacerava de tristeza. E ella me disse:

— Luiz morreu como um christão, meu filho. A morte não o intimidou. Antes de exhalar o ultimo suspiro, elle me chamou para dizer: — "Mamãe não chore, que eu vou esperar você lá no céo, onde espero ser tão feliz quanto fui aqui na terra". Luiz morreu justo e bom, e por isso eu creio que a felicidade que contava achar, no seio da Eternidade, elle a tem, porque a ganhou aqui".

O almoço foi simples e cordial. A princeza Pia sentou-se vis-a-vis de mim, dando-me a princeza Isabel a sua esquerda. A viuva de d. Luiz, de um espirito lucido e claro, fala portuguez como qualquer de nós. Ella não conheceu outro professor além do marido, que tinha aliás o culto da Patria, na terra do exilio, levado a um fanaticismo quasi mystico. A Redemptora me narra a sua vida de infancia em Petropolis; as travessuras, que ella praticava em creança; a fuga com outras meninas, um dia, do jardim imperial em Petropolis; os banhos que ella dava, no Imperador, pelo carnaval; a saudade que a possuia da Gávea, da Tijuca, de São Christovão, tudo, até a nostalgia dos garotinhos, vendedores de doces e de balas, das ruas do Rio de Janeiro! Falando-me da escravidão, ella me disse:

— Foi o dia mais bello da minha vida!

Findo o almoço, o conde d'Eu levou-me a visitar a capella, no rez-do-chão do castello. Através do longo corredor, que conduz até á capella, vou encontrando o Rio de Janeiro e o Brasil: pintura a oleo, feitas pela Princeza, do Corcovado, de Copacabana, da Tijuca; quadros de artistas nossos, com typos e costumes da cidade; jangadas de pescadores de Pernambuco, boiando á flor das aguas; sempre a recordação da Patria. A capella é consagrada a Santa Amelia. Ajoelhamo-nos todos, orando. Depois o conde d'Eu desfralda, num gesto varonil, um panno desbotado: é a bandeira do Imperio que acompanhou os soberanos no exilio. Passou por todos nós um fremito de emoção. O que não vira aquelle estandarte coberto de patine!

A's 2 1/2, d. Izahel toma os condes Correia de Araujo e a mim para um passeio de automovel no parque do castello e nas duas cidades da Trepôr e Mers. Ca'a sobre as arvores um sol flavo e generoso. Ella nos mostrava tudo, as estradas, o bosque, o pequeno cemiterio inglez, numa eminencia de Trepôr, o mar, o porto.

cumprindo encantadoramente as leis da hospitalidade. Quando íamos já de volta para o apartamento da baroneza de São Joaquim, no castello, a Princesa me pediu horas. Confessei-lhe humildemente que eu nunca trago relogio, para não ter a superstição do tempo. Ella tirou da cintura o seu, e disse-me:

— Meu filho, estou a fazer com você de agencia Cook: a dizer-lhe os caminhos, as cidades e as horas!"

Respondi-lhe que quem governará os homens mais de uma vez, como sua alteza, não poderia perder o senso de conduzilos, mesmo nas ruas de Trepôr e para a estação do caminho de ferro d'Eu. Ella riu, com bonhomia, mas insistiu afim de que eu adquirisse um relogio, porque nem sempre estaria em Eu, ao seu lado.

Dahi a momentos chegavamos deante das dependencias do palacio habitado pela baroneza de São Joaquim. D. Izabel nos ia deixar. Beijei-lhe as mãos, e fitei-lhe depois os olhos grandes, azuis, luminosos, e a face doce, franca, sorrindo de uma ternura infinita. Que rainha ella não seria!

*A. Chateaubriand.*

(Do "Correio da Manhã")

#### O CREDITO INTELLECTUAL

Pensará o leitor que é o titulo de uma companhia americana de seguros das idéas?

Não. Trata-se tão sómente dos prodromos de uma fundação, em França, para proteger a intelligencia, auxiliar os literatos, amparar os jovens inventores, abrir facilidades aos recem-formados que se destinem a estudos especiaes de laboratorios e bibliothecas.

Para assegurar a organização desse credito da intelligença, fez-se um inquerito, que levantou polemicas, como aliás todos os inqueritos, mesmo os policiais. Nelle se empenharam com vivacidade e eloquencia tanto a "Confédération des travailleurs intellectuelles", como "les Compagnons de l'Intelligence".

Lançou essa idéa a revista *Le Producteur* do sr. Gabriel Darquet. Levou-a ao fogo de sua ironia, no desejo de demonstrar a incapacidade de cooperativa-bancaria dos intellectuaes, o sr. Marius André, sem calor de espiritualidade, como dentro de reduzido espirito de contradição. Repontou em defesa o sr. Henri Clouard, autor do questionario a que já me referi, colaborador do *Producteur* e, ainda, secretario geral dos "Compagnons de l'Intelligence". Sua réplica traz como um lusco-fusco de indignação. Indica o perigo que corre a actividade mental da França e não tolera os remoques do sr. Marius André, que sebastianiza os poetas e os philosophos, amarrando-os com o barbante muito vulçar de sua prosa e setteando-os com os aborridos debques de seu menosprezo.

Tecendo, com desenvoltura, algumas joralidades embaraçadas pelo esmero de ser

amavel, o collaborador da *Revue Hebdomadaire* chocarreia deste feitio, que transcrevo para edificação dos ingenuos:

Notre auteur est un poète? Oui alors il n'y a pas à hésiter: qu'il cherche du travail dans la agriculture, le commerce, l'industrie ou dans une administration. Il ne fera croire à personne que pour écrire une plaquette de vers par an (je parle d'un maximum auquel bien peu arrivent), il ait besoin de travailler huit à dix heures par jour. La poesie est un luxe aussi bien pour le poète que pour de lecteur..."

Por esta limitada amostra já se pôde encetar a peça: e contar-lhe os fios da trama, sentir-lhe a excellencia, transver-lhe a urdidura.

O sr. André repete a facecia por demais sovada da "agricultura": é um pensamento hesiódico e virgiliano: já vem nos *Trabalhos e os Dias* e nas *Georgicas*.

Aliás, a ethica do escriptor irreverente é integralmente americana: ha o mesmo peso e a mesma medida para julgar-se da valia dos productos. Tanto se lhe dá que seja aveia, feijão mulatinho, ou que se trate de poemas, laudas de arte, romances, dramas ou tragedias: é a peso. Só a quantidade predomina, só ella vence e esmaga. E' um phemoneno puramente mercantil, e que se discute á beira oscillante da balança. Os productos intellectuaes, as locubrações estheticas ou scientificas são, no final das contas, (como o sr. Marius se rejubila com esta technica!) *productos* que se vendem. Charles Gide, Leroy Beaulien se esqueceram desses dados nos seus tratados de Economia Politica. E' uma questão de centros consumidores, isto é, de quem se consome com as letras.

E, por sua vez, o arguto e ladino André também olvidou outro aspecto da producção literaria — o transporte. Qual preferirá o jovem renovador dos valores mentaes: a navegação, tanto do salso elemento como do eólico, ou as vias terrestres? Caminhões automoveis? a antiquada estrada de ferro, ou o pre-historico carro-de-bois? Ha tambem os comboios de burros, muares formando tropa, cujo caracter poetic, animando a paizagem, deve desagradar á sensibilidade electro-technica do acima mencionado.

Mas o implacável sr. Marius exclama, cheio de gostosa e repimpada ironia, que a poesia é um luxo, tanto para o poeta, como para o leitor! Insigne André! Com que então, a poesia é um luxo! Mas o luxo é a flor aristocratica das civilizações: só por ella as cidades e os homens atingem á perfeição. Ella é tão indispensavel á vida como os generos da primeira necessidade...

Quando o erudito polygrapho chegará a sentir o valor das cousas inuteis? Foram elles que fizeram de Lutecia a gloria do genio latino!

E por que só a poesia é luxo? As demais artes tambem: tanto as dos olhos, como as das orelhas.

Toda a arte é inutil, já dizia o vendedor ambulante de mercadorias literarias, que se chamou Oscar Wilde. E' verdade que

Se sou um menino  
gordo e corado  
devo tudo ao  
Biotônico  
Fontoura

# BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO  
FORTIFICANTE

# BIOTONICO FONTOURA



## O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres  
formosas, as crianças robustas

**CURA A ANEMIA**  
**CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA**



**AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ**  
**SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE**  
**SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE**



### MODO DE USAR:

#### BIOTONICO elixir

**Adultos:** 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

**Crianças:** 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

#### BIOTONICO pastilhas

**Adultos:** 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

**Crianças:** 1 pastilha.

#### BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

O Biotonico Fontoura  
julgado pela probidade  
científica do professor  
**DR. HENRIQUE ROXO**

Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

**Biotonico Fontoura**  
e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem assegurado o seu uso quando ha accentuada denutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo  
Professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.  
**ROCHA VAZ**, professor  
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o

**Biotonico Fontoura**  
e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

**Dr. Rocha Vaz**

Professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura  
consagrado por um grande  
especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

**Biotonico Fontoura**

Rio de Janeiro 12 de Julho de 1921.

**A. Bustregesilo**

Professor cathedratico da clínica neurologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Palavras do eminente  
cientista Exmo. Sr. Dr. **JULIANO MOREIRA**

Tenho prescrito a doentes meus e sempre que lhe acho indicação therapeutica o

**Biotonico Fontoura**

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

**Br. Juliano Moreira**

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"  
**FONTOURA, SERPE & C.º - S. Paulo**

esse mercador inglez accrescentava: "A unica excusa de ter-se feito uma cousa inutil — é de admir-a intensamente..."

Creio que este tratamento será muito do sabor do sr. Marius André.

Mas ouçamos o que o bom senso e a lucidez do sr. Henri Clouard relatam, sobre o problema do credito intelectual: "Quand des hommes sérieux s'écrient qu'il faut secourir et sauver l'intelligence, ils ne se soucient pas de litterature, mais de culture, de progrés humain, de sauvegarde de vies humaines, même de sécurité nationale; car la libre recherche des savants et des penseurs commence tout cela.

Allon plus loins encore, embrassons la réalité entière du problème. C'est toute activité humaine dans la proportion où elle est essentiellement intellectuelle, qui apparaît en souffrance. Combien de jeunes gens bien foués se voient dans l'impossibilité d'achever leurs études! Combien d'étudiants bien formés n'on pas les moyens matériels de s'installer dans leur profession d'intellectuels (cabinet, bibliothéque, outillage, etc.)! Ceci est le péril immédiat de l'élite, dont la source s'appauvrit sous nos yeux.

Vollá tout ce qu'il faut commencer par se dire, lorsqu'on veret réfléchir au crédit intelectuel.

Le problème du crédit intelectuel, du crédit à l'intelligence, ce n'est pas occasion de faire des plaisanteries sur les

poétes et les philosophes. Car c'est pour nous, Français, le problème central de l'avenir national. Poson-le sous cette forme très simple: *urgence de mettre à la disposition des travailleurs intellectuels de tout ordre les moyens matériels de premier établissement et de production dont ils ont besoin*".

Como essas idéas precisam de ser divulgadas entre nós! Aqui a vida mental é dupla tragédia: uma que vem do isolamento fatal, inevitável, que algema o escriptor de idéas na angustia do exílio; outra que o joga no conflito mesquinho do trabalho sem remuneração, e sem esperanças de melhoria. O escriptor envelhece pobre e embora seu *prestígio pessoal* culmine, suas condições de exito remunador em nada augmentam.

Elle tem que ser um hospede na sua profissão, um intruso no seu sonho, um estrangeiro no domínio da actividade que sua alma elegeu para seu aperfeiçoamento moral. Outra será sua actividade; de arte, de ciencia, só cuida nas poucas férias mentaes.

Quem terá a coragem cívica de fundar, entre nós, o crédito intelectual ou ao menos um mecenato das letras?

*Fléxa RIBEIRO*

(Do "Correio Paulistano")





## DEBATES E PESQUIZAS

### O ESTYLO "FABRICADO"

A simplicidade e a naturalidade têm sido sempre as duas qualidades indispensaveis do estylo; mas será erro supor que se pode ser ao mesmo tempo simples e natural sem esforço, e em consequencia se teria que desprezar injustamente certos escriptores de "aplicação" como Flaubert, que passa por ter inventado o que injustamente se chama o estylo e "fabricado".

Diz-se: "E' preciso escrever apenas o que se sente. E' o unico meio de ser natural". Sem duvida; mas não se trata unicamente de *escrever o que se sente*. A literatura é tambem a arte de *sentir o que se deseja escrever*. Fazer um romance ou uma peça de theatro é *fabricar* um plano, situações, caracteres, descripções, a narração e o dialogo.

E preciso ser bastante ingenuo para crer que se pode classificar os estylos em estylos *fabricados* e estylos *não fabricados*, artificiales e não artificiales. Todos os estylos são fabricados, isto é, contêm todos uma parte de inspiração natural e uma parte de trabalho refletido. O que se pode dizer é que ha estylos que têm o ar artificial e outros que não têm o ar artificial. O talento do fabricante consiste em não deixar ver a fabricação. Tudo está ahi.

"Têm-me censurado, diz Charles Péguy, que meu estylo é procurado, quer dizer trabalhado. Eu não sei o que seja um estylo não trabalhado, não procurado, ou antes, creio saber que isso não é estylo".

"E' preciso, disse Victor Hugo, galgar o aspero caminho da inspiração". "A inspiração, acrescenta Baudelaire, citado por Banville, é trabalhar todos os dias". "As coisas, disse Bossuet, precisam ser meditadas; procuremos tornal-as sensíveis, desenvolvendo-as mais". Luiz Ulbach viu, em 1840, no gabinete de Victor Hugo, as dozes rimas, preparadas anteriormente, com que o grande poeta fez os doze mais bellos versos de sua peça: *Océan Nox*.

Thucydides trabalhou mais de vinte annos na unica obra que nos deixou. Platão, diz Max Egger, "refez sete vezes a Introducção da *República* e tratou e corrigiu seus "Dialogos" até a edade de oitenta annos... E o grande orador Isocrates, que alguns julgam superior a Demosthenes, passou dez annos escrevendo seu *Panegyrico*".

O estylo mais trabalhado de toda a literatura franceza é talvez o de La Fontaine. O grande fabulista confessava que *fabricava* o natural, quando dizia nestes termos, tratando do duque de Bourgogne:

"Je fabrique, á force de temps,  
Des vers moins sensés que sa prose."

"Vendo-se os versos de Corneille tão pomposos e os de Racine tão naturaes, diz Montesquieu, não se advinharia que Corneille trabalhava com facilidade e Racine com esforço". (1)

Por falta de trabalho, certas prosas mui fluentes carecem muitas vezes de solidez e de relevo, ao passo que ha prosas vigorosas que têm necessidade de fluencia e naturalidade.

Basta estudar com um pouco de attenção os processos da arte de escrever para se certificar de que o trabalho, isto é, a *fabricação* é precisamente o que faz o encanto de certos estylos, como o de Montesquieu, por exemplo, onde tudo é rebuscado e no emtanto tudo é simples. Lêde sem "parti pris", noutra ordem de idéas, a *Legende de Saint-Julien l'Hospitalier*, de Flaubert; vereis que á força de condensação o autor acabou por encontrar um tom realmente impressionante.

O unico defeito de Flaubert é que nello se percebe o trabalho. Tudo é calculado, até a virgula, quasi. Menos visivel em "Madame Bovary", esse defeito (realismo á parte) não impede Flaubert de ser um dos grandes escriptores do seu tempo.

Censuram-n'o, a elle e aos parnasianos, de ter dado muita importancia á forma,

(1) Montesquieu. *Essai sur le gout*.

e se lhes oppõem o exemplo de nossos grandes classicos, que passam como representantes da inspiração sem esforço. Nada é tão pouco exacto. Vêde Guèz de Balzac, por exemplo, um dos mais directos annunciadores da bella epoca classica. Conheceis estylo que mais fortemente dê a sensação de *fabricado*? Ora, não somente esse defeito não prejudicou a reputação de Balzac, como é unicamente por isso que sua prosa tem algum valor. Este technico é um modelo da arte de escrever; seu *Socrate Chrétien* annuncia Pascal; Bossuet declarava ter tirado de Balzac "a idéa das phrases nobres". Malherbe está no mesmo caso. Percebe-se seu trabalho, mas seu labor não lhe diminue o merito.

Em Flaubert, ao contrario, seus gemidos e sua colera lhe fizeram mal. Elle apregoou demais a sua inhabilidade, revelou demais os processos de sua arte. Um tal martyrio pareceu uma inferioridade e tem-se desprezado já o seu estylo á medida que se lhe conhecem os esforços e a arte.

Os amantes de prosa inorganica increpam Flaubert de ter querido, entre outras coisas, dar harmonia á prosa e de ter feito da declamação a pedra de toque do bom estylo. Fingem ignorar que a prosa tem sua harmonia como os versos. Seria um erro crer que os olhos bastam para julgal-a, pois que ella é destinada sobretudo a ser lida. Ella é lida, é verdade; mas, lida ella é falada mentalmente, e a harmonia passa dos olhos para o ouvido. "O ouvido, diz Oscar Wilde, é verdadeiramente o único sentido ao qual, sob o ponto de vista da arte pura, a literatura deve procurar agradar e cujo prazer deverá ser sempre a regra. Os gregos estudavam os movimentos metricos da prosa tão scientificamente, quanto um musico moderno estuda harmonia e contra-ponto. Elles viam a arte de escrever como uma notação. Sua pedra de toque foi sempre a palavra falada, em suas relações musicas e metricas. A voz era o meio e o ouvido o critico". (1)

Wilde tem razão. A Antiguidade confirma sua teoria. Aristoteles disse que "o estylo não deve ser metrico nem faltoso de medida, e que a prosa deve ter um rythmo, mas nenhuma medida, por que então torna-se poesia. Demosthenes mesmo, o orador da logica e da precisão, possuia um estylo magnificamente harmonioso e mui cuidadosamente fabricado, e Denys d'Halicarnasse mostrou bem o

que entrou ahi de vontade e de trabalho. (1)

O secco Brunetiére faz esta confissão:

"Seguramente existe o que se chama uma technica da rima e do rythmo; a rhetorica tem seus mysterios; existe longo aprendizado para alguns dura toda a sua vida. Eu vou mais longe e acordo em que ha vocabulos pittorescos ou sónoros, que produzem imagem ou musica, e reunião de sons que acariciam o ouvido, como conjuntos tambem de syllabas que agradam a vista." (2)

Um grande poeta classico encarnou o trabalho e o "officio"; foi Boileau. Os romanticos baldadame e denegriram Boileau; máo grado seus modos monotonos, sua versificação parallela, suas rimas em adjectivos e sua esterilidade verbal, o autor de *Lutrin* não ficou menos mestre da arte do verso. E' preciso não o ter lido depois do collegio para lhe recusar esta homenagem.

E' em Boileau, isto é, no poeta que mais trabalhou, que mais fabricou, que se encontram, por centenas, os versos mais faceis, mais limpados, mais populares e que se gravam na memoria como proverbios:

"Qui ne sut se borner ne sut jamais écrit.  
[re...]  
Un sot trouve toujours un plus sot qui  
[l'admirer...]  
Un diner réchauffé ne valut jamais  
[rien...]  
Ce que l'on conçoit bien s'enonce clair  
[rement...]  
Vingt fois sur le métier remettez votre  
[ouvrage...]  
Aimez qu'on vous conseille et non pas  
[qu'on vous loue...]

Etc., etc...

Si alguma coisa foi ainda trabalhada, são as *Provinciales* de Pascal. Nicole un conta que o illustre polemista de Port-Royal não suspendia seus retoques sinão para satisfazer a impaciencia do publico. Uma só das suas cartas custava a Pascal vinte dias de rascunhos. Elle redigiu treze vezes a decima oitava, que passa por uma das mais bellas e que contém vinte e seis paginas de impressão. Correspondendo a uma pagina manuscrita uma impressa, são mais de trezentas paginas de escripta só para esta

(1) Cf. Max Egger, *Denys d'Halicarnasse*, p. 108.

(2) *Histoire et literature* p. 49 — Theophile Gautier dizia a Taine: "Palavras flamantes, palavras illuminadas, rythmo! Eis a poesia! Isso não diz nada, isso nada prova. Tomai por exemplo, o começo de *Ratbert* de Victor Hugo; não ha apoesia no mundo como essa; o plátô do

(1) O. Wilde. *Opinions de littérature et d'art*, pag. 124. O proprio Louis Veuillot, si bem que jornalista, preocupa-se com a harmonia do estylo. (*Odeurs de Paris*, pag. 213, e Jules Lemaitre: *Contemporains*, 6.ª serie, p. 69.)

carta. Si não é isso *fabricação*, cumpre procurar o sentido das palavras. Sómente (e eis o grande ponto) o excesso mesmo de trabalho tornou natural a prosa de Pascal. Elle assombrava seus amigos por seu *perpetuo descontentamento*, refazendo até oito e dez vezes trechos que os outros achavam admiráveis.

D'onde vem a obscuridade de Tacito, sinão de sua *factura laboriosa*? Suas fortes antitheses fazem duvidar às vezes que elle sacrificava a verdade pela imagem e o vocabulo verdadeiro pelo vocabulo dramatico. A força de admirar o artista, acaba-se por suspeitar do historiador. Tacito não deixa de ser, por isso, um grande escriptor.

*Carmen e Colomba* de Merimée não são obras vivas apesar de seu signal de *fabricação*? Diminue-se Baudelaire quando se constata seu apuro e seu maneirismo?

Sem duvida, a inspiração de Lamartine tem qualquer coisa de divino, e este poeta sem forja e sem "atelier" será sempre superior aos mais consummados artistas. Há mil razões para preferir os auctores faceis e naturaes; mas é uma injustiça rebaixar os laboriosos e applicados. A prosa de Montesquieu, maravilha marchetaria, é tão seductora quanto a prosa de Fénelon, modelo de dicção pura. (1)

E' possivel que o estylo natural tenha amiude custado menos esforços; é muito possivel tambem que tenha exigido muito trabalho. Não ha talvez prosa mais limpida que a prosa de Rénan; ora o proprio Rénan trabalhava muito. Elle teria podido, como um outro, deslumbrar os leitores com a abundancia de expressão e a imagem brilhante. Elle preferiu desprezar qualidades que julgava pouco dignas de um historiador.

"A multidão, diz elle, gosta do estylo vistoso. Ter-me-ia sido facil o não podar esses penduricalhos e essas lantejoulas, que têm exito em outros e provocam o entusiasmo dos conhecedores mediocres,

Hymalaia, toda a Italia com seus brações e sua idade-média ahi está representada". Citado por Brandés—*L'Ecole romantique en France*.

(1) Não esqueçamos tambem que Lamartine trabalhou durante annos. "Elle procurou por longo tempo sua arte." Elle se tornou "a custa de um longo trabalho obscuro." — "Elle trabalhou dez annos antes de publicar as *Meditations*, diz E. Deschanel. *Les Contemporains* de Jules Lemaitre, 6.<sup>a</sup> serie, p. 96.

isto é, da maioria. *Eu passei um anno a escrever o estylo da vida de Jesus...* (1)"

Renan deixou poucas confidencias sobre seu metodo de trabalho. Encontramos a este respeito alguns detalhes interessantes em uma das primeiras entrevistas que a sua crescente celebridade procurou e que Louis Venillot cita no seu *Oeufs de Parais*:

"Renan risca, emenda, corta, recoloca palavras<sup>a</sup> retoca phrases, arredonda-as, recomeça paginas inteiras. Eu o vi tambem corrigir provas de maneira a fazer perder a cabeça dos impressores. Elle acrescenta pelo menos tanto quanto corta, e as palavras lhe parecem sempre que não são si-não imperfeitamente toda a delicadeza do pensamento. Elle é, por assim dizer, obrigado a esquadrinhar a lingua em todos os seus cantos, para descobrir o vocabulo que se applica justamente a seu pensamento; e desta procura incessante nascem mil finuras de linguagem, mil tornicos de phrases engenhosas e admiraveis."

Será, pois, grande mal desdenhar o trabalho, mas será ainda mais censurável cahir no excesso contrario, e desprezar tudo quanto é verve, abundancia, facilidade, colorido, imagem, sob o pretexto de que "é Rhetorica". Em literatura, saibamol-o bem, tudo é rhetorica, mesmo a contra-rhetorica, pois que a literatura é uma arte; e que, si é verdade que o estylo é um modo involuntario de exprimir uma personalidade, é tambem um instrumento de combinações reflectidas, vontade e escolha, um instrumento que, por sua vez, obedece, modifica ou creia. Bossuet não fez outra coisa senão rhetorica de genio. Pódem-se citar como exemplo o côro dos anjos maus e os trechos lyrica dos *Panégyriques* de São Bernardo. (2)

A verdade é que todos os estylos são *fabricados e artificiales*; apenas, nem a fabricação, nem a rhetorica, nem o artificio, ou nenhuma especie de processo literario deve fazer-se sentir.

Boileau resumiu a questão quando disse:

"São as obras feitas ás pressas e ao correr da pena que ordinariamente são duras e forçadas. Uma obra não deve parecer muito trabalhada, mas não saberia ser muito trabalhada e é mesmo

(1) Renan. *Souvenirs*. 1 vol. in. 8 p. 355.

(2) Cf. Lanson, *Bossuet*, p. 39. Edit. Lecéne. M. Rebelliau acha em Bossuet excesso de colorido. Elle assignala seu realismo, seus preciosismos, suas affectiones. — O cuidado da forma tem tal importancia que Montaigne diz gostar de ler autores "sans soin de leur science, y cherchant leur façon, non leur sujet". Os escriptores excellentes, segundo elle, são os que "par les perfections e les beautés de leur façon de dire, font perdre l'appétit de leur sujet." Stapfer. (Montaigne, p. 124).

muitas vezes o trabalho que, polindo-a, lhe dá essa facilidade tão gabada que encanta o leitor... Ordinariamente é o trabalho que um auctor tem em limar e aperfeiçoar os seus escriptos que faz com que o leitor não tenha trabalho em lê-los."

Outrora dava-se muita importancia ao que se chamava "ornamentos de estylo". Guardemo-nos de cahir no excesso contrario. A' força de levar á conta de "fabricação" tudo o que é imagem, espirito e côr, acaba-se por fazer uma falsa ideia do estylo; chega-se a confundir a boa descripção com a má, d'Arlincourt com Chateaubriand e a vêr, com Stendhal, o ideal da arte d scrvr no "Codigo Civil". Sempre admirei a impressionante sobriedade do Codigo Civil e confesso que a phrase: — "Tout condamné a mort aura la tête tranchée" é, sem metaphora, uma maravilha de condensação. Não penso entretanto que esse celebre repositório de leis representa a ultima palavra da prosa franceza; e, desde que o estylo deve ser sempre fabricado, creio que o melhor é ainda continuar a ter por modelo Bossuet ou Chateaubriand, antes que o nosso veneravel, mas pouco literario Codigo Civil.

*Antoine Albalat.*

#### COLLABORAÇÃO

O artigo "Coisas do interior", publicado em um dos nossos ultimos numeros, sem assignatura, é do sr. G. Casasanta.

#### BIBLIOGRAPHIA

As questões theorecas que se podem discutir a propósito de bibliotecas e a historia das collecções, são objecto de uma sciencia propria.

Do mesmo modo que cada sciencia forma um conjunto systematico e homogeneo, distinto dos demais conhecimentos humanos, e coordenado segundo certos principios, assim a sciencia de que ora nos ocupamos, representa o conjunto systematico de todos os conhecimentos que se referem ás bibliotecas, e que constitue a *bibliographia*.

A *bibliographia*, ou *bibliognosia*, é, pois, a sciencia que se occupa da enumeração, descripção e critica das manifestações da actividade intellectual de todos os povos e épocas, que, de um modo ou outro, foram reduzidos a escriptos.

A *bibliographia*, em sentido restricto, é o conhecimento e descripção do livro, distinguindo-se da *bibliotheconia*, que trata da classificação, organisação e historia do livro, materialmente falando (impressão, encadernação, etc.)

Alguns auctores, como *Urena*, combatem tal distincção, entendendo por *bibliologia* a sciencia geral do livro, tanto em seu valor intrinseco, como material, e como ramos della a *bibliographia*, a *bibliotheconia* e a *bibliographia*, conforme se analysa o livro em si mesmo, reunido em collecções (bibliotecas), ou se tenha por objectivo a descripção dessas, definindo-se por conseguinte, a *bibliographia* como ramo da *bibliologia*, que se occupa da descripção integral do livro, considerado em si mesmo, para determinar-lhe o logar que occupa no movimento intellectual.

Depois dos judiciosos trabalhos de *Ebert*, costuma-se dividir, a *bibliotheconia* em duas partes; a primeira referente á organisação technica da biblioteca, a segunda á sua administração.

Para que uma biblioteca satisfaça plenamente os fins a que se destina, é necessário que se lhe dê vida, isto é, uma catalogação efficiente.

Este ponto é de grande importancia a quem reconhece a conveniencia da organisação methodica de uma biblioteca.

Como somos partidario fervoroso do "Systema Decimal" de *Melvil Dewey*, hoje muito preconizado pelas multiplices vantagens que offerece, entendemos toda vez que se houver de fazer catalogação de collecções de livros, deve ella ser adoptada.

Consiste a classificação decimal na divisão dos conhecimentos humanos em dez classes principaes, a saber: 0 (zero), — Obras geraes; 1 — Philosophia; 2 — Religião; 3 — Sciencias sociaes. Direito; 4 — Philologia. Linguistica; 5 — Sciencias mathematicas, physicas e naturaes; 7 — Bellas-Artes; 8 — Literatura; 9 — Historia. Geographia. Assim, 05 (81-41), significa revista brasileira, editada em São Paulo. Analysemo-la: 0 (zero), Obras geraes; 05, Revista; (8), America do Sul; (81), Brasil; (81-41), Estado de São Paulo, logo, 05 (81-41), quer dizer Revista brasileira editada em São Paulo. Os numeros entre parentese, indicam, neste caso, denominação geographica.

Para a perfeita catalogação de uma obra, é mister que o seu catalogador tenha, não somente a pratica necessaria, mas ainda conhecimentos geraes, essencialissimos, afim de, judiciosamente inserir a obra na classe respectiva.

O titulo de uma obra e os demais dizeres que se lhes seguem, bem como os summarios e indices nem sempre subministraram dados para perfeita catalogação. Tomemos por exemplo, o frontespicio, apenas, de um livro bastante conhecido dos estudiosos, seja a "Arte de furtar", do Padre Antonio Vieira. Como sub-titulos, encontramos na referida obra, os dizeres: "Espelho de enganos; Theatro de verdades; Mostrador de horas minguadas; Gazzá geral do Reino de Portugal, offerecida a El-Rei, etc."

Uma vez terminado o estudo analytico da obra, pelas suas diversas partes, pelo exame minucioso, em summa, a que devemos submeter a obra, claro é, que chegaremos á conclusão seguinte: Literatura portuguesa, satyra, humorismo. Podemos, portanto, classifica-la, com segurança, em 869.7. Trata-se, entretanto, de autor classic, vernaculo, e por isso, a sua completa classificação, será: 869.731, isto é: 8, Literatura em geral; 869, idem portugueza;

869.7, idem, idem, satyra, humorismo; 869.731, idem, idem, Padre Antonio Vieira (1608-1697). Conclusão: 869.731 — Satyra, humorismo da literatura portuguesa.

Os algarismos de 1 a 9, collocados imediatamente depois da classe principal da literatura de cada paiz, indica successivamente: poesia, theatro, romances, contos, novellas, epistolais, ensaios, critica, humorismo, satyra, e polygraphia. Assim, 869.91, significa obra de poeta brasileiro; 843, romance de escriptor francez, etc.

Melvil Dewey olvidou completamente o Brasil, em seu *Systema*. O eminent bibliographo, barão de Ramiz Galvão, preencheu essa lacuna, organizando tâboas referentes ao nosso paiz. Assim, pois, à classe 869, literatura portugueza, acrescentou-se o algarismo 9, afim de incorporar a literatura brasileira ao *systema* universal de catalogação decimal.

S. Paulo, 1-12-1921.

A. G. de Campos Filho.

#### CEARÁ — TERRA "DE DOR E GLORIA..."

No salão do Real Centro Portuguez, em Santos, realizou-se interessante festa de letras matutinas. O folclorista patrio, sr. Leonardo Motta, autor do livro "Cantadores", pronunciou, então, sobre o tema "Ao pé da viola", a sua primeira conferencia naquelle cidade.

O orador foi apresentado ao publico santense por nosso confrade do "Commercio de Santos", sr. dr. Bruno Barbosa, que pronunciou o seguinte discurso:

"Ha uma interrogação que estou lendo nos olhos de quasi todos vós: quem vos apresentará primeiro? é o que estae quasi todos perguntando a quem vos fala para apresentar-vos o conferencista. E como seria de mais grosseiro mau gosto falar de mim mesmo, digo-vos somente que faço aqui o papel de "cicerone", nos museus de arte: — quadros, painéis, estatuas, maravilhas de que sabe apenas os nomes nos catalogos e as colocações nas salas, tudo elle mostra, sem que importe a ninguem saber-lhe o nome..."

Ha em nosso paiz, cara patria nem sempre venturosa, vasta como um imperio e quasi toda graciosa, como a seus descobridores parecia, um recanto luminoso e aspero, circumdado de altas serras por tres lados, e, pelo quarto, mergulhado na esmeralda tumultuosa do mar bravio: — é o Ceará.

A natureza alli se compraz em extremos: em parte alguma depende tanto do ceu a terra...

No inverno, estação normal das chuvas, e na primavera que se lhe segue, o Ceará todo não se diferencia do mais lindo trecho de Minas ou de Goyaz; são as serras virentes, engrinaldadas da brancura e perfume dos cafesaes, como enormes ramalhetes de flores ou caçoulas immensas em que a terra queimasse

o perfume ignoto do seio: são os serões de cores cambiantes, entre o verde carregado dos joazeiros, oiticicas e carnahubeiras e o amarelo doirado do pasto em que se apascenta o gado nedio e arisco; é o fabrico de queijo que sativa o ar de cheiro do leite fresco, como se o ar sugasse os seios fartos da terra; é a opulencia das plantas industriaes, do algodão copioso que da semente abrolhou e cresceu, como por milagre de fakirismo.

Mas, por causas ignotas, por misterios da meteorologia, falha a variação das monções e os ventos impetuoso, os aliscos funestos varrem os altos céus e rugem, no ar do sertão, como um canto lugubre de funeral. O sol passeia num azul sem manchas, o plaustro de fogo; bebe os rios torrentosos, suga a ultima gota ás lagoas e vae buscar, no recondito da terra, a limpha humilde e silenciosa que elabora a germinação das sementes.

E' a grande calamidade, é a magna desgraça!

Pulverisam-se as pastagens acamadas em forragem succulenta; a floresta, nua e crestada, leguas e leguas, multiplica-sob um céu desesperadoramente azul, a visão dantesca de um circulo do inferno: ás lufadas do vento, rodopiam as folhas secas que tinem e crepitam, como láminas de vidro...

E sobre todas as coisas paira silêncio de tumulo: o gado desapareceu, devastado pela miseria e pelas epizootias ou transportado para os ultimos desvãos, mais frescos, a distâncias enormes; os passaros, tantos e tão variados que eram, fugiram como quem tem azas, instrumentos sublimes de liberdade.

A terra, desnuda e povoada de espetros, seria um grande sepulcro, se não fosse ella mesma, no pó das estradas ermas e na brancura das pedras calcinadas, um grande corpo mumificado, a entremostrar, nas fendas da pelle, as arestas do esqueleto.

Julgava-se sujeito o phemono a cyclos seculares, mas se se distancia ás vezes, repete-se tambem, num ameudar de catastrophes.

Eis ahi a terra. Nesse scenario de tragedias, agita-se um titan: — é o homem!

Do bem estar todos, da opulencia muitos, passam os cearenses, em poucos meses, á miseria ou á pobreza. Entre o fim do verão e o começo do inverno, a sua expectativa é de ancas sombrias e esperanças ingenuas.

Appella mez a mez, dia a dia, hora a hora. Appella e luta heroicamente.

Os fazendeiros transportam para "recursos" longinquos milhares de rezes; esgota-se a pastagem secca, acaba-se a rama escassa: nova retirada, para mais longe, para uma falda de serra fresca, um desvão de grotas ainda humidas; o gado consome esse novo "recurso" e lá se vae o boiadeiro pertinaz, rumo do Piauhy, comendo menos que o seu re-

banho, mas sempre confiante num trovão que julgou ouvir, num relâmpago que foi apenas a scintillação mais forte dos astros na porcélana do céu ou num enigma que vislumbrou nas barras rectilíneas da luz zodiacal das madrugadas...

E quando não vem a chuva, quando a secca lhe matou até a esperança, não se deixa morrer :emigra e enche o Brasil; não raro afoita-se por longes e estranhas terras.

A secca de 1877 a 1888 fundou vilas que hoje são cidades no Maranhão, e deu começo a esse movimento de colonização da Amazonia que, a par das bandeiras, é o facto mais importante do desenvolvimento da nossa nacionalidade.

O bandeirante paulista afastou e fixou as linhas do paiz para Oeste; o emigrante cearense desbravou e utilizou a Amazonia e incorporou o Território do Acre, maior que muitos Estados da Federação, vencendo o caucheiro peruano na disputa dos altos rios, tributários da margem meridional do rei dos rios e vencendo, desajudado da sciencia e da administração, só e inperterritorio, mais de dois milhões de quilômetros quadrados de selvas, indios, feras, inundações, paludes, em violento contraste com a terra em que nasceu. Segundo cálculos, longe de exagero, trezentos mil cearenses estão hoje enterrados nos barrancos e no seio das florestas immensas.

Monsenhor Pinto de Campos que viajou pelo Oriente, conta que alugou, no Cairo, os muaires que o transportariam na visita ás pyramides, a um cearense...

O barão de Sant'Anna Nery, hospedado em um hotel de São Petersburgo, teve a surpresa de ouvir, em meio á verdadeira Babel de línguas que ali se falavam, uma sonora palavra portuguesa. Informando-se da criadagem, foi-lhe trazido um rapagão moreno e forte: era um cearense do Aracaty...

Em 1896, em uma das colonias allemans da África, um cearense foi condenado a pagar a multa de duzentos marcos, porque, com a aggravante de reincidencia, andara ás pancadas com um colono ou nativo...

Cearense era o medico da expedição portuguesa que, em 1886, fez a travessia da África de Oeste para Leste, do Congo para Moçambique...

Um engenheiro brasileiro ao visitar uma mina de cobre na Suissa, encontrou um operário cearense, empregado na exploração do minério e a um oficial da corveta "Vital de Oliveira" depôs-se um feito empregado de hotel... na China!

Ahi tendes o homem. No seio dessa população, assim energica e viril, affeita á luta com a natureza, a poesia é um sentimento que participa do instinto.

O sertão, com as suas galas e as suas misérias, tem os seus poetas — os "cantadores". O céu azul e a lua de prata faezm vibrar, até ao proximo, as cordas da viola e as do coração.

Não admira, pois, que no Ceará, a poesia popular assuma a importâcia de um aspecto literário, uma vez que é a interpretação da alma de um povo pugnaz e soffredor.

Essa poesia, simultaneamente epica e lírica, epigrammatica e satyrica, em que ha bravura hyperbolica, a chalaça pesadona e o insulto fero, tem tambem o amor delicado, a doce ternura, o sensualismo occulto em imagens que são caricias, profundo sentimento religioso e a saudade — esse grito, esse gemido da alma ancestral que da trova portugueza passou para a cantiga, quintessenciado na languidez das tres raças, no calor do clima e da grandeza do meio.

Chamavam os gregos rouxinos — aedos — a seu cantores, aquelles que preparam o cyclo de que haviam de sahir os poemas de Homero.

Na poesia popular do Nordeste, ha cyclos de cantores e cyclos de cantares: a vida do campo, a faina do gado. o plantio, a colheita, as lutas civis, são themes rimados que a tradição oral vae conservando, ignorados, não raro, os seus autores. A guerra do Paraguai, com a fereza de Lopez, o denodo de nossa gente, a bravura cavalheiresca de Osorio, a coragem do adversario, é assumpto de todo um cyclo poetico popular.

Senhores.

Aqui está um cearense, para vos falar, um cearense illustre; culto, intelligent, tenaz, homem que forma um projecto, visa um intuito e, firme, paciente, inabalavel, vae ao fim.

Sertanejo, a sua alma vibra com as dos rusticos rouxinos do seu sertão. Conviveu com elles, deletreou-lhes, com vagar e esmero, os poemas e cantares; ouviu-lhes a toada das musicas que sublinham os pensamentos ;estudou-lhes em flagrante o espirito e os costumes e, senhor desse cabedal que acaba de enfeixar em um volume, recebido com entusiasmo pelos competentes, aprofundou-se na especialidade que constitue um genero literário.

Elle vos vae dizer quem é o "cantador" e o que é a poesia popular do Ceará e o que vos vae dizer vos compensará de sobra o tempo que acabaes de perder, com um prefacio que vos retardou o goso do livro".

## O MERIDIANO E OS PAULISTAS

O sr. Affonso d'E. TAUNAY, no "Correio Paulistano", mostra, com erudição e acerto a acção decisiva dos paulistas no alargamento do territorio nacional ao sul.

Sabem todos os que da historia de nosso paiz alguma cousa mais conhecem, além dos rudimentos, quanta importâcia as-

sistia nas demarcações antigas das terras de Hespanha e Portugal, no continente sul-americano, á situação do famoso meridiano de Tordesilhas, para oeste já recuado por d. João II, mal satisfeito com a linha demarcadora primitiva do papa Alexandre VI.

Que região do Brasil apanhava a celebre linha geographica? Innumerias as interpretações de geographos e cosmographos. Naturalmente entendiam os portuguezes impellil-a o mais possível para oeste e em compensação os castelhanos para leste.

Dahi uma infinidade de commentarios complicados pela deficiencia dos conhecimentos geographicos.

Entre hespanhoes do seculo XVI foi se formando a crença de que o meridiano de Tordesilhas entrava no Brasil em Cananéa, e uns cinco graus de longitude oeste do Rio de Janeiro, fazendo ao Brasil de hoje a oblação total do Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, Matto Grosso e Amazonas, de dois terços dos territorios de S. Paulo e Goyaz, nove decimos do Pará, um bom pedaço de Minas Geraes, quiçá, ao todo, uns cinco e meio ou seis milhões de kilometros quadrados, talvez tres quartos do nosso territorio actual.

Estava em 1579 escaldante a questão da successão ao throno lusitano. Decrepito, extinguiu-se o cardeal Rei; em torno do seu leito de moribundo, ferozes se agitavam intrigas e cubiças. A's mancheias peitava o terrivel pretendente, que era Philippe II, os grandes fidalgos do Reino, por intermedio de Christovam de Moura.

Preparavam-se as suas esquadras e os seus exercitos a tomar posições, Santa Cruz em Cadiz á espera de seguir a bloquear a barra do Tejo, Alba na fronteira com 25.000 dos seus aguerridos infantes. Fóra o Brasil alvo de negociações; quizera Philippe II cedel-o á duqueza de Bragança, em troca da desistencia de seus direitos ao throno; ao prior do Crato, mais tarde pela renuncia de pretenções irrealizaveis. Mas nada se firmou. Desejando dar antecipado balanço ao que o dito ia receber como herança, ordenou o monarca hespanhol aos seus cosmographos que o informassem sobre as diferentes regiões lusitanas brevemente incorporadas á immensa monarchia, sobre a qual jámais se deitava o sól.

Assim, em obediencia a tal desejo do soberano, surgiu o relatorio hispano-italianiforme do cosmographo real Juan Bautista ou Giovanni Battista Gesio, como mais propriamente deve ser chamado — "Descripcion Geografica de la Provincia del Brasile", assignada em Madrid, a 24 de novembro de 1579, documento do Arquivo General de Indias que julgamos inédito.

Começa por informar ao seu augusto amo que o Brasil "es tierra continuata (sic) con e<sup>l</sup> Peru", por la provincia del Rio de la Plata, del Dorado, y otras entre-

medias". Aos hydrographos e geographos portuguezes, accusa de má fé em seus mappas "como que desde el principio que se empezó a descubrir esta tierra su Rey pretendia que le cubiesse mucha parte desta provincia del Brasil, no siendo entonces descubiertos los Maluccos (sic, Molucas), abreviaron la longitud y distancias y pusieron en el repartimento de Portugal docientes leguas leste oeste desta tierra y que el meridian de la demarcacion passase por el Rio de la Corôa, junto al Marañon y quasi por San Vicente".

Depois, "no contentos del hurto", ainda haviam "puxado" os geographos portuguezes ao cabo de Santo Agostinho tanto para leste, que a linha apanhava a foz do Prata e a do Oyapock, a trezentas leguas a oeste da primeira.

João de Barros, porém, com a sua grande autoridade, era a autoridade lusitana a respeitar-se. Na sua opinião, devia passar o meridiano a setenta leguas a oeste do cabo de Santo Agostinho. Assim, ficaria o Brasil legitimamente portuguez reduzido á faixa de terras limitadas pelo meridiano de Cabo Frio, reduzido a um decimo do que é hoje!

Entretanto ainda a tal respeito discordavam sabios hydrographos italianos. Com a sua autoridade formidavel, só considerava Americo Vespucio legitimamente lusitano o que limitasse um meridiano, passando a vinte leguas a oeste do cabo de Santo Agostinho. Insignificante nesga de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe!

"Y todo lo más es de Castilha!". Com esta opinião illustre se afinava outra, não menos respeitavel, a de Sebastião Cabot. De que valiam, ali, as negativas de João de Barros, gratuitas, hypotheticas?

Acaso fizera elle, no Cabo Frio, as observações rigorosas de Vespucio, com o astrolabio e o sextante?

Não havia mesmo numerosos sabios que a Portugal negavam por completo direitos a qualquer palmo quadrado de terra na America do Sul? Ahi estava Andrés de San Martin, abalizado cosmographo de Fernão de Magalhães, a sustentar que a linha tordesilhana passava muito a oriente do cabo de Santo Agostinho.

Fosse como fosse, legitimamente ou não, achavam-se os portuguezes implantados no littoral brasileiro, desde Itamaracá até Cananéa, com trezentas e cincuenta leguas de costa, oito capitarias, dezenove povoações e tres mil e seiscentas familias de povoadores. E, sobretudo, admiravel era a posição do Rio de Janeiro e de S. Vicente, pontos forçados de arribada para as navegações do Sul.

E assim, ante as asseverações do seu cosmographo real, se robusteceu a crença, do rei hespanhol, de que, si a herança da corôa portugueza lhe vinha ás mãos, pelo menos quanto ao Brasil nada mais se fazia que uma restituição de passadas intrusões.

Longe das exagerações do geographo philippino, vigorou, comtudo, entre os hespanhóes da America, como criterio medio, a idéa firme de que a linha divisoria geographicá penetrava em Cananéa.

Repudiaram-na, comtudo, os paulistas, desde os primeiros annos, que a queriam levar muito a oeste, fazendo-a partir do Prata. Era, talvez, um dos pretextos para a legitimação de suas incursões pelo sertão a dentro, a busca de indios.

Seja como fôr, deste modo de vêr deram continuas e fortes demonstrações, a cada momento invocando os direitos de sua corôa sobre as terras do Sul do Brasil.

E a convicção nos resta de que, si não fôra esta attitude e a pertinacia do rechassamento dos hespanhóes para oeste, seria hoje a fronteira meridional do Brasil a linha divisoria dos Estados de S. Paulo e do Paraná. Ao sul do Paranaíba teríamos o Paraguay, a Argentina ou o Uruguay, mas o certo é que os nossos tres Estados meridionaes não seriam brasileiros.

Occupada larga zona do planalto paranaíano pelos guaranys do Paraguay, que se extendiam pelo territorio das nossas circumscripções do sul, é nos impossivel aventar uma data approximativa das primeiras relações entre a região de Piratininga e o Paraguay, propriamente dito.

Muito provavel é que pelo Tieté e o Paraná, desde época immemorial, vogassem as grandes canôas dos nossos indios em viagem longa e seguida por centenas e centenas de kilometros. Fundado S. Paulo, accentuou-se este movimento. Assim nada mais natural do que a internação dos paulistas pelos sertões dos principaes afluentes do Rio Grande, como então se dizia, guiados a principio, provavelmente, pelos navegadores de pelle cobreada.

São os documentos hespanhóes e os do Paraguay, sobretudo, que nol-o contam. Assim, a carta do famoso governador do Rio da Prata, Hernandarias de Saavedra, — homem coberto de serviços — ao rei, datada de Buenos Aires, a 5 de maio de 1607, em que se tem muitos curiosos informes sobre as cousas do sul do nosso continente.

Ao monarca relatava as novidades da exploração mandada fazer na vasta região recem-descoberta, entre Assumpção, Charcas (La Plata), Santa Cruz de La Sierra e Tucuman, territorio hoje paraguayo, boliviano e argentino, e o rei lhe respondera agradecendo estes novos serviços prestados á sua corôa.

Contestando a real missiva, longamente escreveu o governador buenairense. De sua resposta colhemos alguns dados interessantes e que nos dizem respeito.

Assim lembrava a conveniencia de se encetar a colonização das terras do rio Uruguay, "provincia muy fertil e de gran suma de indios". Na mesma occasião se encetaria a fundação do porto de

"Santa Catharina, de que se tiene noticia tener muchas buenas calidades y ser capaz de poder tener en su baya suma de naos de alto bordo sin riesgo de entrada ni salida y que puede estar cerrado con una cadena con que sera facil el tenerle fortificado para que no le puedan tornar enemigos".

Eis ahi o porto ideal de partida para as frotas do Prata, para onde se devia encaminhar o metal do Potosi, aventura o governador, pouco sabido nas cousas da geographia sul-americana. Assim "se aborrarian grandes gastos por ser este camino lo que el esta descubierto que desde Postosi lo mas del se puede andar con carretas y mas breve y la navegacion deste mar desde el licho puerto de Santa Catalina a Espana asi mesmo breve y de menos tormentos que por donde aora se lieva la plata".

Falava Hernandarias de Santa Catharina como se terra da Hespanha fosse, no que aliás não reflectia si não a opinião corrente entre os seus compatriotas.

Abaixo de Iguape e Cananéa, tudo era ou devia ser hespanhol.

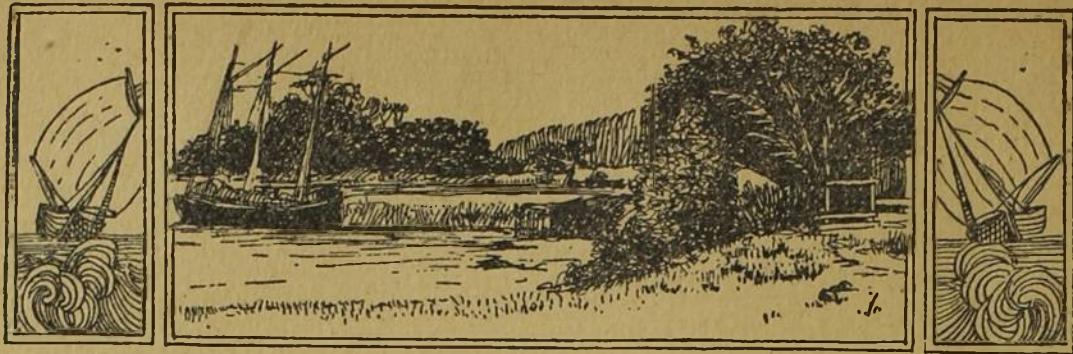
Referindo-se ao Guayrá, relatara que Ciudad Real, á margem do Pequiry, apenas tinha então trinta povoadores brancos, doze contava havia alguns annos, em tempo se despovoara com a fundação de Xerez no sul de Matto Grosso. Sessenta leguas acima, sobre o rio Ivahy, em Villa Rica del Spiritu Santo cem povoadores brancos se contavam. Em cento e cincoenta mil se computavam os indios daquelle vasto districto. Serviam como e quando bem lhes parecia, faltando aos brancos forças para os sujeitarem.

Frequentes já eram as communicações da zona com o Brasil. Assim as descreve:

"Confina esta Provincia con la del Brasil y algunas veces, desde que se descubrió el camino han ido y venido personas de aquella Provincia a San Pablo, que es un pueblo de la dicha Provincia del Brasil, adonde se va desde Ciudad Real, por el Paraná arriba, y después por otro rio más pequeno, cantidad de ciento y veinte leguas, y de alli, por tierra, otras veinte, al dicho pueblo nombrado San Pablo, de onde han pasado algunos portugueses á la dicha Provincia de Guayra, de los cuales llegaron cuatro á la ciudad de Asunción y yo los mandé volver. Sólo pasó al Peru un fraile, que por alli vino, enganando las justicias, y asi y quité el cargo al teniente, que le dejó pasar, por no dar principio á que por alli tengan pasaje."

Aquellas tres cidades, fundadas pelo sevilhano Ruy Dias Melgarejo, homem que prestou immensos serviços á causa hespanhola na America do Sul, jámais haviam ainda visitado governadores ou bispos, tão longinquas eram.

A Melgarejo succedera outro official coberto de serviços: Don Antonio de Anasco, sobrinho de Hernandarias, actualmente (1607) em Assumpção a governar o Paraguay, como seu logar-tenente.



## NOTAS DO EXTERIOR

### A INDUSTRIA CINEMATOGRAPHICA INGLEZA

O magazine norte-americano "World's Work" publica um artigo do sr. Fed. A. Tealbot, sobre a industria cinematographica ingleza.

A industria do cinematographo, observa o autor, a mais recente talvez entre as industrias modernas e desconhecida ha cerca de 20 annos, attingiu hoje a um progresso enorme. Calcula-se que ha no mundo actualmente cerca de 60.000 cinematographos, desde a sala mais modesta ao mais esplendido theatro. Se os spectaculos de tantos cinematographos com a duração media de uma hora e com o simultaneo desenvolvimento de 64.000 kils. de pelliculas, devessem projectar-se num unico theatro, seriam precisos cinco annos e meio de spectaculos continuos. Comprehende-se, pois, a necessidade de uma enorme producção, e o grande lucro para a industria, que ainda, não chegou a satisfazer a todos os pedidos. Ha alguns annos, quando o cinematographo se tornou popular, houve quem previsse a parabola descendente: só o tempo pôde justificar essas previsões pessimistas, que por enquanto estão bem longe da realidade. Com effeito, o cinematographo não attingiu ainda o seu apogeu. A guerra, considerando-o como superfluo á existencia, deteve o seu progresso, ao menos na Europa, ocupando em outros misteres as casas desse genero de diversões. Essas restricções ainda não desapareceram de todo: a primeira industria attingida pela guerra será a ultima a gozar dos beneficios da paz — o que tambem se pôde dizer com relação aos Estados Unidos, que são os principaes productores de "films" do mundo.

Nascida na Inglaterra, a industria cinematographica emigrou para a França onde se abriram os primeiros theatros cinematographicos, e ahi teve o seu primeiro impulso artístico. Voltou depois á Inglaterra, de onde passou para os Estados Unidos, que a levaram ao mais alto grau de perfeição. Dos Estados Unidos, o novissime divertimento se irradiou para todo o mundo, do estreito de Magalhães ao mar de Behring, transpoz o Oceano Pacifico para penetrar na longinqua Australia, em marcha triumphal, enquanto pela mesma época, se irradiava da Europa para o Oriente. Em vão, a religião procurou deter-lhe os passos; em vão, os seus fanaticos adversarios previram as suas funestas consequencias moraes e physicas: hoje as mesmas forças, que ao principio lhe eram adversas, trabalham pelo seu desenvolvimento, obrigadas a reconhecer a sua efficacia como vehiculo de propaganda moral.

O autor examina em seguida as causas da decadencia da industria cinematographica na Inglaterra. Nós, ingleses, diz elle, cessámos de ser considerados como productores de "films" — e preferimos comprar e revender. Londres, graças á sua optima posição estrategica, se tornou assim o primeiro centro commercial cinematographico do mundo. Mas, porque a Inglaterra não é mais productora de pelliculas cinematographicas? Em primeiro logar, o facto se explica pela indole dos ingleses, mais apta á criação do que á analyse e á applicação. Outra causa da inferioridade ingleza a este respeito, é a indifferença dos capitalistas — e isso porque as pelliculas inglesas não se vendem, visto não poderem se comparar com as norte-americanas. No que respeita aos actores, por exemplo, os ingleses estão muito abaixo dos norte-americanos, assim tambem quanto á escolha dos assumptos. E o autor conclue, com outras considerações, concitando os seus compatriotas ingleses a reagirem contra a invasão dos "films" norte-americanos, fabricando elles proprios os seus "films".

## NA IRLANDA... COMO NO CINEMA

Os telegrammas referem-nos na integra a resposta que o "Dail Eiream", por intermedio de De Valera, e em nome dos irlandeses, dá ás propostas que lhe apresentou Lloyd George em nome do governo britanrico: recusam-nas, por inaceitaveis, formalmente. O que não quer dizer que essa recusa implique ainda num rompimento — porque as negociações continuarão, esperando os irlandeses que finalmente Londres transija, ao peso da pressão que sobre seus estadistas exercerá o mundo, e os proprios "Dominios do Imperio".

Ha mezes e mezes que as peripcias da terrivel luta travada entre as tropas britannicas e as do "Sinn-Fein", vêm-se produzindo como os dos films mais impressionantes. Emboscadas audaciosissimas ao longo das estradas e nas curvas dos caminhos, surpresas e raptos sorprehendentes: um bello dia, achava-se calmamente um general inglez entre gue ás delicias da pesca das trutas; subito, surge-lhe ao lado um bando de individuos mascarados, cercam-no, envolvem-no, carregam-no e o levam seja lá para onde fôr, como "presa de guerra": até hoje a policia não lhe descobriu rastros ou sequer vestigios...

Doutra feita, outro bando de "sinn-feiners", disfarcados em officiaes, apresentaram-se á entrada de uma das prisões inglezas. As sentinelas prestaram-lhes as continencias da praxe militar, os atrevidos "sinn-feiners", por ellas passaram, penetraram no edificio e tentaram lá dentro libertar alguns prisioneiros irlandeses de importancia, que aguardavam conselho de guerra!

Audacioso? Sem duvida. E a verdade é que na tremenda luta de audacias que vem sendo travada na ilha, os inglezes não levam a melhor, Têm evidentemente a imaginacão menos fertil que os irlandeses. E além disso, estes sempre que querem encontram individuos dispostos a traír seus inimigos communs, ao passo que é difficilimo, quasi impossivel, os inglezes descobrirem um irlandez disposto a servir sinceramente a causa da Inglaterra. Se, por acaso encontrassem um, não lhe aproveitariam os prestimos por muito tempo, porque a justiça do "Sinn-Feinn" terrivelmente expedicta não tardaria a cair sobre elle.

Porque o "Sinn-Feinn" tem seus tribunaes, sua policia, seu governo. Quando um jornalista estrangeiro se dispunha a proceder a um inquérito ou reportagem na Irlanda, eram-lhe enviadas para Paris ou Londres algumas palavras mysteriosas de "passe"; assim, mas só assim, desde que deembarcava elle na ilha, era bem recebido, orientado com segurança, e podia á vontade colher suas notas e informes.

Tinha elle vontade de vêr pessoalmente os mysteriosos membros desse governo, todos elles com a cabeça posta a premio, e portanto mal segura sobre os hombros? Era satisfeito, e com precauções infinitas levavam-no a vel-os. Não lhe seria difficil obter uma entrevista com o proprio De Valera, presidente da Republica: apenas, preveniam-lhe que o minimo descuido, a mais leve indiscrição de sua parte seria incomparavelmente grave, porque poderia custar a vida ao presidente.

De Valera vivia assim occulto e cercado de vigilancia rigorosissima, porque os officiaes mais habeis e os mais audaciosos soldados britanicos caçavam-no á porfia.

Subito, uma estranha e sensacional transformação: o proscripto, o fugitivo, o perigoso homem, reduzido a viver occulto e disfagar-se sob nomes fantasticos de emprestimo, de um dia para o outro apparece no scenario europeu como nada menos que um chefe d'Estado reconhecido como tal e como tal homenageado! Investido de uma autoridade quasi soberana, ell-o que vae oficialmente á capital britannica, para discutir os negocios da Irlanda pessoalmente e directamente com o primeiro ministro do Imperio! Na vespera, condenado á morte, e ameacado de ter o crâneo varado por uma bala de fuzil da justiça ingleza, se se deixasse cair prisioneiro; no dia seguinte, recebido com todas as honras e homenagens em Londres e tratando com Lloyd George de igual para igual!

Uma verdadeira "mutação" de theatro. Episodio sensacional do grande film tragicó que se vem desenrolando nas Ilhas Britannicas...

Os inglezes podem ter defeitos. Têm-nos mesmo muitos, não resta disso a minima duvida. Sua grande qualidade consiste em curvar-se deante dos factos, a tirar de uma situação má inevitavel o melhor partido, ou por outra, o partido menos máo: "to make the best of it".

Se, ha pouco mais ou menos um anno, se dissesse a um "unionista" que o governo britannico, de que os "unionistas" são a principal força, que negociaria abertamente com o chefe dos rebeldes irlandeses, e se prepararia para mais cedo ou mais tarde conceder á Irlanda a indepen-

dencia, embora com certas restrições, — sem dúvida o homem daria um salto, indignadíssimo e romperia em clamores: "Nunca!". Protestaria elle. Protestaria com vehemencia, com o maximo de suas energias.

Nunca... Ora, esse "nunca" parece prestes a transformar-se em "amanhã!"

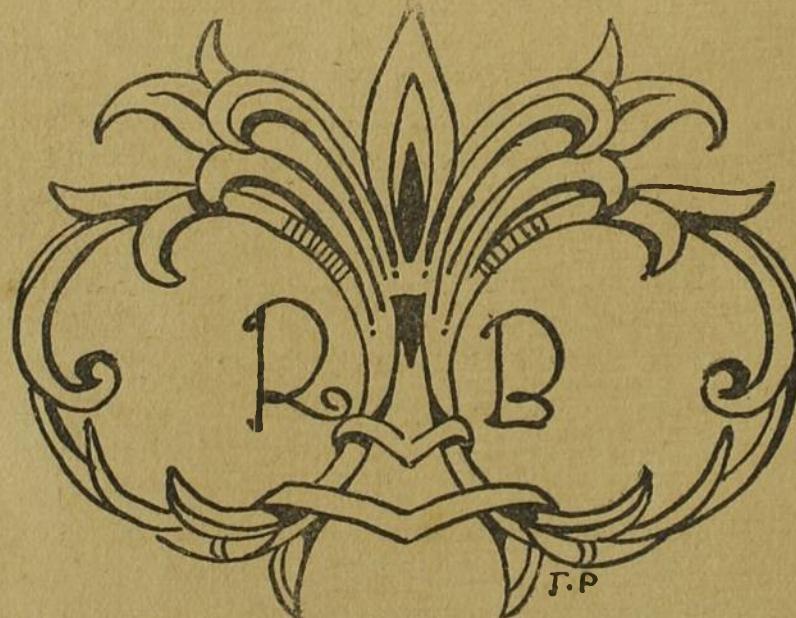
Como pôde ser isso? E a que se o deverá?

Os nacionalistas irlandeses na porfia tremenda mostraram não sómente "audacia" — que não seria bastante: mostraram também força, e principalmente força capaz de persistir e se manter resoluta por muito tempo.

Os ingleses reflectiram; pesaram os pro e os contra. De um lado, o descontentamento, a colera do Ulster, o velho odio protestante contra a Irlanda catholica "papista", odio que dorme mas não morre no íntimo de todos os corações britannicos. e os perigos que uma Irlanda independente pôde acarretar para a "unidade" do Imperio. De outro lado, a guerra civil se eternizando, absorvendo e consumindo dia por dia soldados, cada vez mais soldados, esses soldados, que afinal de contas a Inglaterra possue tão poucos; ademais, a energica pressão dos "Dominios", ansiosos por verem terminar esse conflito, e mais o desejo, a vontade ardente de tranquillizar e contentar a America, que apoia e sustenta sem disfarces e inteiramente a causa irlandesa...

Decididamente, deste ultimo lado que reside a força. De Valera e o Dail Eiream, todos os irlandeses o comprehenderam e disso estãc convencidos. Quando a Inglaterra se convencer tambem, transigirã.

"O Jornal".



# DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção digestiva pelo uso da

## GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

# Novidades literarias

á venda na "Revista do Brasil"

|  |         |
|--|---------|
| <b>Lais</b> — romance de Menotti del Picchia, 3. <sup>a</sup> edição . . . . .                               | 4\$000  |
| <b>Pão de Moloch</b> — chronicas do mesmo autor . . . . .  | 5\$000  |
| <b>De tudo para todos</b> — compilacões de um jornalista em férias por Alberto Veiga . . . . .               | 3\$000  |
| <b>O Declive</b> — pelo mesmo autor . . . . .  | 3\$000  |
| <b>Na esteira da luz</b> — pelo mesmo autor . . . . .  | 4\$000  |
| <b>Mocidade</b> — versos de Affonso Schmidt . . . . .  | 3\$000  |
| <b>Impressões de arte</b> — por Carlos Rubens . . . . .  | 3\$000  |
| <b>Vida Roceira</b> — Contos regionaes por Leoncio Oliveira .  | 6\$000  |
| <b>Reliquias da Memoria</b> — romance por Canto e Mello . .  | 4\$000  |
| <b>Alma em delirio</b> — idem . . . . .  | 4\$000  |
| <b>Bucolica</b> — poemeto pelo mesmo autor . . . . .   | 1\$000  |
| <b>Historias e Sonhos</b> — Lima Barreto (contos) . . . . .  | 4\$000  |
| <b>A Sciencia do Lar Moderno</b> — livro de receitas pela Da. Eulalia Vaz . . . . .                          | 5\$500  |
| <b>Rito Pagão</b> — Rosalina C. Lisboa, o magnifico livro de poesias premiado pela Academia Brasileira.      |         |
| Edição de luxo, broch. . . . .   | 4\$000  |
| Enc. em camurça . . . . .  | 12\$000 |
| <b>Ipês</b> — Ricardo Gonçalves, o malogrado poeta que tantas saudades deixou. — Linda edição broch. . . . . | 4\$000  |
| <b>A Renegada</b> — audacioso romance realista de C. D. Fernandes, n. <sup>o</sup> 2 da Collecção Brasiila.  |         |
| Brochado . . . . .   | 1\$500  |
| Encadernado . . . . .  | 3\$000  |
| <b>Elogio do Amigo</b> — optimo estudo critico do grande critico brasileiro, Nestor Victor.                  |         |
| Primorosa edição, brochado. . . . .  | 4\$000  |
| <b>O Sacy</b> , livro para crianças, por Monteiro Lobato, com 40 desenhos de Voltolino.                      |         |
| <b>Fabulas de Narizinho</b> , por Monteiro Lobato, com illustrações.   |         |

MONTEIRO LOBATO & CIA.

Rua da Boa Vista, 52-sob.

PORTE PAGO POR NOSSA CONTA

# Novidades literarias argentinas

De HUGO WAST, o escriptor sul-americano que tem alcançado maiores tiragens, e que acaba de contractar a edição de um romance pelo preço mais alto já obtido na America do Sul, como se vê da reprodução do contracto que damos no reverso desta pagina:

|  |        |
|--|--------|
| <b>La Corbata Celeste.</b>               | 6\$000 |
| <b>Ciudad Turbulenta, Ciudad Alegre.</b> | 6\$000 |
| <b>Valle Negro.</b>                      | 6\$000 |
| <b>La casa de los Cuervos.</b>           | 6\$000 |
| <b>Flor de Durazno</b>                   | 6\$000 |

De MANOEL GALVEZ:

|                               |        |
|-------------------------------|--------|
| <b>Nacha Regules.</b>         | 4\$000 |
| <b>La maestra normal</b>      | 5\$000 |
| <b>La sombra del convento</b> | 5\$000 |

De BERNARDO SHAW:

|                                |        |
|--------------------------------|--------|
| <b>El heroe y sus hazañas.</b> | 5\$000 |
|--------------------------------|--------|

De ARTURO CAPDEVILA:

|                                |        |
|--------------------------------|--------|
| <b>El amor de Schahrazada.</b> | 4\$000 |
|--------------------------------|--------|

De CARLOS IBARGUREN:

|  |        |
|--|--------|
| <b>La literatura y la gran guerra.</b> | 5\$000 |
|--|--------|

De DELFINA BUNGE GALVEZ:

|                            |        |
|----------------------------|--------|
| <b>La nouvelle moisson</b> | 4\$000 |
|----------------------------|--------|

De MOISE'S KANTOR:

|                         |        |
|-------------------------|--------|
| <b>Sandro Boticelli</b> | 4\$000 |
|-------------------------|--------|

De HORACIO QUIROGA:

|   |        |
|---|--------|
| <b>Cuentos de Amor, de locura y de muerte</b> | 6\$000 |
| <b>El Salvaje</b>                             | 6\$000 |
| <b>Cuentos de la selva</b>                    | 4\$500 |
| <b>Anaconda</b>                               | 6\$000 |
| <b>Sacrificadas</b>                           | 4\$500 |

Pedidos a

MONTEIRO LOBATO & CIA.

2027.393



Buenos Aires Octubre 13 de 1921

Art. 1- La "Editorial Bayardo", Sarmiento 865, adquiere del Dr. G. Martinez Zuviria, Galería Guemes 560, el derecho a publicar con el seudónimo de Hugo Wast, su novela "El amor Vencido".

Art. 2- La "Editorial Bayardo", hará una edición en La Nueva del Dia de cien mil ejemplares, y treinta ediciones de mil, cada una en volumen, de 2.50, en la "Edición Libertad".

Art. 3- La "Editorial Bayardo" pagará al Dr. G. Martinez Zuviria, al ponerse en venta, tres pesos m/n, por cada línea impresa, que resulte en el volumen de la "Edición Libertad", en cuerpo 10, a medida 18.

Art. 4- El segundo episodio de esta novela, con el título de "El Amor Invencible", será adquirido por la "Editorial Bayardo", en las mismas condiciones, debiendo ser entregado por su autor en Diciembre del corriente año.

Art. 5- El derecho de adaptación teatral y cinematográfica de estas novelas, no se incluyen en este contrato.

Firmado en dos ejemplares:

G. Martinez Zuviria J. Luis Medina

DIRECTOR-GERENTE

EDITORIAL BAYARDO

## CARICATURAS DO MEZ

“CHEZ MME. SERAPIÃO”



— 500?! Mas é de raça o cãozinho?  
— E' sim, senhora: quando eu o comprei garantiram-me que era puro “off-street”.

SANTIAGO (*D. Quixote*).

---

AS TRIPAS VÃO ESTUDAR



— E agora! O que é que eu vou fazer dessa carta?  
— Engolle.

J. CARLOS (*Caretá*)

NAS ALTEROSAS



— Pula cá para dentro.

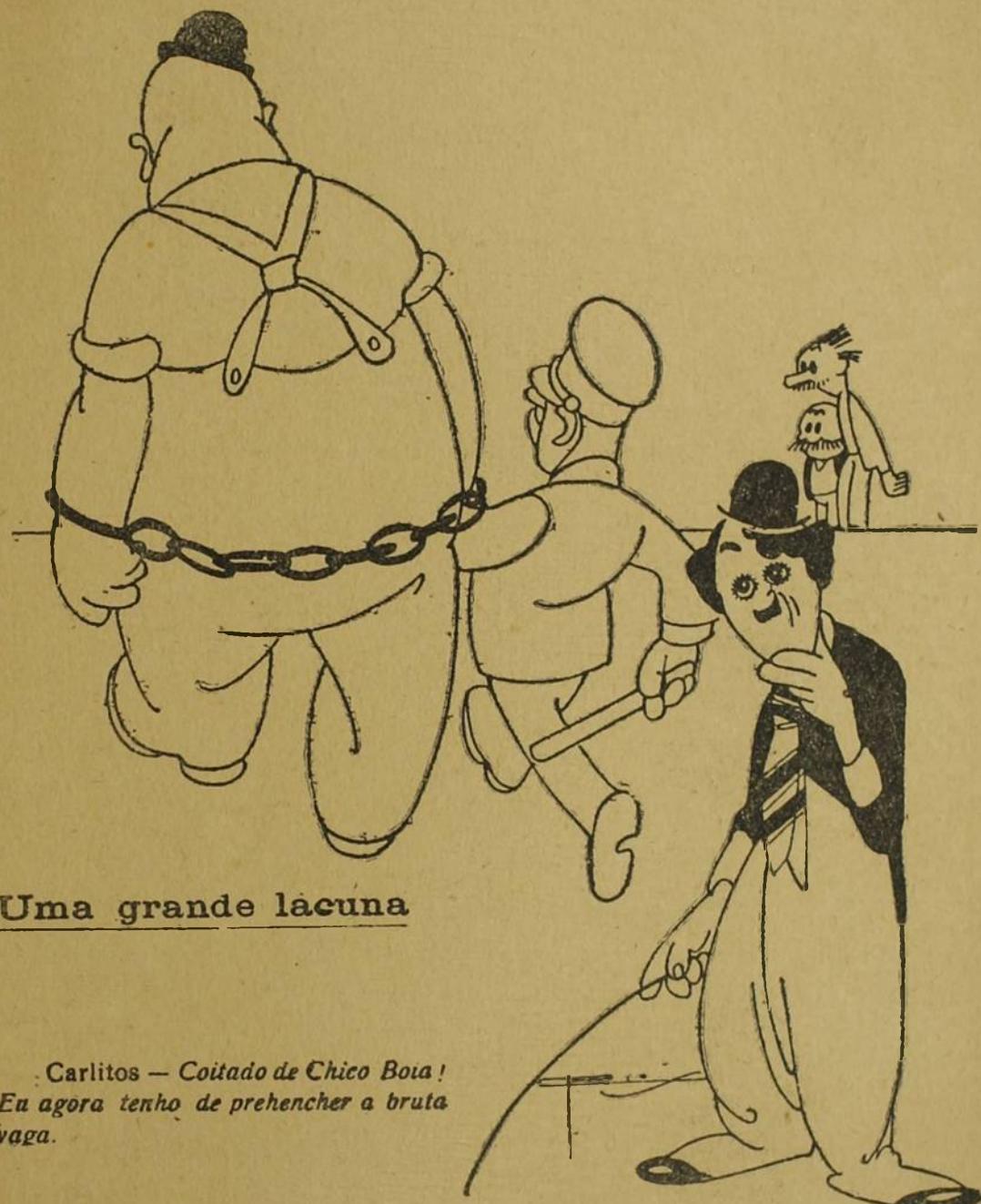
ANTES E... DEPOIS



— Minha senhora; depois do espectaculo V. Exa. dá licença  
que eu a acompanhe até... a minha casa?

BELMONTE (*Vida Paulista*).

CHICO BOIA PRESO

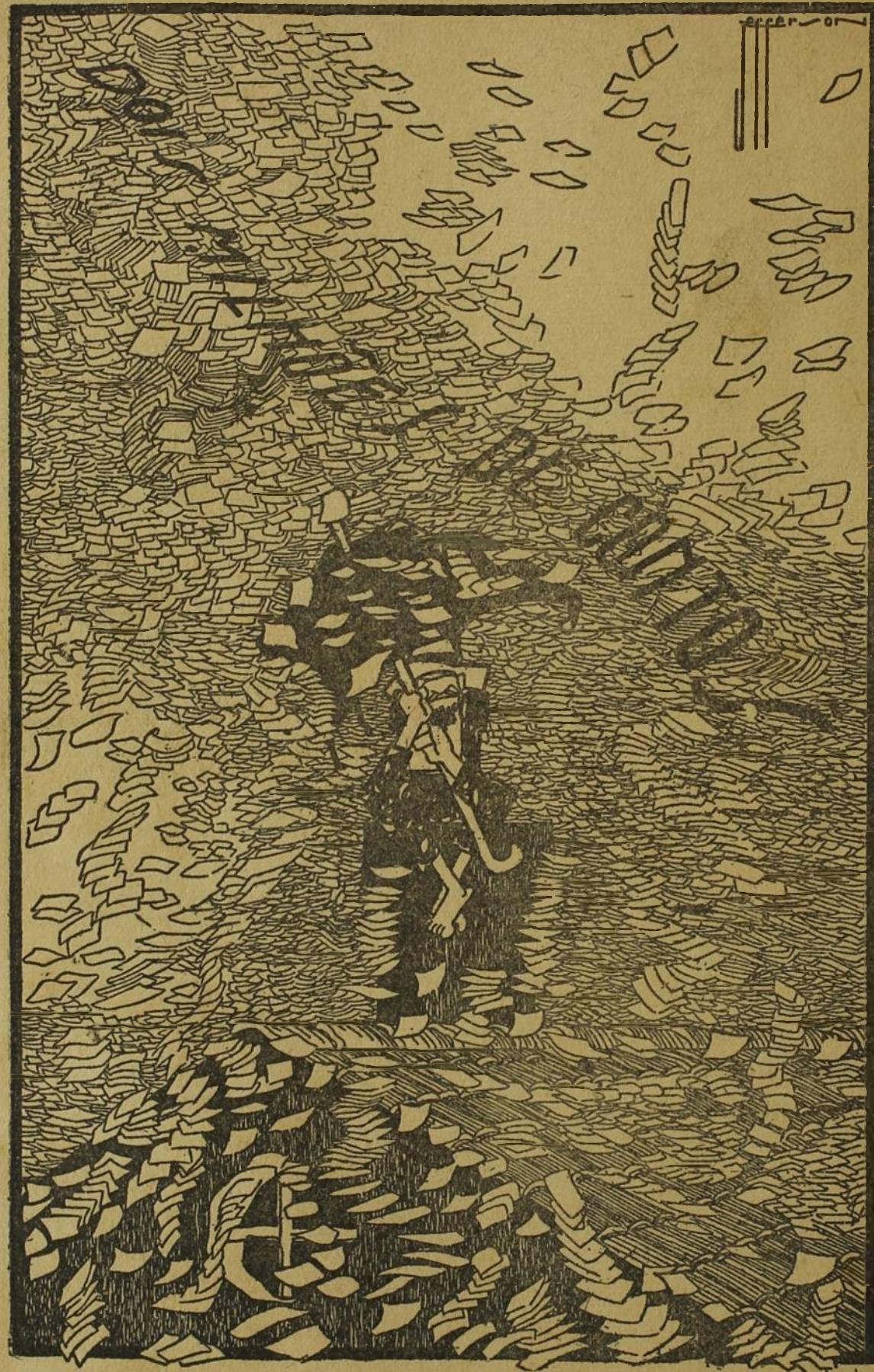


Uma grande lacuna

Carlitos — Coitado de Chico Boia!  
Eu agora tenho de prehencher a bruta  
yaga.

J. CARLOS (D. Quixote).

O DILUVIO DE PAPEL INCONVERSIVEL



Jéca (tragico) — Quanto mais, "mió". Um dia eu faço uma fogueira disso tudo e quero "vê" quem é que escapa. JEFFERSON (D. Quixote).



## AO RESPEITAVEL PUBLICO E A' CLASSE MEDICA

Os fabricantes do "GUARANA' ESPUMANTE", cheios de justo orgulho, receberam, do Exmo. Sr. Dr. Prof. Ernesto Bertarelli, notavel hygienista e um dos maiores scientistas da Europa, o seguinte honrosissimo attestado, que tem a honra de publicar integralmente:

O "GUARANA' ESPUMANTE" é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes, e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o "GUARANA' ESPUMANTE" preferido ás bebedas que contêm aquellas substancias prejudiciaes".

S. Paulo, 1.<sup>o</sup> de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI.

# HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes  
para construcção,  
aço e ferro, anilinas  
e outros  
productos chimicos.

# Banco da Provincia do Rio Grande do Sul

Fundado em 1858

Sede Central: **PORTO ALEGRE**

Capital . . . . . Rs. 40.000.000\$000

Fundo de Reserva . . . . Rs. 22.000:000\$000

Filial no Rio de Janeiro — Rua da Alfandega, 2

Filiaes e Agencias no Estado do Rio Grande do Sul

|                   |                      |                       |
|-------------------|----------------------|-----------------------|
| Alegrete          | Ijuhy                | Rio Pardo             |
| Arroio Grande     | Itaquy               | Rosario               |
| <b>Bagé</b>       | <b>Jaguarão</b>      | <b>Santa Cruz</b>     |
| Bento Gonçalves   | Lageado              | Santa Maria           |
| Bom Jesus         | Lavras               | S. Ant. da Patrulha   |
| Cachoeira         | Livramento           | S. Fco. de Paula      |
| Caxias            | Montenegro           | <b>S. Gabriel</b>     |
| <b>Cruz Alta</b>  | <b>Nova Hamburgo</b> | S. Leopoldo           |
| Caçapava          | Passo Fundo          | S. Victoria do Palmar |
| <b>D. Pedrito</b> | Palmeira             | Taquara               |
| Estrella          | Pelotas              | Uruguayana            |
| Guaporé           | Pinheiro Machado     | Vaccaria              |
| Garibaldi         | <b>Rio Grande</b>    | Venancio Ayres        |

Correspondentes em todas as praças do Rio Grande do Sul e  
nas principaes do Brasil e do Estrangeiro

## ACABA DE APPARECER **SENHORA DE ENGENHO**

Romance de costumes pernambucanos

POR MARIO SETTE

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL"

PREÇO: 1\$500 O VOLUME

**MONTEIRO LOBATO & CIA.**

**NA REDACÇÃO DESTA REVISTA**

*Vende-se uma collecção com-*

*pletea da revista*

**“Eu Sei Tudo”**

*por preço de occasião*

**ULTIMAS EDIÇÕES DE**

**Monteiro Lobato & Cia.**

*Fim*, livro de versos por Medeiros e Albuquerque, broc. . . . . 4\$000

enc. . . . . 5\$000

*O Sacy*, historias para crianças, por Monteiro Lobato . . . . . 2\$500

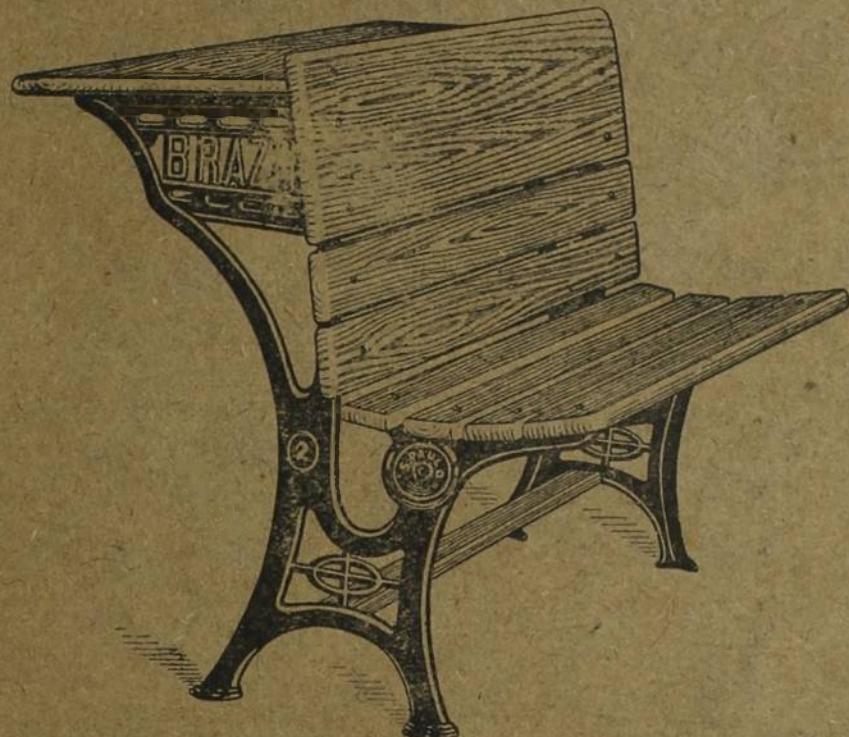
*Fabulas*, por Monteiro Lobato, linda edição . . . . . 3\$000

*Senhora de Engenho*, 3.<sup>a</sup> edição, romance por Mario Sette . . . . . 1\$500

*Cidades Mortas*, contos, Monteiro Lobato, 3.<sup>a</sup> edição . . . . . 1\$500

46288

# MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogo e informações minuciosas á  
**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES**  
**“EDUARDO WALLER”**

— DE —

**J. Gualberto de Oliveira**

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Conselação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

**AS MACHINAS  
LIDGERWOOD**  
para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis pa-  
ra a laboura, segundo experien-  
cias de ha mais de 50 annos no  
Brasil.

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a  
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-  
cessorios para a laboura.  
Correias - Oleos - Telhas de zinco -  
Ferro em barra - Canos de ferro gal-  
vanizado e mais pertences.

**CLING SURFACE** massa sem rival para  
conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaequer  
machinas, canos de ferro batido galva-  
nisado para encanamentos de agua,  
etc.

---

**PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.**

**DIRIGIR-SE A'**

**Rua São Bento, 29-c - S. PAULO**